BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 4 — ABRIL

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4
BRAGA

1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

O COFRE DO CAPITÃO-MÓR

O homem, concluida a guerra do Paraguay, liquidou quinhentos contos, e retirou-se com esposa e filha para Mondim de Basto, sua patria.

Passou, acaso, um dia por perto das ruinas de um casarão, reparou na pedra de armas que encimava um vasto portal de quinta, e perguntou de quem eram aquelles pardieiros.

O abbade, a quem a pergunta era feita, respondeu:

— São da fazenda nacional, que se está cobrando, ha trinta e dous annos, de uma divida antiga de impostos e respectivos juros e custas.

— E, depois que a fazenda nacional estiver embolsada, de quem é isto?

— Veremos a qual dos credores a lei dá a primazia — tornou o abbade.

— Acho que os donos d'estes pardieiros eram fidalgos, porque tem armas reaes á porta — volveu o brazileiro pouco versado em heraldica.

— Estas armas não são as reaes — explicou o padre — é o brazão de Pachecos e Andrades, muito illustres senhores d'este paço, que, em bons tempos, se chamou a honra de Real de Oleiros.

— Cahiram em pobreza?

— Sim, senhor; mas pobreza que tem uma historia interessante. Meu avô conheceu esta familia no galarim. Contava elle que o capitão-mór Pedro Pacheco estava em Lisboa, quando o marquez de Tavora, com os seus parentes, tentaram matar D. José, que era o amante da marqueza nova. Havia marqueza velha e nova, como sabe...

— A fallar a verdade, não sei isso muito bem — atalhou ingenuamente o snr. José Maria Guimarães — Então como foi lá essa pouca vergonha?

— Contos largos. A marqueza velha foi degolada, por não aceitar a prostituição da nora; a marqueza nova foi para um mosteiro bem regalado, em quanto o marido ia para a masmorra, e da masmorra para o cadafalso. Contos largos, amigo e snr. Guimarães. Vamos cá ao nosso caso. O capitão-mór Pedro Pacheco era muito de casa do duque de Aveiro; e, como eu disse, estava em

Lisboa, quando o duque foi preso na quinta de Azeitão. Assim que o soube, fugiu, e não fez mal; porque foi procurado lá e aqui. Logo que chegou a esta casa, que era então um paço feudal, deu ordem á mulher que se preparasse e mais dous filhos menores para sahirem do reino. E, em quanto enfardelavam as bagagens, o capitão-mór mandou chamar meu avô, lavrador abastado, alferes de ordenanças, e muito seu amigo, para lhe entregar um cofre de pau preto com braçadeiras de bronze, cheio de peças. O cofre era tão leve ou tão pesado que meu avô, querendo erguel-o pelas argolas, gemeu. Lá por noite fóra, pegaram os dous no cofre, transportaram-o á casa que ainda é a minha, e metteram-o n'um falso que ficava escondido pelas costas do leito de meu avô. Disse então o fidalgo ao depositario da sua riqueza que n'aquelle caixote estavam trezentos mil e tantos cruzados em dobrões e peças de ouro, e outras moedas muito antigas. Disse mais que a sua casa ficava exposta a buscas de quadrilheiros e de tropa, que era o mesmo que deixal-a franca aos assaltos dos ladrões. Por tanto, confiava de meu avô o seu dinheiro, sentindo não ter mais valiosas cousas que confiar á sua honra.

— Trezentos mil cruzados! — murmurou o

snr. Guimarães, esbugalhando os olhos — era bem bom d'elle! E depois?

— O fidalgo foi para Hespanha, e para Inglaterra, onde tinha um seu parente embaixador, e por lá esteve alguns annos. N'este comenos, meu avô pegou de adoentar-se de molestia ethica, e escreveu ao capitão-mór, pintando-lhe o seu estado, e pedindo-lhe que viesse ou mandasse tomar conta do cofre. O fidalgo appareceu aqui uma noite com o maior resguardo, e metteu-se no seu palacio, confiando-se de um criado sómente a quem deixára a feitorisação das terras. De madrugada, mandou chamar meu avô, passaram juntos o dia, e de noite trouxeram ambos o cofre. Contava meu pai, — parece que o estou ouvindo, — que meu avô muitas vezes lhe dissera que o fidalgo não declarára onde tencionava esconder o thesouro; mas positivamente lhe dissera que o não levava para Inglaterra, já por temer ladrões, já porque não precisava gastar mais que os rendimentos da sua grande casa.

Meu avô morreu d'ahi a mezes; e o capitão-mór voltou para a patria, no anno de 1777, quando D. José morreu, e o marquez de Pombal foi desterrado.

— Essa não sabia eu! — atalhou com civico enlêio o snr. Guimarães.

— Que é que v. s.ª não sabia?

— Que o grande marquez foi desterrado! Quem foram os marotos que...

— São contos largos, snr. Guimarães. Vinha eu contando que o capitão-mór voltou, já viuvo, com dous filhos barbados, muito extravagantes, sem religião de casta nenhuma, criados entre hereges, destemidos, e levadinhos de todos os diabos. Ainda não ha muitos annos que morreram dous velhos do seu tempo que me contaram as malfeitorias que elles praticavam. Batiam a matar em todas as ordenanças que por ordem superior lhe tinham entrado em casa á procura do pai. Deshonestavam todas as cachopas d'estas tres leguas em roda. Em fim, amarguraram a velhice do pai, que era um santo homem, a ponto de lhe roubarem as pratas porque elle lhes não dava quanto dinheiro pediam. Finalmente, o velho morreu de repente em 1782, segundo reza o epitaphio que está na igreja de Refojos, convento que elle e seus ascendentes haviam beneficiado...

— E os trezentos mil cruzados? — interrompeu o brazileiro.

— Lá vou já. Assim que o pai se finou, os dous filhos abriram todas as gavetas, levantaram taboas, desladrilharam as lojas, escavaram debaixo dos toneis, escalavraram os forros, e nada topa-

ram. Revolveram todos os papeis, a vêr se encontravam alguma indicação do dinheiro; e, com effeito, em um papelucho mettido n'uma carteira vermelha, acharam isto, que meu pai leu tambem: *Póde ser que a pobreza vos não corrija; mas a riqueza de certo vos faria tigres. Eu não morrerei com o remorso de vos deixar nas mãos o peor instrumento dos perversos, que é o ouro não adquirido com o proprio suor.* Tomaram-se de raiva, e romperam direitos a casa de meu pai, perguntando-lhe pelo dinheiro do seu.

— Não ha duvida — respondeu meu pai — que n'esta casa e n'aquelle falso esteve um cofre do snr. capitão-mór; mas, alguns mezes antes de dar a alma a Deus, meu pai, que era honrado, entregou o cofre a quem lh'o dera a guardar.

— E depois? — bradaram elles.

— Depois, nada mais sei, senão isto que seu paisinho me repetiu muitas vezes.

— Nós havemos de achar os ladrões.

— Pois é procural-os — disse meu pai.

Volveram a casa, e amarraram de pés e mãos o velho feitor do capitão-mór, determinados a não o desatarem sem elle denunciar a paragem do thesouro; porque o velho declarára que ninguem, senão elle, soubera da vinda do capitão-mór á patria, em quanto vegetou el-rei D. José, e o mar-

quez de Pombal reinou. O feitor deixava-se martyrisar e morrer, ou porque realmente nada sabia, ou porque esperava que a final o deixassem. O caso é que, depois de solto, desappareceu d'estas terras, e nunca mais houve novas d'elle. Muita gente suppoz que o feitor levou os trezentos e tantos mil cruzados; mas meu pai, que o conheceu e teve em conta de muito honrado, affirmou que o dinheiro estava enterrado. Não sei; mas o desapparecimento do criado confidente do capitão-mór, a meu vêr, deixa suppôr que a estas horas, lá por esses reinos estrangeiros, vivem muito ricos os filhos do feitor. Deus sabe o que foi.

— E então os dous filhos do capitão-mór ficaram pobres? — tornou o snr. Guimarães.

— Pobres?! não, senhor. Quem tem sete quintas, que rendiam cinco a seis mil cruzados, que ha oitenta annos valiam dezoito mil cruzados de hoje em dia, não é pobre. O que elles fizeram foi tratar de se empobrecer. O morgado por aqui ficou, entretido com mulheres, galgos, caçadas, cavallos, feiras, jogo e valentias. O outro, que teve duas quintas de patrimonio, reduziu-as a moeda sonante, e foi para Lisboa requerer não sei que recompensas a D. Maria I, pensando que o ser seu pai amigo do duque de Aveiro, lhe dava direito a ser galardoado. Ora, se elle soubesse

que a filha de D. José negou ao desventurado, ao innocente e quasi mendigo D. Martinho de Mascarenhas os bens de seu pai, duque de Aveiro, não iria allegar como cousa digna de premio o affecto do capitão-mór ao regicida suppliciado.

— Conte-me lá isso por miudos... — atalhou o brazileiro que não lêra a *Historia portugueza* do snr. Viale.

— São contos largos. Vamos primeiro á historia do ultimo senhor da honra do Real de Oleiros — respondeu o abbade, e continuou: Não sei onde nem quando morreu Sebastião Pacheco de Andrade, o filho segundo do capitão-mór. Ouvi, porém, dizer que morrêra novo, pobre e deshonrado. Quanto ao morgado, sei que elle casou com a menos digna das suas concubinas, já quando não toparia menina honesta que aceitasse o fidalgo de Real de Oleiros. Christovão Pacheco, apesar da libertinagem e desperdicio, ainda gozava o que se chama decente mediania, quando sahiu d'este mundo, antes dos cincoenta annos. Teve um filho ante-nupcial da criada com quem casou. Este conheci eu mui de perto e em conflicto muito deploravel, como lhe contarei. O pai, que desprezava frades, e zombava da religião, mandara-o educar em religião e com um parente frade da ordem benedicti-

na. O rapaz alegrou-se grandemente ao noticiarem-lhe que o pai era morto e elle herdeiro. Veio aqui, por ahi esteve dous annos socegadamente, olhando pelos bens, posto que debaixo de tutela; e, quando orçava pelos dezenove annos, tão grandes amostras dava de homem de bem que se lhe offereceu para esposa uma senhora de linhagem illustre e dotada com vinte mil cruzados. Emancipado pelo casamento, apossou-se do casal, desempenhou parte das quintas hypothecadas, e manteve bons creditos por espaço de alguns annos.

Em 1832 era elle ainda muito rapaz, e já então vestia a farda de capitão de milicias. Esteve no cerco do Porto, onde consta que procedera valentemente. Porém, no fim da guerra, os bons costumes com que sahira d'esta casa por lá ficaram. O homem voltou tão diverso, tão estragado na moral, que já ninguem o via e ouvia que se não lembrasse do pai. A esposa não sei se por santa, se por peccadora, fugiu-lhe com uma criança de cinco annos para a casa d'onde viera; e elle, hypothecando os bens já deteriorados com as prodigalidades da vida militar, levantou muitos contos de reis, e estabeleceu-se em Lisboa.

Desde 1836 a 1843, o seu viver na capital deu brado por *aventuras amorosas*, como lá dizem os

salteadores da honra das familias. Pedro de Andrade, que assim se chamava, como seu avô, era um homem gentil, bem feito, galhardo, e muito airoso. Tinha as seducções de Satanaz feito homem. A corrupção de Lisboa era grande, e elle ainda maior; mas desgraçadamente, o maldito empestou muita menina innocente, e abriu muitos abysmos aos pés das virgens que pareciam ter postos no céo os olhos contemplativos.

—Que grande maroto!—disse o brazileiro.

—Em 1843, depois de uma ausencia de seis annos, appareceu aqui, de repente, Pedro de Andrade, e procurou-me a fim de me propôr a compra dos bens que ainda não estavam captivos de dividas. Eu desculpei-me com a falta de dinheiro, e outros aceitavam a proposta, se a mulher assignasse os contractos. N'este entretanto, recebi de Lisboa certa gazeta de que era assignante, onde li uma noticia que me abalou dolorosamente. E, estando em minha casa Pedro de Andrade, perguntei-lhe se tinha noticia do triste successo contado pelas gazetas.—Qual successo?—perguntou elle. «Eu lh'o leio» disse eu; e visto que estamos á minha porta, queira o snr. Guimarães entrar, que eu lhe vou lêr a gazeta, que Pedro de Andrade ouviu com inalterado semblante.

.·.

O brazileiro entrou na saleta do abbade, que tirou da estante dos seus livros a *Revista Universal Lisbonense* de 1843; e leu, a paginas 23, o seguinte:

«A POMBA E O ABUTRE

«Quasi todos os papeis publicos transcreveram do *Portugal Velho* o caso de uma donzella fugida do paço real. Levantaram sobre isto altos clamores contra ella, contra o seductor, contra a perda da proverbial gravidade do palacio portuguez. Sentimol-o e calamos. — Era assumpto melindroso; para relatar e sentenciar careciamos ainda de evidencia. Hoje suppômo-nos habilitados para ratificar e completar a narração de um successo que, devida ou indevidamente, já cahiu no dominio do publico, e não é possivel extorquir-se-lhe da memoria.

«No palacio velho da Ajuda vegetam ainda umas cincoenta ou mais solitarias, que, opprimidas dos annos e das molestias, recebem da caridade da soberana o pão pelos serviços, que outr'ora prestaram ás rainhas e princezas suas as-

cendentes; — são os ornamentos partidos e desfigurados de um seculo, que desabou para nunca mais ser reconstruido. — Todas estas mulheres são tristes como reliquias de tempos festivos, saudosas, ou antes, saudades ellas mesmas: — a presença de todas e de cada uma, aggrava a cada uma e a todas ellas a melancolia do crepusculo da morte, que já lhes vem anoitecendo. — Todo o reboliço, todas as quotidianas transformações materiaes, moraes e politicas da visinha capital, onde já foram vivas, moças e brilhantes, ou não chegam alli, ou só chegam como uns contos vãos e longinquos, como sonhos de cousas passadas em outro planeta: ¿que tem ellas que vêr no berço que se apparelha para uma nova idade? — ellas, que já pendem para o sepulchro, a contemplar no fundo d'elle tantas cousas louçãs e vivazes, que lhes pertenciam!

«Entretanto no meio d'este palacio de tristezas volteava ainda um raio de sol; um arbusto florejava purpuras no meio d'este cemiterio; uma avesinha cantava primavera entre o desconsolo d'estas ruinas; uma viração deliciosa fazia ás vezes susurrar agradavelmente estes musgos resequidos. Tudo isto era a joven Maria, lindeza de 18 annos, lindeza corporal como poucas, lindeza de espirito como ainda menos, lindeza de cora-

ção como quasi nenhuma, sobrinha e companheira de uma d'estas velhas, companheira e amiga de todas ellas. Maria, era realmente o feitiço, a vida e o encantamento d'aquelle retiro sem porvir. Toda a casa a amava: era uma paga de divida; Maria queria-lhe muito, quasi que alli abrira os olhos, pelo menos outra nenhuma lhe lembrava; sob aquelles tectos brincára desde a idade de tres annos; entre aquellas cabeças encanecidas se fôra coroando a sua de longas tranças louras: entre o crescer de tantas rugas se desenvolveram e aperfeiçoaram as suas graças; entre o progressivo decahir de tantas prendas e esperanças como as folhas verde-pallidas que em pomar de outomno se despegam uma a uma, os seus talentos naturaes por uma desvelada educação, que a munificencia da snr.ª D. Maria I proporcionára a sua tia os meios de lh'a dar, tinham chegado ao seu maior auge.

«Maria do Carmo reunia ás prendas manuaes proprias do seu sexo, um lêr e escrever primoroso, noções e gosto de litteratura, mórmente da franceza, em cuja lingua era mui versada, e musica, merecendo no piano as honras de mestra, e por corôa de elogio verdadeiro, os seus costumes eram puros e o seu coração religioso: nas orações que todas iam quotidianamente depôr

aos pés do altar, as d'ella deviam rescender mais a innocente alegria que a temores ou remorsos. — A 25 de junho orava no côro com sua tia quando o relogio dos paços bateu as 6 da tarde. Levanta-se, pede licença para deixar o restante para depois, e ir entregar — que o prometteu — um debuxo de bordados a uma sua amiga fóra da casa.

«Foi: correram horas, e não voltou.

«Começaram e cresceram cuidados: mandou-se á busca por todas as partes: passou o serão, passou a noite, e passaram tambem dias, sem que a tornassem a vêr, nem a ouvir d'ella nova alguma.

«N'essa tarde alguem se lembra de ter notado uma sege parada debaixo da arcada do paço. E um morador da casa acrescenta que, perto da noite, achando-se no caes do Sodré, vira chegar uma sege á porta de uma hospedaria, e um homem de chapéo branco apear uma menina, que lhe pareceu ella.

«Devolvidos quatro mortaes dias, chega no domingo um gallego com uma carta para a consternada tia: — entrega-lh'a em mão propria, e ajunta, havel-a recebido de uma menina mui linda, que lavada em lagrimas e afogada em soluços lhe recommendára fosse leval-a correndo,

e lhe trouxesse signal de ter sido recebida. O conteudo d'esta carta ninguem o soube, mas parte d'elle facilmente se póde presumir. — Ás nove horas d'essa mesma noite viram-se sahir pela portaria dous vultos rebuçados, que por mais que a porteira os interrogasse, partiram sem dar resposta. Á hora e meia da noite os mesmos dous vultos vieram bater á porta, trazendo entre si amparado e quasi em braços um terceiro, que ninguem reconheceu. Abriram uma porta, que havia muito não servia, e que dava passagem para a pousada da fugitiva, e entraram.

«Pessoa do sitio por quem isto soubemos, nos acrescentou, que o estado de Maria na seguinte manhã, segundo lh'o descrevêra quem acabava de a vêr, cortava o coração. As suas tranças louras e espessas tinham desapparecido. O seu rosto pendia pallido e esmorecido. Duas fontes corriam dos seus olhos. A sua dôr via-se e era terrivel porque era muda.

«As suas occupações desde então teem sido orar e chorar: com isto leva no oratorio as horas do dia e da noite, abraçada com a imagem da consoladora dos afflictos, beijando-a nos pés, nas mãos e no rosto como filha a sua mãi — como filha prodiga, que procura, á força de se restituir toda, reconquistar o coração mater-

no; como se coração materno se apartasse nunca. O pai aggravado perdôa, a mãi não, toda ella foi sempre amor, e o amor não sabe senão amar.

«A unica pessoa, que além de sua tia, a tem visto, é o medico, alma sensivel, de quem recebe os soccorros mais assiduos e delicados. Entretanto o mal que a mina é grave. Quasi privada do alimento e do somno, os seus dias parecem ameaçados de um fim prematuro. Se a violencia mesma da sua dôr lhe não limitar em breve a duração, outro perigo pouco menos cruel que o da morte, parece ameaçal-a. O pranto continuo que afoga os seus olhos, receia-se que venha por ultimo a lh'os apagar, e que a pobresinha que, ainda ha pouco, era o raio de sol de toda a habitação, venha ainda a ser, mergulhada em trevas e sobrevivendo a si mesma, um objecto de profunda e esteril compaixão para tantas infelizes, a quem ella, pouco ha, repartia alegrias e emprestava mocidade.

«¡¿E agora quem a condemnará por um erro, cuja origem e historia nos são desconhecidos?!¿quem a apedrejará entre os braços, sob o manto e sob os olhos da rainha dos anjos, que lhe deu o seu nome, lhe chama filha sua e com a vista serena e amorosa lhe está apontando para

as alturas?! ¡¡¡Que delictos e crimes (quanto mais erros)! deixariam de se lavar com tantas lagrimas!!! ¡¡¡E ha entretanto aqui um homem, talvez entre nós, talvez festejado e respeitado — um homem, que ella generosa não nomeia, não nomeará nunca — um homem, cujo rosto mais duro que o de Caím se não transformou, se não tingiu de repente na côr de sua alma para o denunciar, como sacrificador da innocencia, da virtude, da formosura, e do amor, de um amor irresistivel, inspirado por elle, e que a elle sacrificava tudo até a vida, — tudo até o porvir — tudo — tudo até a honra!!! ¡¡Ha ahi um homem d'estes!! Ha-o sem duvida! e se as justiças o descobrissem, este homem receberia uma pena: menos affrontosa que a do ladrão assassino... Este homem não havia de ser mandado por todas as cidades e villas do reino de braço dado com o carrasco, para ser atado a cada pelourinho, escarrado no rosto por todos os homens e mulheres, e esbofeteado depois pelo seu menos infame companheiro de jornada com a mão esquerda. Não: que importa o que padece uma mulher? Não crêsse nas palavras de quem a fascinára; não fosse moça, innocente e amante; não fosse mulher. As justiças da sociedade teem mais cousas em que pensar. ¿E de mais não se vê isto

todos os dias? Não são conhecidos muitos outros que tambem matam assim o tempo com estas caçadas amorosas? ¿que o confessam com vangloria e que em companhias mui luzidas são por isso admirados e invejados! Tratemos dos interesses materiaes. O restante são chimeras, são fanatismos, são miserias, indignas da attenção de legisladores, e dos homens illustrados de 1843.»

Concluida a leitura, o abbade proseguiu:

— Ouvida a historia, o fidalgote sacudiu a poeira das calças com um chicotinho de baleia, e disse: «São vulgarissimos esses casos em Lisboa. O que a mim me espanta é que a imprensa vista o habito de Tartuffo, e sáia ás praças a prégar contra a corrupção que ella promoveu com os seus romances, com as suas philosophias, com as suas theses de liberdade, e com a perseguição de escarneo e de fome feita aos apostolos da sincera moralidade.»

Discursou largamente n'este sentido, e despediu-se, deixando-me inclinado a dar-lhe razão.

.·.

Passam-se tres dias: — continuou o abbade — — era meia noite de 2 de agosto do mesmo an-

no de 1843. Recolhia-me á igreja de ter ministrado a extrema-unção a um moribundo, quando ouvi dous tiros a pouca distancia, e d'ahi a minutos o alarido de muitas vozes, gritando « homem morto! »

Sahi ao adro, e encontrei pessoas que já vinham chamar-me para assistir aos paroxismos de Pedro de Andrade que estava mortalmente ferido á porta de sua casa.

Quando cheguei, já o haviam transportado ao leito. Estava ainda vivo. Assim que me viu, acenou-me com anciedade, apertou-me convulsamente a mão, e segredou-me: « Quero confessarme, que vou morrer. »

Escutei-o por espaço de hora e meia; as phrases eram cortadas por gritos de agonia; ambas as balas lhe estavam dilacerando as entranhas do peito; e, ainda assim, aquelle demorado arrancar da vida me quiz parecer uma delonga providencial para que o grande criminoso tivesse tempo de penar e chorar suas culpas. Expirou com todos os sacramentos, pedindo-me que, em nome d'elle, pedisse perdão a seu filho e a sua mulher.

O moribundo, quando me revelou o seu derradeiro delicto, rogou-me que désse publicidade ao crime e ao castigo a fim de que a sua desgra-

ça podesse aproveitar aos centenares de delinquentes que lhe haviam dado o exemplo do vicio e da impunidade. E, por tanto, não escrupuliso em lhe dizer que o seductor da infeliz Maria do Carmo havia sido Pedro de Andrade, e que os vingadores da abandonada menina deviam ser seus parentes, posto que o assassinado os não houvesse conhecido, e lhes ouvisse apenas dizer, antes de desfecharem as clavinas, que lhe traziam saudades da prostituida senhora do paço da Ajuda.

— Com effeito! — observou o snr. Guimarães — essa historia arripiou-me os cabellos!... V. s.ª ha de emprestar-me essa gazeta que eu quero copiar esse caso! Diga-me cá: e o filho d'esse desgraçado?

— O filho do desgraçado, que tinha então onze annos e estava com sua mãi, póde dizer-se que ficou litteralmente pobre. Os credores e a fazenda nacional disputaram-se a posse do espolio. O rapaz, quando chégou á idade de tomar conta da honra de Real de Oleiros, convenceu-se que lhe era mister trabalhar para não morrer de fome. Os parentes de sua mãi, posto que abastados, não o protegeram, e tornaram-lhe pesada a esmola do pão e da cama. Um dia, o brioso moço sahiu com sua mãi da casa que lhe amargurava o bocado, e

foi habitar um casebre nas visinhanças do escrivão, que o fizera seu amanuense, e lhe dava doze vintens por dia. V. s.ª conhece-o. É aquelle Alvaro de Andrade que tem lavrado as escripturas de compra de propriedades que o snr. Guimarães tem adquirido...

— Pois é esse!... Aquelle homem humilde que me beijou as mãos quando eu lhe dei uma libra de gratificação...

— É esse mesmo.

— E nunca me disse de que familia era...

— Não falla em familia, e parece até esquecido da sua procedencia. Que eu, a fallar verdade, uma vez, passando com elle defronte das ruinas da casa de seu pai, surprendi-o a olhar para as paredes derruidas com as lagrimas nos olhos. Perguntei-lhe por que chorava, e elle respondeu-me que chorava por sua mãi, lembrando-se que d'aquella casa sahira ella coberta de mais amargas lagrimas.

— Coitado! — disse o brazileiro — hei de fazer-lhe o bem que poder.

— E póde muito v. s.ª; mas faça-lh'o de modo que o não humilhe.

— Eu cá sei, snr. abbade. Nós, os chamados brazileiros, sabemos todos os processos de dar esmolas aos nossos patricios de modo que elles se

dispensem de nos agradecer, e até lhe deixamos o direito salvo de nos ridiculisar.

A justiça inspirára este homem, que nunca fôra tão eloquente.

.˙.

Pouco tempo depois, annunciou-se a venda da quinta de Real de Oleiros e suas pertenças, a requerimento dos credores. José Maria Guimarães cobriu todos os lanços. Foi-lhe adjudicada a quinta por alto preço. Os licitantes, que eram os credores, acotovelavam-se jubilosos, e diziam entre si:

— *Espiguémol-o!*

E, assim que o ramo lhe foi entregue, disseram unanimemente:

— Foi *espigado!*

O brazileiro pagou immediatamente ao instrumento da adjudicação, e disse, relançando a vista aos alegres credores de Pedro de Andrade:

— Meus senhores, o que vale aos credôres dos fidalgos, que não pagam, são estes *nossos irmãos de além-mar*, que, lá e cá, melhor fôra chamar-lhes *irmãos da misericordia...*

— É parvo! — disse um poeta de Basto ao ouvido de um bacharel de Felgueiras.

.˙.

Passados dias, começaram obras de reedificação no local do palacete arruinado. O proprietario, fazendo-se encontradiço com o amanuense do tabellião, disse-lhe:

— Ó snr. Alvaro, vá o snr. hoje, se não tiver que fazer, á quinta de Real, que temos que conversar a respeito de certos arranjos.

— Sim, senhor — disse Alvaro — quando v. s.ª quizer.

— Ás 4 da tarde; e leve tinteiro e papel, que não ha lá d'isso.

Á hora aprazada, entrou o bisneto do capitão-mór na extincta honra dos Pachecos e Andrades. Já lá estava o brazileiro, ás testilhas com os alveneis. Assim que chegou o escrevente do tabellião, subiu com elle por entre um matagal de bravio até ao alto de um outeirinho onde se erguia um pombal já descaliçado, mas ainda assim a porção menos esboroada das pertenças da quinta, graças á fortaleza do tecto abobadado de pedra.

Havia dentro uma banca de granito, onde outr'ora os senhores de Real se desenfastiavam em merendas, depois das fadigas da caça na tapada defeza. Já lá estavam duas cadeiras.

— Sente-se ahi, snr. Alvaro — disse José Maria Guimarães, — e vá escrevendo.

— Prompto! — respondeu o escrevente, rodando a sibilante tarracha do tinteiro de chifre.

— Ponha ahi os nomes dos pobres da freguezia que não tem casa de seu.

Alvaro Pacheco escreveu trinta e quatro nomes; quedou-se um momento, e perguntou:

— De todos os pobres que não tem casa?

— Sim, de todos os pobres que não tem casa propria.

— Então, falta o meu nome. Somos trinta e cinco os pobres que não temos casa.

E escreveu: *Alvaro, escrevente de tabellião.*

— Muito bem — volveu o brazileiro commovido — sabe o que eu quero?

— V. s.ª o dirá.

— É ceder metade d'esta quinta aos pobres para elles edificarem uma casa com seu quintalejo; já se vê que sou eu que pago as obras das casas; e, visto que o snr. Alvaro é um dos trinta e cinco pobres, escolha o local onde quer a sua casa feita. A escolha do local é sua; ora agora, o feitio da obra isso é cá por minha conta.

— Os pobres aceitam, não escolhem — disse Alvaro.

— Mau! — replicou José Maria Guimarães —

Mau! ou bem que somos francos um com o outro, ou não temos nada feito. Eu cá sou assim!

— Então quer v. s.ª...

— Deixemo-nos de *senhorias*. Eu sou filho de um almocreve, e neto e bisneto de burriqueiros; e o snr. Alvaro Pacheco é descendente de capitães-móres a quem meus avós traziam presuntos de Melgaço nas suas récovas de machos. Deixemo-nos de *senhorias*. Vamos á questão. Onde quer a sua casa?

— Aqui — disse Alvaro.

— Aqui no pombal?!

— Aqui, porque fica sendo casa, e ao mesmo tempo memoria de ter estado n'este sitio um homem honrado.

— Ou dous — emendou o brazileiro — Dê cá um abraço, e vamos embora, que faz aqui frio.

E, no decurso do caminho, proseguiu:

— O snr. Alvaro ha de fazer-me o favor de se despedir do serviço do tabellião, se lhe não custar. Preciso de quem me represente n'estas obras, em quanto vou tratar de negocios a Lisboa. Eu cá lhe deixo as plantas das casas dos pobres, e o capital para o custeio das despezas.

.·.

O brazileiro voltou, passados seis mezes. Todas as casas estavam já de parede e tecto, quando voltou, excepto a do pobre chamado Alvaro.

— Com que então a casa n.º 35 ainda não tem sequer os alicerces? — perguntou o bemfeitor.

— É porque o pobre n.º 35 não precisa tanto como os outros — respondeu o feitor.

— Então vou eu ser agora o fiscal das suas obras — tornou José Maria.

E, ao outro dia, fez convergir os melhores operarios para a bouça do pombal, e mandou arrazar a vivenda de centenares de andorinhas que se esvoaçavam ao primeiro troar dos alviões e marretas.

Alvaro e José Maria assistiam ao derrubamento do pombal, um tanto condoidos do esgazear das espavoridas habitadoras das ruinas.

N'isto, um pedreiro esboroando com a alavanca um pedaço de parede, descobriu uma superficie escura, que se lhe figurou lousa.

— Que diabo de obra é esta de lousa em parede de cantaria? — disse o alvenel.

O brazileiro abeirou-se da parede, apalpou a supposta lousa, e observou ao pedreiro que era pau e não lousa, mandando socavar dos lados, e alimpar a superficie do que quer que fosse.

— Isto é um caixote! — disse o mestre da obra — querem vossês vêr que o diabo as arma?

— Arma o quê? — perguntou José Maria Guimarães.

— V. s.ª nunca ouviu dizer que os fidalgos de Real esconderam um thesouro que nunca se encontrou?

— Já ouvi dizer isso. Atirem a baixo toda a pedra que está dos lados, e não embarrem no caixote. Cuidado lá com isso! Snr. Alvaro, parece-me que vai assistir á resurreição do melhor defunto dos seus avós — bradou o brazileiro.

— Como?! — perguntou Alvaro, que vinha entrando no recinto do pombal.

— Venha vêr. Apalpe. Que é isso?

— Parece-me um caixote — disse o bisneto do capitão-mór.

— Não é parece; é que é. Sabe o que lá está dentro? Sabe a historia dos trezentos e tantos mil cruzados de seu bisavô?

— Ouvi dizer que...

— Que nunca appareceram. Apparecem hoje. Estão alli.

Alvaro de Andrade que tinha encarado o infortunio de trinta annos com intemerato aspecto, descorou em frente da taboa negra que devia ter

dentro uma cousa chamada, bem ou mal, a *fortuna*.

A este tempo, o caixote era apeado, suspenso entre quatro robustos braços.

— Oh! como pesa! — gemeu um dos pedreiros.

— Podéra não! — disse o brazileiro — trezentos e tantos mil cruzados!

— Os rios correm para o mar, snr. Guimarães — observou o mestre d'obras.

— Que quer dizer, mestre? — perguntou o brazileiro.

— Que se v. s.ª era rico, é agora riquissimo.

— Obrigado pelo conceito que faz de mim, mestre... — volveu José Maria entre risonho e agastado.

— Ó meu senhor, pois eu...

— Suspeita-me de ladrão...

— Valha-me Deus!... o que apparecer em terra de v. s.ª seu é.

— E esta terra é minha? Pois não sabe que este chão é d'este pobre que se chama Alvaro?

— Ó snr. Guimarães!... — exclamou o filho do ultimo senhor da honra de Real de Oleiros, e não pôde articular outra expressão.

— Vamos! — acudiu o brazileiro — para onde é que vai o thesouro de seu avô, snr. Alvaro

Pacheco de Andrade, snr. barão, snr. visconde, snr. conde, snr.... Quer mais? Dê as suas ordens.

José Maria casquinava uma risada de elevada intelligencia, em quanto os obreiros, rodeando o caixote, se embasbacavam uns nos outros, e todos no rosto de Alvaro com a mais sincera e respeitosa estupidez.

Novamente instado para que dissesse onde o caixão devia ser levado, Alvaro respondeu:

— A minha mãi, que sabe o que são pobres.

.˙.

E os primeiros pobres, que relativamente enriqueceram nas aldêas convisinhas, foram os descendentes dos irmãos d'aquelle feitor que muitos alcunharam de fugitivo ladrão do thesouro do capitão-mór, e que se fôra a morrer longe d'alli, e obscuramente, receoso de ser novamente martyrisado pelos filhos de seu amo.

Alvaro Pacheco de Andrade, n'este anno de 1874, tem quarenta e nove annos, e é conhecido pelo fidalgo de Real de Oleiros. Aquella senhora de tez morena, com cinco formosos filhos, que brincam á volta de outra senhora de setenta annos, é a esposa de Alvaro, e filha de José Maria Guimarães. A dos cabellos brancos, que lhe alve-

jam na fronte como a corôa de açucenas de uma santa, é a viuva d'aquelle galhardo e infausto D. Juan, assassinado em 1843. O sacerdote ancião, que parece ser da familia, é aquelle abbade que nos leu a *Revista Universal Lisbonense*, e a quem eu devo e agradeço os commentarios ao fogoso e pungente artigo, que me parece ser do meu presado mestre e adorado amigo visconde de Castilho.

O JOGADOR

Hoje em dia, aquella denominação, nem é desprezivel nem affrontosa. O progresso indultou o jogador; deliu-lhe da fronte o antigo ferrête.

Se eu jogar com sorte propicia, e mobilar um palacio, cujas alfaias e baixella representem os haveres e as lagrimas de muitas familias, serei o legitimo e respeitado proprietario do meu palacio.

Se eu abrir os meus salões, a mais selecta sociedade virá pisar as alcatifas do meu palacio, e lisonjear a magnificencia do fino gosto que diri-

giu as correntes do meu ouro. Ninguem me perguntará se herdei de avós, se ganhei de incautos a minha opulencia. Talvez que os meus convidados segredem entre si a proveniencia das minhas pompas; mas d'esses, duas vezes deshonrados, vingado estou. Deshonrados, porque entraram nas minhas salas, e deshonrados porque denegriram a honesta posse dos vinhos que me beberam.

Continuando a auspiciosa hypothese: se eu fôr o jogador enriquecido, bemquisto das familias, pessoa séria, influente nas eleições bancarias, com folha corrida, insuspeito de falsificador de testamentos ou moeda, de certo me não distingo do homem de bem, laborioso, honrado e provado nas lutas da vida.

Ha, todavia, entre nós uma pequena differença: eu dou bailes, e o meu honrado visinho não os dá.

Mas isso depende da aristocracia da indole: elle póde descender d'algum servo de gleba, que lhe transmittiu genio caínho e o acanhamento de raça; em quanto eu obedeço a impulsos de outro sangue. As damas que se bamboavam nos coxins flaccidos das minhas othomanas com toda a certeza não calcularam quantos *micos* infelizes dos meus parceiros representavam as copias de Raphael e

os originaes de Murillo pendurados sobre as colgaduras das minhas paredes. Antes quero suppôr que ellas, no arrôbo da sua admiração, meditaram que na minha cabeça havia o que quer que fosse digno da cabelleira encalamistrada de um Marialva, no reinado de D. João V.

É profundo o fôsso que me separa do jogador em outras eras. Nasci quando devia nascer. Se eu viesse á luz no seculo XVI, este meu mister de jogador era synonymo de vadiagem (*Ord*, l. V, tit. 82). Nas minhas tertulias, devidas á sorte feliz da tavolagem, lograria apenas reunir jogadores. Se nascesse no seculo XVII ou XVIII, os corregedores dos Philippes, de D. João IV e Pedro II, e dos reis subsequentes, se eu désse bailes, carregavam-me com as leis sumptuarias por sobre a pêcha de vadio. Em tempo de D. João V, D. José ou D. Maria, tanto o Camões do Rocio, como o Marques Bacalhau, como o Pina Manique mandavam-me responder do Limoeiro pela procedencia dos meus lustres, dos meus sophás, dos meus jarrões, dos meus contadores marchetados, dos meus bronzes, dos meus frescos, dos meus pendulos, dos meus pavimentos de xadrez lustroso. E vestiam-me talvez uma das librés dos meus criados.

Foi por isso que o facho da civilisação, passando pelas minhas salas de jogador feliz, radiou

reverberos esplendidos da minha baixella, e me mostrou em meio dos meus convidados, com a fronte luzentissima das alegrias do homem de bem.

Póde ser que, em outras eras tenebrosas, a felicidade no jogo fosse malsinada de fraude e roubo.

Hoje não.

O jogo, á luz de 1874, é um contracto bilateral, fundado no consentimento de ambas as partes.

Se é forçoso que uma das partes fosse tola e desgraçada, eu de certo não fui.

Está fechada a hypothese.

INEDITO DO POETA FR. BERNARDO DE BRITO

Escreveu o famoso cisterciense a *Sylvia de Lizardo*, e ninguem o trata de poeta quando o louva ou moteja. Chamam-lhe o *chronista*, o *classico*, o *douto*, o *mentiroso*, o *massador*, o *milagreiro;* poeta é que não; e houve até um frade da

ordem d'elle, Fortunato de S. Boaventura, o author do *Punhal dos Corcundas*, que positivamente desbalisou de poeta e de author da *Sylvia de Lizardo* o vernaculo author da *Chronica de Cistér.*

Pois foi poeta, e dos bons do seu tempo, aquelle Balthazar de Brito de Andrade, que por amor do patriarcha se crismou em *Bernardo.*

Teve elle o ruim sestro de desfazer na prosapia dos outros. Raro fidalgo lhe sahiu incolume do crisol em que por obrigação do officio de historiador, elle acendrava o fino ouro dos Trocozendos, dos Romarigues, dos Egas Bufas e outros condes das raças romana e goda.

Nos descendentes do Espadeiro, que eram a geração dos *Coelhos*, beliscava elle, á conta do assassinio de Ignez de Castro. De si, dizia o frade, que os *Britos*, em Portugal, derivavam dos *Brutos* de Roma.

Um descendente de Egas Moniz, chamado João Soares de Alarcão, como era poeta, satyrisou a maledicencia de fr. Bernardo de Brito com este soneto:

Aos profundos imperios d'el-rei Pluto
Irás, Bernardo, pelo que has escripto,
Pois dizes que de Bruto *vem teu* Brito,
Ficando tu só n'isso Brito e bruto.

Tu vens d'aquelles que a pé enxuto
Passaram, com Moysés, o mar do Egypto,
Ou vens do que com sangue do cabrito
Tantos guizados fez sem nenhum fructo.

Chamastes ao teu livro Monarchia,
Sendo Mona *que cria monstros varios,*
E tornastes de ferro a idade de ouro.

Não te mettas em casos temerarios;
Pasta nas hervas, bebe da agua fria,
Ou na velha escudela o caldo louro.

O monge de Cistér responde pelas mesmas rimas:

Maçarico dos charcos de el-rei Pluto,
Que taes marmanjarias has escripto,
Que ao douto frei Bernardo ou Bruto ou Brito
Picas com bico infame, sujo e bruto;

Jámais será de Ignez o pranto enxuto,
Pois a fazes mais quartos que um cabrito,
Dizendo que nas mãos deu o esp'rito
De Coelho matador, sagaz e astuto.

Não vem da lusitana monarchia
Martinho mono, *pai de cascos varios,*
Sua mãi de Aguilar, *aguia, não de ouro.*

Não te mettas em casos temerarios:
Que louro não honra tua musa fria,
Mas de uma pouca de... o caldo louro.

*

As injurias do primeiro tercêto entendem com os progenitores de João Soares de Alarcão. Martinho, se era *mono*, sobrava-lhe direito a ser da *monarchia* lusitana; mas tambem o outro se demasiára, vituperando de *mona* a *Monarchia* do frade. Tratavam-se de macacões um ao outro. *Pai de cascos varios*, invectiva o poeta de Alcobaça. Pela variedade da cascaria, entende-se que capitulava de cavalgadura o adversario: saldo bem ajustado com o outro que lhe chamára *bruto*.

Entra no soneto a mãi do poeta, que devia ser da familia de *Aguilares:* e era com effeito, sem ser de raça desprimorosa. Chamava-se D. Cecilia de Mendonça Aguilar e Lugo, filha de Philippe de Aguilar, mestre-sala de D. Sebastião, de D. Henrique, de D. Philippe, e tão amigo de Castella que chegou á mordomia-mór do rei intruso. Estes Aguilares e Aguiares foram sempre muito dos hespanhoes, e logo contarei um caso do mais notavel.

Martinho, *mono*, diz frei Bernardo. Que o pai do poeta era Martinho Soares de Alarcão e Mello, 6.º senhor da casa de Torres-Vedras, não ha duvida; que fosse *mono*, não o inculcam os genealogistas. Seu filho, o poeta, foi alcaide-mór de Torres-Vedras, casou, teve nove filhos, e entre esses, o jesuita Francisco Soares de Alarcão, le-

trado eminente e guerreiro, que morreu queimado em uma explosão de polvora, quando guarnecia Juromenha, em tempo de D. João IV, capitaneando os noviços da companhia, cujo reitor era.

Outro filho do poeta *dos cascos varios*, quando D. João IV o mandava governar Ceuta, passou-se para Philippe IV; e foi condemnado á morte [1].

Teve a mãi de João Soares um primo chamado Damião de Aguiar Ribeiro, que era corregedor em Lisboa, reinando o cardeal. Como sabem, andavam então divididas as opiniões entre D. Antonio e Philippe II, ácerca da successão do throno. Damião de Aguiar era dos mais façanhosos propugnadores por Castella. Succedeu então que um homem do serviço de D. Antonio acutilasse na Padaria um vereador que fallava soltamente no senado contra o filho de Violante Gomes. Foi preso e summariamente condemnado á forca. Á hora em que o réo era levado, soube Damião de Aguiar na rua Nova que, na Ribeira, se ajuntava povo intencionado a tirar-lhe o padecente. Man-

[1] D. João Soares morreu em 1618, com 38 annos de idade. Escreveu e imprimiu em lingua castelhana: *Archimusa de varias rimas y efetos*, e *La iffanta coronada por el-rei D. Pedro, D. Ignez de Castro,* etc. Este poema não devia ser mui lisonjeiro ás tradições de Pero Coelho, avoengo do poeta.

dou o corregedor parar o prestito; fez lançar uma corda de uma janella, e alli mesmo ordenou que se enforcasse o homem, para evitar semsaborias. Tão grato lhe ficou por isto o rei de Castella que o nomeou desembargador do paço, e depois chanceller-mór do reino, commendador de S. Matheus de Soure e de S. Cosme de Gondomar, commendas que rendiam 3:500 cruzados.

Foi, por tanto, riquissimo, e tão bom homem que fundou o convento das Capuchinhas da Merciana. Instituiu morgadio, comprehendendo uma extensa quinta que ia desde as portas de Santo Antão pela travessa da Annunciada até á chamada calçada de *Damião de Aguiar*.

Casou duas vezes; procreou-se, e fez-se representar entre nós pelos snrs. condes de Povolide, de Valladares, etc.

Rebello da Silva não reza bem d'este Damião na *Historia de Portugal.* Eu não rezo bem d'elle nem por elle; confesso, todavia, que era homem expedito n'isto de enforcar a gente na janella de qualquer cidadão, mediante seis varas de corda.

LISBOA

Elucidemos a historia do viajante.

O mordomo-mór que fugiu era D. João de Mascarenhas, 4.º marquez de Gouvêa, e 7.º conde de Santa Cruz. Tinha 25 annos, e era casado com uma hespanhola, chamada D. Thereza de Moscoso e Aragão, filha do 7.º conde de Altamira.

A senhora que fugiu com elle era D. Maria da Penha de França, tambem casada com seu primo-irmão D. Lourenço de Almada, muito moço.

Tinham casado em 1722. Em junho de 1723 D. Maria da Penha de França deu á luz uma menina, que se chamou Violante. E, na noite de 11 de novembro de 1724, a esposa, abandonando marido e filha, fugiu com o marquez.

Este desastre não foi precedido de ardentes galanteios e grandes resistencias do pudor vencido pela paixão.

D. Maria foi de visita ao paço, onde havia sido dama, como sua mãi D. Violante Henriques o fôra da rainha D. Maria Sophia de Saboya. Viu o

marquez que era galan, audaz, e sem ser milagre, fulminou-o com o relampago da formosura. Fugiram e pararam em Tuy. Não foi em Vigo como diz o viajante. Julgavam-se salvos em terra estrangeira; mas o bispo, por ordem vinda de Madrid, prendeu D. Maria n'um mosteiro; e o marquez fugiu por Hespanha dentro, e mais tarde para Inglaterra.

Tanto que em Lisboa se divulgou a prisão da mulher de D. Lourenço de Almada, certo poeta escreveu um soneto gravido de maus versos e boa moral, que diz isto:

D'esse claustro a sagrada penitencia
Pia te esconda, oh bella criminosa,
E converta-se em sombra a luz formosa
Que ardeu nos sacrificios da indecencia.

Tolera da prisão toda a violencia,
Perdida já a nobreza generosa;
Fique ainda entre a culpa indecorosa
Benemerita ao menos a paciencia.

Principia a morrer n'essa clausura
Encobrindo um descredito infinito
No antecipado horror da morte escura.

Mas ah! se em ti, por ultimo conflicto,
Como vai sendo de vida sepultura,
Chegasse a ser cadaver o delicto!

.˙.

Hei de escrever um livro que ha de chamar-se o DESTERRADO. Estes desastres hão de ser esmiuçados compridamente. O *Desterrado* do meu romance não é o marquez de Gouvêa: é outra casta de personagem. Bem sei que esfrio o interesse do futuro livro, bosquejando-o aqui em poucas linhas. Não importa. A curiosidade do leitor é mais attendivel que as conveniencias mercantis d'uma novella.

Como sabem, D. Maria da Penha deixou nos braços do abandonado marido uma filhinha de onze mezes, que se chamou Violante. Esta menina, ahi pelos dezesete annos, amou seu primo D. Luiz Francisco de Assis Sanches de Baena, alcaide-mór de Villa do Conde, capitão de cavallos, e uns gentilissimos vinte e nove annos. Na casa dos Almadas, onde D. Luiz fôra creado — porque sua mãi casára em segundas nupcias com D. Luiz José de Almada — havia um D. Antão, que se apaixonára por Violante, que era sua sobrinha. A menina esquivara-se ás caricias do tio, e deixou-se arrebatar nos braços do primo D. Luiz, quando uma ordem regia o desterrou para Moncorvo, a rogos de D. Antão de Almada. Os dous fugitivos (que desterro tão semelhante, o de mãi e filha!) esconderam-se e casaram em Zamora; mas

ahi mesmo os enviados do cioso tio a foram colher de sobresalto e a trouxeram a Portugal.

Esteve a menina reclusa alguns annos em Marvilla, com o proposito de professar, pois que a lei lhe annullára o casamento com o primo; não obstante, porém, a saudade do desterrado primo, ao fim de onze annos, aceitou seu tio para esposo, do mesmo passo que D. Luiz era banido e desnaturalisado para sempre. Aqui fica muito pela rama o entrecho do livro para o qual se estão aprestando as peças essenciaes da vida tempestuosa de D. Luiz Francisco de Assis Sanches de Baena, fallecido aos 75 annos, e terceiro avô do actual snr. visconde de Sanches de Baena [1].

De D. Violante e de seu tio D. Antão de Almada (sem embargo das amarguras da violentada esposa) nasceu D. Lourenço de Almada, que foi o 1.º conde do seu appellido em 1793.

.·.

Outra indicação do viajante que estimula a curiosidade:

«A casa da rainha e dos principes são analogas á do rei. O posto de camareiro-mór da

[1] Veja *Apontamentos biographicos* ácerca de D. Luiz Francisco de Assis Sanches de Baena, etc., por Innocencio Francisco da Silva, Lisboa 1869.

rainha vagou por morte do marquez das Minas, assassinado em 1721. Este senhor era genro do marechal de Villeroy; e seu filho, o conde do Prado, está presentemente na côrte de França.»

Já d'este caso dei n'outro livro a noticia que transcrevo do citado periodico de Francisco Xavier de Oliveira:

«Um corregedor guardava uma porta da igreja da casa professa dos jesuitas, quando alli se celebrava grande festividade. Sómente o rei havia de entrar por aquella porta. Chegaram aqui o marquez das Minas e o conde da Atalaya; mas o corregedor com razão lhes vedou o passo. Insistiram elles, dizendo ao ministro que as ordens recebidas não podiam entender-se com pessoas de sua esphera. Redarguiu o corregedor que as ordens ninguem exceptuavam, e por tanto, sem que o rei entrasse, não podia elle permittir que entrasse quem quer que fosse. Aquelles senhores podiam entrar por outras portas francas a toda a gente. Não obstante, pertinazmente exigiram do corregedor uma distincção que elle não podia dar-lhes sem transgredir os deveres... Os dous fidalgos, depois de o terem insultado, passaram ás ultimas. O conde da Atalaya deu com o chapéo na cara do corregedor, e

o marquez das Minas traspassando-o com a espada, matou-o. Em seguida cavalgaram, e sahiram do reino. O marquez das Minas *foi perdoado e voltou ao reino* [1].»

Crê o leitor que, não obstante o perdão, o marquez das Minas passaria o restante da vida sequestrado das graças do monarcha e da convivencia das pessoas de bem? Não faça juizos temerarios o leitor: o marquez das Minas recebeu o indulto, e ao mesmo tempo o bastão de general.

Já vimos a justiça dos homens: agora vejamos a da Providencia. Servia no exercito portuguez um castelhano chamado D. Juan de la Cue-

[1] O cavalheiro de Oliveira não designa o tempo de expatriação do marquez das Minas, conde do Prado. Deviam ser dez annos, segundo a sentença manuscripta de que dá noticia o snr. Innocencio Francisco da Silva, a pag. 233 do 7.º tom. do Dicc. Bibliog. Diz assim: «Sentença da Relação de Lisboa, contra os condes do Prado e da Atalaya por matarem publicamente o corregedor do Bairro-Alto no exercicio da sua authoridade. O primeiro, tendo-se evadido, foi justiçado em estatua; o segundo condemnado a degredo por dez annos, e ambos em multas pecuniarias». Creio que ha equivoco na transcripção da sentença. O queimado em estatua foi o conde de Atalaya, que, no dizer do cavalheiro de Oliveira, morreu furioso em Vienna, depois de ter militado no exercito do imperador de Austria. Quanto ao marquez das Minas, presume-se que lhe foi indultada a sentença, visto que o citado Oliveira diz que obteve perdão e voltou a Lisboa.

va, que não dava *excellencia* ao seu general, marquez das Minas, sem que este lhe désse *senhoria*. «Ora, o marquez, assassino do corregedor, — diz o cavalheiro de Oliveira — era soberbo e arrogante. Um dia, ao entardecer, sahia elle da portaria da congregação de S. Philippe Neri, a tempo que desgraçadamente *Juan de la Cueva* ia entrando. Cortejou elle o marquez, que lhe não deu a pretendida *senhoria*, e por isso *de la Cueva* lhe não deu *excellencia*. O general, grandemente irritado, levantou o bastão e proferiu palavras ameaçadoras. *De la Cueva*, sem lhe dizer palavra, traspassou-o com a espada. O marquez não tugiu nem mugiu: quando cahiu por terra, já ia morto. O padre, que o acompanhára até á portaria, e era confessor d'elle, apenas teve tempo de lhe apertar a mão. *D. Juan de la Cueva* pôde escapar-se, e refugiou-se em Hespanha [1].»

Na jurisprudencia divina a justiça mais seguida é a pena de Talião.

---

[1] *Amusement*, 2.° v. pag. 147 e 148.

LITTERATURA BRAZILEIRA

Longo tempo se queixaram os estudiosos do descuido dos livreiros portuguezes em se fornecerem de livros brazileiros. Nomeavam-se de outiva os escriptores distinctos do imperio, e raro havia quem os tivesse nas suas livrarias. Nas bibliothecas publicas era escusado procural-os. Em compensação, sobravam n'ellas as edições raras de obras seculares que ninguem consulta.

O mercado dos livros brazileiros abriu-se, ha poucos mezes, em Portugal. Devemol-o á actividade intelligente do snr. Ernesto Chardron. Foi elle quem primeiro divulgou um catalogo de variada litteratura, em que realçam os nomes de mais voga n'aquelle florentissimo paiz. Ahi se nos deparam, entre os poetas, Gonçalves de Magalhães, o correcto e sublime author da *Confederação dos tamoyos;* o lyrico e arrojado Alvares de Azevedo; o primaz dos escriptores brazileiros, e chorado Gonçalves Dias; o esperançoso devaneiador, fallecido no viço da idade, Casimiro de Abreu; Junqueira Freire que primou nos segredos da melodia e já não é d'este mundo; e o se-

vero e cadencioso poeta de *Colombo*, tão estimado dos nossos. Entre os romancistas o fecundissimo Joaquim Manoel de Macedo, que disputa a supremacia a J. de Alencar, que tanta nomeada grangeou com o seu *Guarany*. Não lustram menos as novellas mimosissimas de Luiz Guimarães, e as arrobadas mesclas de prosa e verso de Machado de Assis. Em litteratura didascalica sobresahem os valiosos escriptos do professor, o snr. conego Fernandes Pinheiro, nomeadamente o *Resumo de historia litteraria*, que muito se avantaja a uns esbocêtos que em Portugal circulam nas escólas, e — o que é mais deploravel — nos estudos secundarios. São notabilissimos todos os livros do snr. J. M. Pereira da Silva, já na sciencia historica, já na politica, e ainda no romance, tão prosperamente estreiado na *Aspazia*. Sobre tudo, porém, os *Varões illustres do Brazil* e a *Historia da fundação do imperio brazileiro* são obras que denotam profundo estudo e muito engenho na boa disposição dos elementos e critica dos personagens historicos. Em varia sciencia, em livros elementares, em lexicologia, e ainda sobre motivos de religião é copioso o catalogo da livraria Chardron. Esta variedade argue a fertilidade de intelligencias que ajuntam á riqueza congenial d'aquelle solo os the-

souros do espirito. E muito importa e cumpre observar que os brazileiros modernamente nos não cedem no zelo de imitar a linguagem pura dos grandes escriptores portuguezes dos seculos de ouro.

Não esqueçamos, todavia, que o impulsor d'este brilhante movimento litterario no Rio de Janeiro, e por isso em todo o imperio, é o livreiro-editor Garnier, espirito emprehendedor que tanto faz luzir os talentos que divulga, quanto lucra para si a honra de os fazer conhecidos e laureados. Quem calcular o despendio grande de empresas semelhantes n'aquelle paiz, deprehenda o quanto cumpre que seja robusto e afouto o pulso que removeu as immensas difficuldades com que ha trinta annos lutavam os escriptores do Novo-mundo para se fazerem conhecidos. Coube esta gloria e este triumpho ao snr. Garnier.

Falta dizer que os preços dos livros offerecidos no catalogo das casas Chardron, no Porto e em Braga, são modicos, reduzidos, e inferiores ao preço corrente das obras portuguezas de igual tomo.

E, pois que estou agradavelmente recommendando livros de brazileiros, seria injustiça não graduar de passagem ao menos o merito de uma

obra que recentemente sahiu dos prélos portuenses. É o *Estudo sobre a colonisação e emigração para o Brazil.* É seu author o snr. Augusto de Carvalho, que tão grave e prestadiamente abre carreira de escriptor, em annos ainda muito na flôr, e com o espirito já a fructear as mais sensatas considerações sobre as questões controversas inculcadas no titulo da sua obra. A' substancia do livro allia-se o primor da fórma, a propriedade do termo, a chaneza eloquente, e, a espaços, a elevação do estylo que não innubla a clareza da idéa. E' o snr. Augusto de Carvalho um brazileiro que nobilita as letras da sua patria, e está grangeando um lugar entre os melhores escriptores, e, desde já, o tem distincto entre os bons pensadores e cultores de idéas proficuas. Congratulo-me com os seus conterraneos.

Á ACTUALIDADE

O meu nome foi banido das columnas d'aquelle jornal. Assim o rosnou o lebreu por entre os arames da mordaça.

Foi realmente banido?

Então, adeus, desgraçado!

Que o mundo tenha tanta piedade de ti, lazaro, quanto eu me arrependo de te haver baldeado do charco da petulancia para outro peor — o do silencio.

Adeusinho! coça a tua lepra com os teus folhetins; mas sume-te, escalracho!

A EXC.ma MADRASTA D'EL-REI D. LUIZ I.º CALUMNIADA

Se me arguirem de adulador da senhora condessa, madrasta d'el-rei D. Luiz I, são iniquos. Se esta ditosa dama, em vez de estar no paço das Necessidades, estivesse, a esta hora, em trances de cantora não escripturada, eu sahiria por honra do seu nome de artista contra o calumniador que lhe mareasse os applausos recebidos no theatro do Porto, ha quatorze annos.

Em um numero da *Lanterna,* periodico truculento, li que a esposa do viuvo de D. Maria II

havia sido pateada na rampa do theatro de S. João, em 1859.

É calumnia, que vou desfazer com a imprensa contemporanea.

Conceda-se-me a abstinencia de tratamentos regiamente honorificos, em quanto a nobre condessa de Edla me permitte pleitear em prol dos seus creditos de cantora.

A snr.ª Elisa Hensler cantou, pela primeira vez, no theatro do Porto, na noite de 8 de outubro de 1859. O *Nacional* do dia 10 escreve o seguinte:

«*A companhia italiana estreou-se effectivamente no sabbado, e não se estreou mal. A escolha da opera foi acertada — «O Saltimbanco»; é uma bella partitura... e a prima-dona Hensler é bella, joven, e canta com mimo. A sua voz, se não é possante, é melodiosa e expressiva, tem alcance bastante para o nosso theatro. O publico ficou agradavelmente surprehendido, e deu lisongeiro acolhimento á mimosa cantora... Tanto no duetto como no rondó mostrou a snr.ª Hensler que possue dotes musicaes pouco vulgares. O sentimento com que cantou os andantes do duetto, a bravura e perfeição na execução da difficil parte do rondó, e aquelles trilos tão nitidos e puros, que ella faz em notas tão agudas no rondó, é sufficientemente para corroborar*

*

as grandes e vantajosas informações que a precederam; e o publico foi justo com os applausos e chamadas no fim da opera.»

Receio que os detractores da mimosa cantora venham com artigos de suspeição ao *Nacional*, culpando-o de parcial e apaixonado, já no louvor, já na censura, em juizos theatraes. Contra esses artigos redargúo estampando a opinião do *Commercio do Porto*, o jornal mais serio do paiz:

«Abriu-se no sabbado com a opera o «Saltimbanco» de Paccini... Fizeram a sua estreia n'esta opera a primeira dama Elisa Hensler, etc. A prima dona Hensler foi applaudida e teve uma chamada no fim.» (Commercio de 10 de outubro). E no folhetim de 15 do mesmo mez, confirma n'estes termos: *«A snr.ª Hensler é uma excellente cantora. A sua voz de soprano-agudo é de sonoro timbre; e, ainda que de pouco volume, extensa, flexivel, melodiosa e fresca. Possue, além d'estes dotes naturaes, outros não menos valiosos como cantora: conhecimento do mechanismo do canto, perfeita entoação e expressão. Revela o seu grande merito como cantatriz nos floreios, nas escalas chromaticas, e especialmente nos trinados. Na passagem da 1.ª á 2.ª caraletta do seu rondó final faz admirar os tres longos e bellos trinados em* sol, lá *e* si *agudos. Na difficil caraletta de sua caratina do 1.º acto são*

muito merecidos os applausos que tem colhido. No larghetto e cantabile *do duetto do baritono e soprano do 3.º acto, não obstante a agudissima* tacitura *em que está escripto, não deixa a snr.ª Hensler nada a desejar. A todas estas excellentes condições como artista e cantora reune uma presença sympathica, qualidade esta de muito valor no theatro.»*

Já no *Nacional* de 13 este parecer viera corroborado com estes gabos: «*E a prima-dona Hensler? Não desmereceu em nada das primeiras impressões que nos imprimiu.*

« *É sempre a cantora mimosa e correcta.*»

O *Commercio* de 29 de outubro classifica maviosamente a dôce cantora com esta phrase:... « *A prima-dona Hensler é o* bijou *da companhia.* »

Na noite de 6 de novembro cantou a snr.ª Hensler a parte de *Lucia.* O *Nacional* diz o seguinte: «*A snr.ª Hensler na aria do 3.º acto remiu-se do fiasco do 2.º, e cantou com tal mimo e doçura que a platéa apesar de gelada rompeu então em reiterados applausos.*» (Nacional de 7 de novembro). O *Commercio*, esquivando-se á ingrata e desmerecida palavra *fiasco*, escreve: «*A sr.ª Hensler foi muito applaudida no* rondó, *e os applausos foram merecidos no* andante, *que cantou lindamente, executando com admiravel justeza* a cadencia *em unisono com a flauta... Na cavaletta não foi tão*

irreprehensivel a execução.» Está de accordo com o *Nacional* de 8 de novembro: «*A snr.ª Hensler continua a ser applaudida no* rondó *do 3.º acto, onde a bella cantora revela muito talento. Se a sua voz fosse tão volumosa como é suave, seria uma artista de infinito merecimento.*»

A 12 de novembro principiam os jornaes a gemer sobre a gaveta do snr. Laneuville, emprezario que se dissolvia, com quanto fosse insoluvel. Sem embargo, a snr.ª Hensler, na confirmação dos dous citados jornaes, excedia-se no mimo do canto. Dir-se-hia que attentava em captar com as harmonias dulcissimas da sua voz o archanjo torvo da miseria que espreitava o emprezario por entre as bambolinas de cartão esgarçado.

Alguns amadores, que previam o desastre da empresa nas cadeiras vasias da platéa, fermentaram a occultas dous bandos que, mais ou menos ficticiamente, se apaixonassem pelas duas damas. É o que se deprehende das revelações do *Commercio* de 5 de novembro que reza assim:... «*No pessoal da companhia não ha nada que desafie enthusiasmo e dê vida animada ao theatro, apesar dos esforços que alguns poucos frequentadores do theatro, dos mais desenfadados, empenham para crear partido ás duas damas.*

«Houve já episodios curiosos; porém nem as damas, nem os seus admiradores conseguem fazer móça no indifferentismo do publico, que reconhece superioridade relativa na dama Hensler; mas não vê ainda assim motivo justificado para se enthusiasmar.»

Com a sua usual discrição, omittiu o *Commercio* os *episodios curiosos*. Bem é de vêr que o amor, ideal da arte das fusas e semifusas, não seria estranho aos sonegados episodios. A radiosa belleza da cantora sem duvida attrahia umas borboletas, que então douravam o seu polen sob as fulgurações do lustre; todavia, como a dignidade da artista se esquivasse ás intrigas de bastidor que, ás vezes, galvanisam os empresarios oxydados, a empresa falliu.

Decorreram uns quinze dias angustiados para a companhia desvalida. Hermann, aquelle prestigiador cavalheiroso que morreu ha dous annos, estava então no Porto. Foi elle o generoso valedor dos artistas e ainda do empresario. A companhia, em fim de dezembro, estava dispersa, não deixando um vestigio de fragilidade no seu rasto de pobreza.

Em 21 de dezembro d'aquelle anno, uma local do *Commercio* dizia: *«O vapor Lusitania sahido*

hontem pelas 12 horas da manhã conduziu 118 passageiros, entre os quaes: Elisa F. Hensler, etc.»

Entrou, pois, na manhã do dia 21 em Lisboa a cantora. Devia levar na alma os lutos da natural vaidade ferida pela indifferença gelida d'uns pisa-verdes que honraram grandemente a mulher, menosprezando a artista. Dos frementes applausos, que a victoriaram quando assomou deslumbrante no palco, ao fastio com que as filas dos seus admiradores rarearam, vai a distancia que medeia entre a mulher honesta e a que permitte que lhe abram saldo de contas em que os applausos representam uma verba.

Eu não sei se Hensler, a cantora, escripturada pela empresa de S. Carlos, ao encarar a princeza do Tejo, que devia vestir de negro n'aquelle dia de dezembro, sentiu pavores da sua futura sorte, em theatro de jerarchia tão elevada para suas forças. Não sei porque frontarias de palacios lhe avoejou a vista absorta nas tristezas de quem ia sósinha, forasteira, sem o genio grande que estua no peito as palpitações do triumpho. Não sei; mas, se encarou lá em cima os palacios dos dous reis — com que olhos a esposa do snr. rei D. Fernando avistará hoje o Tejo, por onde entrára n'aquella manhã pardacenta de nebrina carrancuda de agouros esquerdos! Se ella então preve-

ria um marido rei nas Necessidades, um enteado rei na Ajuda, e toda aquella Lisboa, e todo este reino, e nós todos ás suas plantas, nós todos, os bons subditos do rei que é marido, e do rei que é enteado, e d'ella, que vale mais que todos, por que, offuscando-os com a aureola da arte, estrellada das seducções da belleza, nos revelou que os reis deslumbrados eram apenas homens!

OS SALÕES

CAPITULO II

PLEBISCITUM

Homem plebeu. *Homo plebeius.* Nos antigos romanos havia tres ordens. A ordem senatoria, equestre e plebea. A ordem plebea val o mesmo que a gente do povo.

Plebiscitum. Termo da antiga jurisprudencia romana. Deriva-se do latim: *plebs,* plebe, e *sciscere,* que val o mesmo que *assentar, ordenar, determinar.* E assim *plebiscito* era o decreto, ou lei posta pelo povo, sem o suffragio dos senadores, mas só ao pedir do tribuno, magistrado do povo. *Plebiscitum.*

D. RAPHAEL BLUTEAU.

La conscience peut être géante, cela fait Socrate et Jésus: elle peut être naine, cela fait Atrée et Judas.

La conscience petite est vite reptile...

Les catastrophes ont une sombre façon d'arranger les choses.

VICTOR HUGO.

A luz não se exprime. Não tem definição. Como a não tem o calor, o magnetismo, a electricidade, e a vida.

A luz é o agente ou a acção, que nos adverte a distancia da presença dos corpos luminosos pelo intermedio da vista.

Vejamos.

A luz propaga-se em linha recta nos meios homogeneos. Obrigada a parar, no seu caminho, pelo encontro d'um corpo opaco — produz os phenomenos da sombra e da penumbra.

No mundo moral são a sombra e a penumbra as reacções da sciencia, da arte, da civilisação e do progresso.

Analysemos as penumbras.

Entremos nas sombras.

Desçamos ás trevas.

Fóra da vida physica são as trevas a ignorancia, e esta produz o silencio. Ora, o silencio é a paz dos sepulchros. Por que não deveria eu consultar a plebe?

Ha por ahi, nas ultimas camadas sociaes, perdidas, nas solidões da miseria, almas tão nobres, aspirações tão vastas, crenças tão vivas...

Por que não iria eu consultar os generosos sentimentos populares?

E fui.

Entrei n'um tugurio qualquer. — Que lhe importa o leitor qual foi? Havia uma mesa de pinho, duas cadeiras, e um catre. Era toda a mo-

bilia. Mas, no meio d'esta hedionda miseria, existia um homem, feito á imagem de Deus; *et creavit Deus hominem ad imaginem suam.*

Era um veterano da liberdade. Desembarcára no Mindello. Tinha, na cabeceira do leito, pregada no travesseiro a insignia da Torre e Espada, ganha em Souto Redondo, em lutas titanicas, e em nome da liberdade.

Não desenho o soldado, ainda hoje operario. Basta-nos ouvil-o.

Li-lhe o manuscripto.

Ficou pensativo, e triste. Encostou os cotovelos sobre a mesa, afagou o craneo, como se lhe tumultuassem tantas idéas lá dentro, que não podiam irromper d'aquella abobada de fogo, e depois, em voz baixa, como se receasse ser ouvido, começou assim:

— Publique tudo isso.

A abstenção politica é mais do que a morte: é a indifferença pelos males sociaes, é a historia d'este torpe individualismo, que nos corrompe, é a gangrena moral d'esta sociedade em dissolução, é a anasarca symptomatica da lesão organica que despedaça a nossa existencia, é o maior de todos os crimes, por que é uma tranquillidade ficticia, comprada á custa dos legados que nós iamos enthesourando para as gerações futuras.

A democracia agonisa, no seculo dezenove, quando desabrochava, e se abria em flôr, na arvore, que nós todos plantamos, regada com o sangue precioso de tantos martyres, em nome dos que deviam colher e adorar no futuro, o fructo dos nossos trabalhos.

O velho operario, o antigo soldado do cêrco do Porto meditou por alguns instantes, e continuou:

—A historia vai esculpida em chronicas de reis, e memorias d'aulicos. A historia ha de escrevel-a um dia o povo, rasgando todas essas paginas mentirosas e lisonjeiras das décadas fabulosas, sahidas das mãos dos eunuchos d'estes harens do occidente.

Esta paralysia social em que a geração presente cahiu, esta hesitação absurda e repugnante nos annaes da nossa vida actual tem uma explicação irrespondivel: o mundo espera uma crença viva para se alentar na sua marcha — para respirar, e viver. D'onde virá a fé?

Habitantes d'uma peninsula á mercê de tantas invasões, raças tão diversas teem pisado este solo, que difficil, senão impossivel, será buscar-lhes a genealogia. Iberos, celtas, tyrios, phenicios, carthaginezes, numidas, berbéres, romanos, godos, alanos, suevos, mussulmanos, e varias hordas de gascões, e borgonhezes, afóra

aragonezes, asturianos, e gallegos sulcaram este solo sagrado.

Onde estão os lusitanos? — Onde corre esse sangue mosarabe com que a historia enche a vastidão das nossas campinas, e povôa a crista das nossas montanhas? — Nas trevas das invasões perdem-se os vestigios, e em presença dos aventureiros, que acompanhavam Henrique de Borgonha, apparece uma raça energica, robusta, e corajosa, que põe em derrota a meia lua dos sectarios do Islam, e obriga a dynastia affonsina a conceder-lhe cartas de foraes, que são os pergaminhos e armarias d'esta nobilissima raça hispanica.

E o velho soldado do cêrco do Porto curvou a cabeça, e meditou.

Depois disse:

— Quem são, então, os duques e condes que acompanhavam o aventureiro, e bastardo real? Quem são os mercenarios, que se aformoseavam com as alcunhas ephemeras, e irrisorias dos cargos nobiliarchicos da côrte byzantina, quando estes titulos valiam, outr'ora, pela significação do mando, do poderio e da jurisdicção?

A' face da nobre raça hispanica — raça que somos nós — eram elles o enxurro, e a vadiagem das côrtes em que nasceram.

Nós eramos o povo, eramos a raça, eramos a tradição.

Quem tomou Lisboa aos mouros? Quem levou os arabes e berbéres de vencida até ás costas do occidente? Quem povoou a patria, quando as quinas se desfraldaram em Ourique? Quem coroou D. João I, esmagando as traições de Castella? Quem promoveu a restauração de 1640, e lutou pela independencia da patria?

Foi o povo.

Deixemos Aljubarrota ao condestavel.

Deixemos a restauração aos quarenta conjurados do palacio do conde de Almada. Que poderiam elles sem nós? O zelo, a coragem, o esforço, e o amor da patria só nos cabem a nós. — Vencemos sempre, porque eramos o povo.

Batemos com os contos das nossas lanças ás portas de Ceuta, de Tanger, e d'Arzilla, e os bastiões africanos cediam aos nossos esforços. Aportamos em Calecut, Cochim, Gôa, Malaca e Ormuz — e o Oriente dobrou-se á nossa vontade. Que importa, que os cabos de guerra tenham os louros das victorias, e das conquistas? A gloria é nossa. Fomos o instrumento civilisador, o soldado que morre pela patria, o portuguez, que cahe alanceado junto do seu pendão.

Para o condestavel, para Vasco da Gama,

para Affonso d'Albuquerque, para D. João de Castro, para D. Francisco d'Almeida ha a chronica, ha o livro, ha as tenças, ha a narração dos feitos esforçados e valerosos, ha as recompensas da munificencia regia, e os brazões, que são a commemoração d'esses feitos, esculpidos nos portaes dos seus nobres solares.

Para o homem do povo, que pelejou ao lado dos mais corajosos, que batalhou onde havia mais perigo, que abandonou mãi, mulher e filhos, — para esse, ha a valla de finados, triste, e obscura — e a chronica emmudece, porque não é para peões, e villanagem, que foi creada a historia dos reis, e a Torre do Tombo, onde se guardam, e archivam seus feitos e memorias.

Para o povo ha o silencio.

Quando d'elle falla a historia, alcunha-o de sedicioso, barbaro e turbulento.

Para o povo ha o esquecimento.

A humanidade é uma idéa abstracta, que vive para a historia, nos vaidosos triumphos dos Alexandres, dos Cesares e dos Pompeus.

Quando um homem do povo cahe mutilado, pela arma homicida dos poderosos do dia, chama-se Socrates, chama-se Spartacus, chama-se Gracho, chama-se Galileu, chama-se Danton,

chama-se Vergniaud, chama-se Armand Carrel, chama-se Gomes Freire, chama-se *legião*. Mas a historia atravessa estes periodos symbolicos da vida das nações sem commemorar estes nomes?

Para que? — Levantou já alguem o estigma que pesa sobre Catilina?

A historia divinisou Cesar, e applaudiu Cicero.

Rasgaram já os crépes que envolvem o busto de Robespierre, e a fronte de Saint-Just?

A França reclamou Bonaparte, e mais tarde victoriou o cossaco, que dos estepes da Russia vinha impôr leis e dynastias ao capitolio da raça latina.

E nós? — Aqui o veterano fez uma pausa. Levantou a fronte como se sentira o clarim das batalhas, e continuou em voz sumida e cavernosa: — A nós deram-nos uma carta constitucional, que é como um foral — para não dizer carta d'alforria — a nós deram-nos uma mentira, escripta com o sangue do povo, no sólo sagrado da patria.

E o veterano calou-se.

Depois como despertado pelo ruido dos combates, como se aquella alma aspirasse a novas lutas, para sustentar os principios por que pelejára, ergueu-se do catre onde estava sentado, e rumorejou: E fallaes-nos de patria! Patria aonde, e patria com quem? No Rocio em treze de

março? — em Torres Vedras em 1846? — no Porto em 1851? — A patria é o sólo sagrado onde jazem as ossadas dos nossos avós. A patria é o local onde assenta o nosso lar domestico, onde vivem as nossas familias, onde está cravado o pendão dos nossos direitos. A patria é nossa por que derramamos o nosso sangue por ella.

Em seguida curvou-se para mim, que estava sentado no fundo d'este triste e miseravel quarto, e disse-me em phrases breves:

—Faça-me só um favor. E' o unico que lhe peço. Como prologo d'esse manuscripto, publíque este papel. E' a meditação das minhas noites de insomnia. E' o symbolo das minhas crenças. E' o credo da minha religião politica. Morrerei contente.

Começa por este prologo o manuscripto do desembargador.

VISCONDE DE OUGUELLA.

O DECEPADO

Duarte de Almeida, o alferes de Affonso V, conheço-o desde a minha infancia, por m'o apresentar em verso o meu finado amigo Ignacio Pizarro.

Chorei por Duarte de Almeida, como se elle fosse meu avô, quando o infeliz, na volta de Toro, onde os castelhanos lhe deceparam as mãos, se lastimava assim pela bocca do poeta do *Romanceiro portuguez*:

Nem a espada, nem a lança
Posso nas mãos empunhar!...
Ai de mim! triste lembrança!...
Nem bandeira tremolar!...
Nem bordão de peregrino
Póde meu corpo arrimar!
Nem o meu pranto contino
Tenho mãos para limpar!...
Luiza! já me esqueceste?...
Talvez tu ora suspires
Por outro... se tal fizeste...
Coração! ah! não delires...
Morto já, tu me julgaste,
E se agora assim me viras,
D'aquelle a quem tanto amaste
Talvez agora fugiras.

*

Talvez nobre cavalleiro
Pôde alcançar tua mão...
Queira o céo morra eu primeiro,
Não saiba a tua traição.
Que eu antes quero da morte
Ter gelado o coração,
Do que vêr amor tão forte
Ter em premio a ingratidão.

Com estas e outras piedosas queixas ia o namorado alferes caminho do castello de Aguiar, onde vivia a castellã Luiza.

O leitor já me está dizendo que sabe o entrecho do romance de Pizarro: que a donosa castellã, julgando morto o seu amado, lhe fizera cantar os responsos em sumptuosos funeraes: que o cavalleiro, a deshoras, se annunciára na barbacã do castello; e, admittido á capella, encontrou Luiza a vestir o habito de monja: que o decepado, apertando-a ao peito, lhe fez vêr que estava vivo, e que ella, allegando o voto que fizera de professar, cahiu de encontro á eça, e morreu.

Termina o trovador:

Seu amante desditoso,
Mais desgraçado, viveu;
Mas o seu fim lastimoso
Nunca ninguem conheceu.

Bastantes annos — e que ditosos annos! — andei enganado pelo meu amigo Pizarro. Fui tres

vezes ao castello do Pontido. Creio que já disse, não me lembra aonde, que encontrei entre as urzes da matta subjacente ao castello um espigão de espora sem rosêta, e suspeitei que ella houvesse sido do infausto amador da castellã. Figurou-se-me, ao cahir da noite, vêl-a no gothico balcão, voltada para os serros fronteiros, suspirar no alaude:

Adeus, serra do Mizio!
Adeus, val de Villa Pouca!
Adeus, castello sombrio!
Minha voz ouvi já rouca!

Estas impressões da primeira mocidade revivem quando a razão as impugna ao sentimento. De envolta com as minhas indagações historicas na triste sorte da princeza D. Joanna, chamada a *excellente senhora*, o vulto que mais me preoccupava era o alferes da bandeira, Duarte de Almeida, o heroe, o amante da castellã, o decepado cujo

..........fim lastimoso
Nunca ninguem conheceu.

Quanto ao seu fim, citava Pizarro um trecho de Duarte Nunes de Leão (*Chronica de Affonso* V) muitissimo desconsolador. Alli se diz que o bra-

vo, depois de tamanha proeza, vivera mais pobre que d'antes. Este opprobrio nacional confirma-o modernamente o snr. Pinheiro Chagas, com estas phrases austeras: «O cavalleiro heroico sobreviveu ás suas feridas, e voltou a Portugal onde foi sempre conhecido pelo glorioso nome do *Decepado*. Mas, ó vergonha! o homem que assim tão briosamente se portára, morreu na miseria, porque nenhuma recompensa lhe foi dada, e porque nem se quer podia ganhar a vida pelo seu trabalho, logo que o haviam impossibilitado de trabalhar as suas tristes mutilações [1].»

Por honra da patria e da humanidade, apresso-me a declarar que é menos exacto o que Duarte Nunes diz e o snr. Pinheiro Chagas encarece. Logo me justificarei com documentos.

Pelo que respeita ao romance de Pizarro, tão sómente dous elementos de verdade historica podemos aceitar-lhe: a existencia do alferes e a do castello de Aguiar. E o certo é que ao meu intelligente amigo não corria o dever de maiores exactidões.

Primeiramente direi do castello.

Lá está, e já lá estava assim, pouco mais ou menos, antes da fundação da monarchia portu-

[1] *Historia de Portugal*, tom. III, pag. 28.

gueza. Quem o possuia ou governava, no tempo em que D. Affonso Henriques pleiteava nos arraiaes com sua mãi e com o imperador D. Affonso, era o rico-homem D. Gonçalo de Sousa, genro de Egas Moniz, e senhor da terra de Sousa. Traslada no tom. III da *Monarchia Lusitana* (pag. 112), fr. Antonio Brandão da *Vida de Santa Senhorinha*, codice áquelle tempo inedito, uma passagem que faz ao nosso intento [1].

Reza assim, melhorado na orthographia:

«*Digo-vos que estando folgando em sua terra um principe nobre e cavalleiro d'este reino, o qual era mui privado d'el-rei D. Affonso, e havia nome D. Gonçalo de Sousa, mui poderoso, e todo conselho d'el-rei estava em elle; estando, como disse, folgando, chegaram a elle mensageiros dizendo que os inimigos lhe corriam a terra, e que lhe tinham cercado o castello d'Aguiar; o qual logo chamou suas gentes que póde haver, e foi-se para haver de descercar o dito castello. E chegando aonde jaz o corpo d'esta santa lhe fez reverencia, e oração não lhe lembrou; e indo ainda em vista da igreja metade*

[1] O codice está integralmente impresso nas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, pelo padre Torquato Peixoto de Azevedo, em 1692, pag. 444-476. Sirvo-me d'esta copia, corrigindo os erros do traslado de Brandão.

de um campo, esteve pegada a mula, em que ia o cavalleiro, a qual elle com esporas e pancadas não podia abalar, mas antes a mula quedava mais rija e pero se desceu d'ella e a não podia abalar; e, vendo elle isto, lembrou-lhe como passára pela igreja da santa sem lhe pedir benção, e mercê, e sem fazer oração, e por isso lhe detinha a mula; e, soffreando a mula para traz para se tornar á igreja, a mula logo tornou, e o cavalleiro fez sua oração encommendando-se á santa, e des i fez seu caminho, e com suas companhas descercou seu castello, e correu depois os inimigos, e tornou a sua casa com victoria, etc. »

O chronista Brandão, por mal informado, escreve que o castello de Aguiar da Pena se avista com as montanhas de Barroso. Estas montanhas distam seis leguas do castello, e entre ellas e o valle em que negreja a fortaleza gothica estão os cabeços da serra de Alfarella, e no horisonte mais elevado alveja villa Pouca de Aguiar. Acrescenta que o castello «é crespo de torres, baluartes e cubellos, e está fundado sobre a corôa de uma penha talhada de uma parte por natureza, que parece obra feita á mão, » etc.

Póde ser que no seculo XVII, quando Brandão escrevia, permanecessem ainda as torres e ba-

luartes. O que ha vinte annos parecia ter robustez para seculos eram quatro alterosas quadrellas de alvenaria ameiadas com seus adarves, bastiões, e janellas gothicas sem lavores.

Recordo-me ter lido na *Nova historia de Malta* de José Anastacio de Figueiredo que o castello no seculo XIII pertencia á ordem hospitalaria de S. João de Jerusalem, e cita um aviso que obriga os lavradores circumvisinhos a carregarem pedra para reparos.

E não sei mais nada quanto ao solar da phantastica Luiza.

Agora vamos em cata do *Decepado*, depois que voltou de Castella. Encontramol-o na sua casa acastellada no seculo XII, que teve o nome de castello de Villarigas, no couto do Banho, hoje concelho de S. Pedro do Sul.

É elle o herdeiro de seu pai Pedro Lourenço de Almeida. Afóra aquelle castello, tem outro na quinta chamada da Cavallaria, honrada por el-rei D. Fernando em 1419, e onde os linhagistas enraizam o tronco dos Almeidas.

Quando alli chegou, esperavam-o a esposa e dous filhos.

A esposa chamava-se D. Maria de Azevedo, filha do senhor da Louzã Rodrigo Affonso Valente e de D. Leonor d'Azevedo, que herdára

grandes haveres de sua tia D. Ignez Gomes de Avellar.

Os filhos do *Decepado* chamaram-se Affonso Lopes, e Ruy Lopes de Almeida. Affonso, o successor das honras e coutos de Villarigas e Cavallaria, casou com D. Leonor Vaz Castello Branco, filha de João Vaz Cardoso, aio do conde de Barcellos.

O filho segundo, Ruy, foi para Castella, como veador da princeza D. Joanna, filha de D. Duarte, e mulher de Henrique IV.

Esta geração de fidalgos continuou honrada e rica até á duodecima neta de Duarte de Almeida, a snr.ª D. Eugenia de Almeida de Aguilar Monroy da Gama Mello Azambuja e Menezes que em 15 de setembro de 1834 casou com o snr. Fernando Telles da Silva, marquez de Penalva, de quem teve dous filhos, Luiz, que, nascendo em 1837, morreu ha poucos annos, e D. Henriqueta de Almeida, que nasceu em 1838, e vive solteira. Do snr. Luiz Telles, que foi casado com a snr.ª D. Maria Francisca Brandão, sua prima, existe uma filha, que é já senhora.

Quanto á pobreza *e miseria em que morreu* Duarte de Almeida, o snr. Pinheiro Chagas foi illudido por Duarte Nunes e Faria e Sousa, que na

verdade o authorisaram a deplorar tão sentidamente a sorte do alferes de Affonso v.

Duarte de Almeida succedera a D. Duarte de Menezes no posto nobilissimo de alferes-mór da bandeira. Militando nas guerras de Africa, salvou o pendão real das presas da mourisma, quando Affonso v deu batalha na serra de Benacofuf. (Faria e Sousa, *Africa*, cap. 6, §. 7.º)

E tanto o rei não foi ingrato aos serviços do seu valente alferes, que, estando em Samora, em 1475, no anno anterior ao da batalha de Toro, ainda antes do heroico feito, lhe fez mercê pelos seus grandes serviços, para elle e seus filhos, de um reguengo no concelho de Lafões, cuja carta de mercê póde lêr-se na Torre do Tombo no *Livro que serviu na chancellaria de D. Affonso* v, folha 17, e começa: *A quantos esta minha carta virem faço saber que pelos muitos serviços que Duarte de Almeida, fidalgo de minha casa, e meu alferes-mór me tem feito assim n'estes reinos de Castella como de Portugal e em Africa, onde sempre me serviu muito bem e lealmente*, etc.

O rei, que tanto o apreciára e galardoára, sabido é que foi para França solicitar debalde a alliança do velhaco de Luiz xi. Voltou a Portugal, onde viveu ainda cinco tristissimos annos, forçado a divorciar-se da esposa, desestimado do filho,

e desvenerado dos vassallos. Não era, pois, tempo proprio aquelle para premiar heroismos batalha, cuja perda dissimulada em victoria, enlutára o brio e o coração de Affonso v.

O decepado, por sua parte, lá tragava o fel dos seus derradeiros annos na abastança dos bens que, certo, lhe não mitigavam as angustias da mutilação; mas em pobreza e miseria não consintamos sequer á poesia que nol-o figure.

Se D. João ii não augmentou em coutos, honras e senhorios a casa do alferes de seu pai, não o arguamos por isso, sem haver a certeza de que Duarte de Almeida sobrevivesse ao Africano. Na batalha do Toro já devia ir no inverno da vida quem vinte annos antes desfraldára o pendão real em Alcacer-Ceguer, e quem já tinha um filho, que acompanhára como veador a Castella a mãi da princeza D. Joanna por amor de quem andava accesa a guerra. Afóra isso, é de crêr que Duarte de Almeida assistisse ao desastre de Alfarrobeira em 1449, e não fosse dos menos carniceiros na mortandade do duque de Coimbra e dos seus leaes amigos. Ora, transluz da historia que D. João ii odiára todos os fidalgos que, de parçaria com o duque de Bragança, malsinaram de traidor o infante D. Pedro. Ajuda estas suspeitas ser o primogenito de Duarte de Almeida casado com a

filha de um que fôra aio do conde de Barcellos, antes de ser duque de Bragança.

Já, porém, o successor de D. João II galardoou o neto do decepado, dando-lhe o senhorio da villa do Banho, a provedoria das caldas de Lafões, e lhe confirmou o privilegio e couto da quinta da Cavallaria.

Em remate de tão derramadas provas, quero deixar bem assente que Duarte de Almeida, o meu tão chorado heroe do sentimentalismo da infancia, não morreu pobre, nem acabou na miseria do homem que, á mingua de mãos, não póde trabalhar.

Por fim, não sahirei do paço senhorial da Cavallaria sem consolar o leitor pio e mais lido em cousas do céo que em nobiliarios, que n'aquella casa nasceu o bemaventurado S. frei Gil, chamado de Santarem, e que Almeida Garrett ajoujou com o dr. Fausto no poema *D. Branca* e nas *Viagens*.

Ainda hoje, n'aquella casa, perdura uma capella edificada na alcova onde nasceu o sabio feiticeiro e pactuario do demonio. Observe-se que o conde D. Pedro, no *Livro das Linhagens*, tit. 25, pag. 151, diz que Gil fôra assassinado por Pedro Soares Galinato; mas o chronista-mór João Baptista Lavanha desfaz o erro, — o que eu muito

estimo para que se não desluza a substancia da bella prosa de fr. Luiz de Sousa, historiador do santo.

CARIDADE BARATA E ELEGANTE

O advogado Sampaio Efrin morreu, ha cinco annos, em Lisboa, e deixou dous filhos illegitimos, que já não tinham mãi.

Amára-os extremadamente. As duas crianças excruciaram-lhe a agonia; mas expirára com a certeza de que seus filhos, e herdeiros de parte de seus haveres, não balbuciariam, em horas de fome, o nome de seu pai.

Mas a justiça desherdou os orphãos, e deu o espolio do advogado á sua viuva.

O menino alimentou-se cinco annos da caridade de uma criada de seu pai.

E, quando tinha seis, appareceu livido e pobremente vestido a pedir esmola no tribunal da Boa-Hora — alli, onde seu pai triumphára nas lides da eloquencia.

A bemfeitora que, até áquelle dia lhe repartira do seu pão, quando sentiu a mão da morte sobre o seio, disse á criança que fosse ao tribunal e mendigasse, lembrando-se que alli concorriam pessoas que tinham conhecido seu pai.

O snr. João Bernardino da Silva Borges viu o menino andrajoso, a tiritar, com o espasmo da fome nos olhos — aquelle olhar espavorido da miseria — que parece sagrada nas criancinhas — aquelle olhar torvo, expressão de assombro do anjo a tremer sobre o cairel d'este inferno do mundo.

O menino tinha uma carta na mão. O snr. Silva Borges leu a carta. Era a supplica da moribunda a favor do desvalido filho de seu amo.

E conduziu a criança, onde lhe dessem a esmola do jantar e da cama.

Ao outro dia, o *Jornal da Noite*, publicando uma carta commovente do protector do orphão, acompanhava a invocação á caridade de sentidas e pungentes palavras.

E, no dia immediato, o mesmo jornal exultava noticiando que o orphãosinho estava amparado, no regaço da caridade abundante, nos braços de alguem que ouvira o echo das divinas palavras de Jesus: «Deixai que as criancinhas se aconcheguem de mim.»

Volvidas duas semanas, á volta do menino, a caridade faz-se representar por nove senhoras illustres, quanto cabe inferir dos appellidos.

Nove anjos, as nove musas da inspiração santissima, nove corações a desbordar de generosidade, dezoito mãos cheias de caricias e do superfluo da sua riqueza, para afagar, alimentar e educar um menino a quem esta setima primavera bafeja os primeiros risos de sua enfezadinha puericia. É muito!

Mas estas nove damas assumem cada qual sua nomenclatura:

Uma, chama-se *presidenta*;

Outra, *vice-presidenta*;

Quatro, são *vogaes*;

Uma, é *thesoureira*;

E as outras, são *secretarias*.

Mas que tem isto que vêr com o orphão? O congresso das senhoras, assim qualificadas em categorias de banco, de junta de parochia, de empresa aurificia, de companhia das aguas, organisou-se d'este feitio para dar uma pensão de 300 reis diarios — o bastante — ao pequenino no collegio?

Quer-me parecer dispensavel tamanho funccionalismo em operações tão singelas! São nove senhoras abastadas que se fintam, quotisando-se cada

uma em 33 reis por dia, ou dez tostões por mez. É, na verdade, barato o salvar-se um menino e fazel-o homem! Seis ou oito annos do pão e estudo d'aquella creatura — que ss. exc.as hão de enviar com santa vaidade diante da sepultura de seu pai — não póde custar a cada uma tanto como dous dos seus vestidos medianamente guarnecidos.

Então, qual vem a ser a missão das exc.mas presidenta, vice, vogaes, thesoureira, secretarias?

Leitor, que estás a impar de ternura, e tens o rosto banhado de lagrimas de consolação, saberás que as referidas nove senhoras — que tu já conheces dos lautos bailes, e das *toilettes* esplendidas — congregaram-se agora *para promover um beneficio ao orphão no theatro de D. Maria.*

Ahi está o que é. Ainda agora é que estas dadivosas senhoras vão sondar a magnanimidade publica; vão dar uns toques de elegante apparato á caridade, e ao mesmo tempo convidar-vos a pôr hombros áquella ponderosa empresa de agasalhar uma criancinha que se alimenta com um pouco de amor e algumas migalhas sacudidas das cêas opiparas. A caridade de Lisboa! A caridade do espalhafato! Aqui, no Porto, o orphão, a esta hora, estaria agasalhado, sem que a imprensa conhecesse o nome do bemfeitor.

E a imprensa de Lisboa exalça encarecidamente a exuberante bizarria das senhoras que promovem nos corações alheios o sentimento da esmola. Peço licença para tambem me accender em admiração de tamanho arrojo, e perguntar, por esta occasião, aos jornalistas se, no seu cadoz de phrases, ficou alguma com que se louve aquella criada pobresinha que sustentou o menino cinco annos, e o largou do seu seio quando o coração se lhe afogou nas ultimas lagrimas.

PROFUNDA REFORMA NOS COSTUMES DA VIA-FERREA PORTUGUEZA

Quando Portugal emergia das trevas da meia-idade, em 1873, e a via-ferrea de Portugal era roupa de francezes, o scintillante escriptor Ramalho Ortigão enviou aos snrs. *François et Ladame* (cumpre não aceitar a traducção de Bordalo Pinheiro — *Francisco e a mulher*) uns urbanos queixumes ácerca da bruta ladroeira que os func-

cionarios da via-ferrea perpretaram em parte das batatas de um sacco enviado desde o Minho ao percuciente critico. Ortigão, cujo agudo espirito argúe abstinencia de alimentação farinacea, conclue a sua epistola, modêlo de graça portugueza — que é a graça de todo o mundo — offerecendo aos directores da via-ferrea todas as futuras e porvindouras batatas, visto que ss. s.as, cedendo-lhe algumas, soffriam tal qual desfalque.

N'esse tempo, estava eu em Lisboa a vasquejar nos demorados paroxismos da anemia, resultante de dyspepsia, complicada com hepatite, e prodhromos de encephalite, e symptomas de curvatura de espinha, e esgotamento de fluido nervoso, afóra a espinhela cahida.

Escrevi, n'esta concurrencia pathologica, a um amigo meu, residente no Porto, que me comprasse alli doze garrafas do mais antigo e secco vinho que se lhe deparasse em garrafeira particular. Quando conclui a carta, cuidei que expirava, por que tinha consumido em quatro idéas sem estylo o oxygeneo e acido carbonico de que podia dispôr.

D'ahi a dias, o meu amigo enviou-me o titulo de recepção de doze garrafas de vinho, compradas por 12 libras, é enviadas pela «grande velocidade», cuidando elle que os ladrões não as apanhariam na carreira.

*

Como se as doze garrafas se me figurassem outras tantas botelhas de Leyde a descarregarem electricidade sobre os meus grandes-sympathicos e regiões limitrophes, saltei da cama, e fui receber o meu vinho — a minha salvação — a Santa Apolonia.

Recolhido o caixote á sege, e baixados os stores, debrucei as regiões do meu olfacto sobre as fisgas da tampa do caixão, na esperança de aspirar alguns atomos de tanino.

Cheirou-me a azeite. Entendi que havia perversão na minha membrana pituitaria, uma narizite, unica molestia que me faltava.

Assim que entrei em casa e o caixão se abriu, não sei bem o que vi, nem como perdi a consciencia dos dous *eus*. Sei que, volvidas horas, recobrando o espirito, e querendo recordar as causas de tão comprido lethargo, perguntei aos circumstantes, distillados em lagrimas, se eu tinha lido algum livro de Theophilo.

— Não, infeliz! — respondeu-me voz sincera — não foi tamanha a desgraça que te fulminou; o que tu viste foi seis garrafas do teu vinho, que te custaram seis libras, substituidas por seis garrafas vasias que tiveram azeite.

A minha primeira idéa foi gritar á d'el-rei; lembrando-me, porém, que o rei não governa,

quiz chamar o cabo da rua; depois, passou-me pelo espirito recorrer á camara «baixa» e ao patriarcha. E, por fim, chorei copiosamente, e bebi dous tragos de uma das seis; e logo, á semelhança das nações oppressas, que se levantam como um só homem, tambem eu me levantei sósinho; e, clamando um rugido grande, pedi á Providencia das raças latinas que nos désse um administrador dos caminhos de ferro, nascido e baptisado n'esta terra dos Affonsos e dos Joões.

Fui ouvido, e as cousas melhoraram consideravelmente.

N'este anno de 1874, 2.º da Emancipação, tenho recebido reiteradas provas da melindrosa cortezia que assiste ao funccionalismo do transporte da via-ferrea portugueza. Se em 1871 não chorei mediante os prelos, hoje lamento não ser um cytharista bastante lyrico para dignamente arpejar um fado expresso do citado funccionalismo.

Direi da cortezia com que alli são tratadas as minhas cousas. Tendo eu recebido em Lisboa seis garrafões de aguardente das nossas colonias, lacrados e cheios, enviei-os d'alli para o Porto cheios e lacrados. Ao cabo de onze dias de jornada, os garrafões chegaram a minha casa... inteirinhos! Se isto não é probidade, a virtude era aquillo que dizia Catão. Notei, porém, uma insi-

gnificante cousa: os garrafões chegaram deslacrados, e levavam pouco menos de metade do liquido; mas inteiros, perfeitos, sem rachadella, nem esquirola de menos.

Um d'estes dias, em dous caixões de vinho da Madeira, que me eram enviados de Lisboa, — e foram retidos para despacho nas Devezas, posto que já em Lisboa houvessem pago direitos — observei ainda mais refinada cortezia; porque, apparecendo algumas garrafas quebradas, teve aquella honrada e limpa gente o cuidado de lhes trasfegar o vinho a fim de que as outras se não molhassem — de modo que chegaram enxutas.

E fez mais: teve outro sim a bondade de tirar algumas garrafas para que as outras chegassem mais desafogadas da pressão das visinhas!

Eu não conheço maneira mais subtil de obrigar a gente a um reconhecimento eterno, e a... acautelar o relogio.

FORMOSA E INFELIZ

A dita e a formosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão que é phantasia;
Eu que vi tempos e annos,
Nenhuma cousa duvido
Como ella é azo de damnos.

BERNARDIM RIBEIRO.

São verdadeiras as trovas do poeta das *Saudades*.

Aquella Maria da Penha que o leitor viu, ainda agora, carpida n'um soneto, foi muito incensada por formosa antes da sua queda. Uns poetas a embriagaram com o perfume da lisonja, em quanto ella se manteve honesta; outros lhe depozeram alguns bagos de assafetida na ambula funeraria, quando os seus creditos eram mortos e responsados no catafalco que a sociedade levanta ás suas mesmas victimas.

E já que eu trasladei o soneto, como epitaphio do seu tumulo no convento onde se finou, trasla-

ladarei tambem uns versos que lhe deram alor e azas á vaidade que a perdeu.

Suspeito que o poeta d'estes cantares não fosse o fidalgo que a levou arrebatada de entre um thalamo e um berço. Os poetas, por via de regra, costumam enflorar os holocaustos sacrificados nas aras da prosa. Assim o requer o equilibrio do cosmos. Á poesia — a lyra que insinua no coração da mulher as phantasias com que mais se alinda e encarece; á prosa — as delicias d'essas bellas cousas, o dominio das aves do paraiso, que os poetas farejam, á laia de nebris que pairam a denuncial-as ao caçador sagaz.

A meu vêr, em quanto o marquez de Gouvêa mandava ajaezar os cavallos para a funesta fuga, um dos muitos idolatras da formosissima Maria motejava uma quadra e derivava d'ella a glosa tão presada n'aquelles tempos:

A D. MARIA DA PENHA DE FRANÇA

MOTE

Abre-te, penha *constante,*
serás minha sepultura;
e, se os meus ais te não movem,
digo-te, penha, *que és dura.*

GLOSA

Penha, *já sei que és tão dura,*
porque dous soes te geraram;
seus raios te despojaram
das reliquias da ternura:
Porém, se a corrente pura
de meus olhos incessante
abrandar um diamante;
a meu pranto sucessivo,
quebra-te, marmore vivo,
abre-te, penha *constante.*

Até nas mais duras penhas,
lavrador o tempo sendo,
as aguas, que vão correndo,
fazem regos, abrem brenhas.
Não receies tu que venhas
a perder por menos dura;
pois meu pranto o que procura
é desfazer-te em piedade;
e, se abrir concavidade,
serás minha sepultura.

Lagrimas não te enternecem
antes te tornam mais dura;
roubou-lhe o preço a ventura
ou por minhas desmerecem.
Meus ais sentidos parecem
golpes, que pedras commovem;
mas como faiscas chovem
de ti, que farei, oh penha,
se o teu rigor mais se empenha
e se os meus ais te não movem?

Teu nome a dizer se empenha
quem tu és por semelhança;
pois no garbo és toda frança,
na dureza és toda penha:
Penha *em que pienha tenha*
essa rara formosura;
mas, se estatua ser procura
a meu suspiro incessante,
mais que o mais duro diamante,
digo-te, penha, *que és dura.*

ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

As indagações de Diogo Barbosa Machado, ácerca do poeta Serrão, reduzem-se a datar-lhe o nascimento.

Á falta de outros subsidios, bastariam as poesias do travesso sujeito a esclarecer-lhe a vida mysteriosa aos mais atilados investigadores. O maior numero d'ellas está inedito. E o seu mais notavel poema, em tercetos, que perfazem 2:090 versos octosyllabos, chama-se *Os ratos da inquisição.*

No palacio da inquisição passou elle alguns annos de sua vida, que de certo não foram os melhores.

Pelos modos, era hebreu dos quatro costados; mas não adorava o bezerro, nem se abstinha dos paios do Alemtejo. Em quanto o deixaram, viveu e medrou á lei da natureza. Seguiu fervorosamente a religião do prazer, repartindo alma e versos por judias, christãs e mouras, consoante lhe sahiam a talho de fouce. Tanto afinava a lyra para cantar fidalgas como regateiras. Entre estas, houve uma vendilhona de maçãs camoezas que não foi das menos amadas e menos esquivas. Se os poetas modernos querem ajuizar do lyrismo plebeu d'este seu bisavô, aqui teem uma das cançonetas dedicadas á saloia das camoezas, e cantada pelos cytharedos d'aquelle tempo:

Para a feira vai Luiza
C'o seu balaio á cabeça
Todo enramado de louro
E cheio de camoezas.

Leva saia de jilezia,
Tambem jubão branco leva,
Que serve o jubão de branco [1]
D'onde Amor atira as flechas.

Sobre os dedos, pendurados
Leva seus punhos de renda.
Tão valentona caminha
Que treme o bairro de vêl-a.

[1] Alvo.

Lá no meio do Rocio
Levanta a voz mui serena
Como se aprendêra solfa:
«Eu já tenho camoezas.»

A voz tão divina e grave,
A voz tão de prata e bella,
Os galantes se alvorotam
E ferve a bulha na feira.

Deixam todos as boninas
Só por ver esta açucena;
Em um momento, cercada
Se viu esta fortaleza.

Os requebros que lhe dizem
São balas de feras peças:
Mas no muro de seu peito
Acham grande resistencia.

Uns apreçavam a fruta,
Outros tiram da algibeira
Ás mancheias os tostões,
Aos alqueires as moedas.

Mas Luiza, mui de espaço,
Levantando a voz tão bella,
De quando em quando repete:
«Eu já tenho camoezas.»

Hoje em dia, por acerto haverá ahi poetastro a quem pareçam, sequer toleraveis, estas linhas toadas, sem faisca de ideal, sem realismo, sem as satanisações modernas; no entanto, o coração entende-se melhor n'aquelles poetas que, em vez de

se evolarem á poeira luminosa da via-lactea, andavam alli pelo Rocio amoriscados de fruteiras de camoezas.

Por causa d'estes amores innocentes e frescos, não foi Antonio Serrão de Castro disputar aos ratos da inquisição a magra pitança da sua alcofa. O leitor alguma vez ha de lêr os queixumes do hebreu, repassados de tanta ironia, que a gente se admira que os graves monges de S. Domingos lhe não acendrassem o engenho no fogo.

Quando o poema satyrico se escoou das grades do carcere para a assembléa dos catholicos, um poeta christão, no intuito de apressar o processo do judeu, divulgou as seguintes decimas:

Judeu de mau proceder,
Que, se em teus versos discorro,
Logo pareces cachorro,
No ladrar e no morder.
Ainda espero vêr-te arder,
Pois com tanta sem-razão
Murmuras da inquisição;
Porém, é força em teu erro,
Se te tratam como perro,
Que te vingues como cão.

Dos ratos, d'esta maneira,
Te queixas e de seus tratos;
É mau queixar-te dos ratos,
Estando na ratoeira.
Tua allusão sorrateira

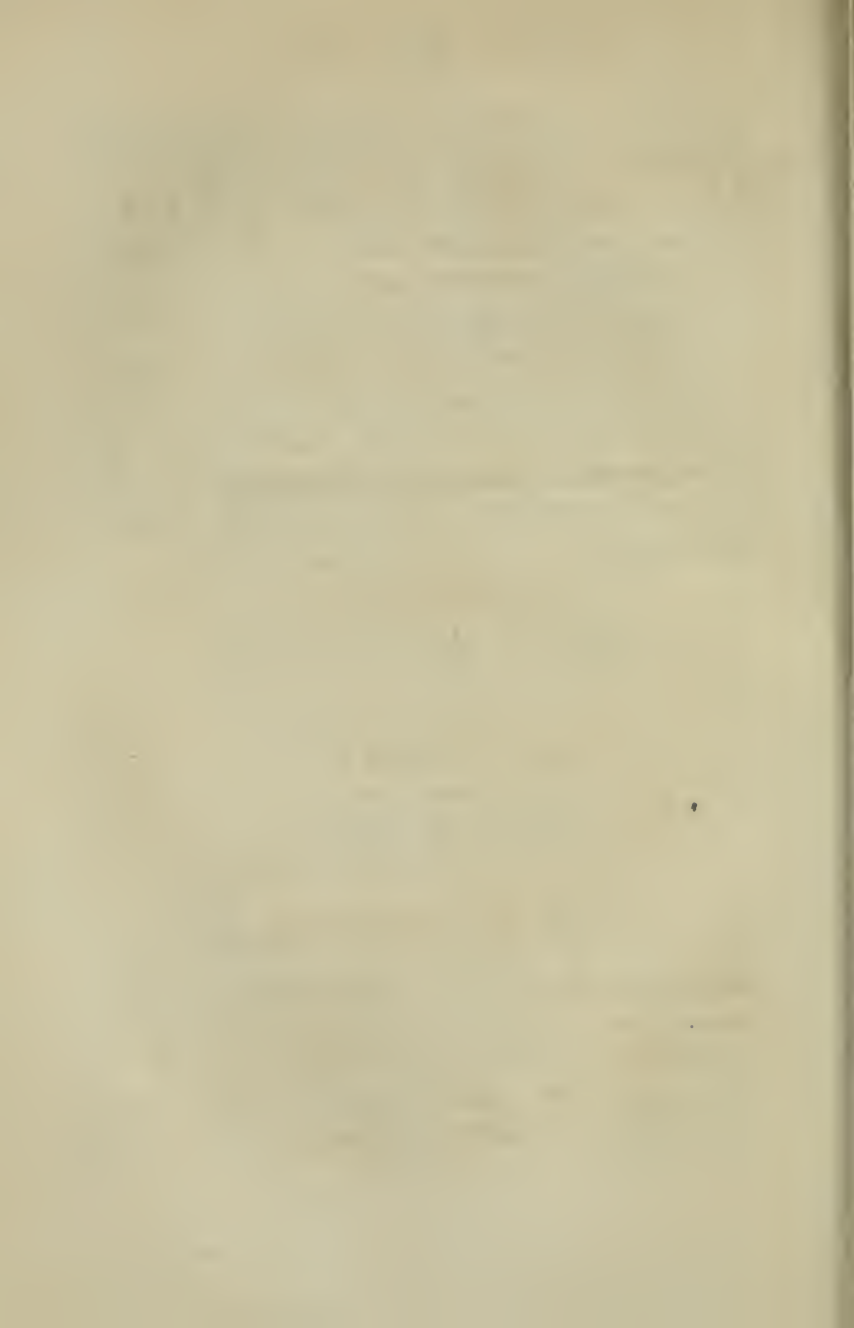
Saber o engenho procura,
E a rhetorica se apura
N'esta allusão que formaste,
Pois d'esta figura usaste,
Antes de fazer figura.

Nescio, depois de judeu,
Quando o sambenito mamas,
Triste portuguez te chamas,
Sendo o mais astuto hebreu!
Quem te vira posto em breu
Ou partido de uma bala!
Ninguem comtigo se iguala,
Pois fazes, quando precito,
Sendo infame o sambenito,
D'esse sambenito gala.

Se viveste descortez,
Com repetida torpeza,
Mais á lei da natureza
Do que na lei de Moysés,
Queixa-te só d'esta vez
De ti, mas não de outro trato;
Que eu sei que nunca do rato
Te queixáras, asneirão,
Se assim como foste cão,
Poderas tornar-te gato.

Os ferventes desejos d'este catholico, assim rimados, chegaram ao ergastulo do cantor dos ratos, e vibraram-lhe os nervos da espinha dorsal. Não lhe pareceu caso novo e original queimarem-no. Embridou, por tanto, a musa da galhofa, e cahiu em si. Começou de escrever poesias or-

thodoxas ao nascimento do Menino-Deus, aos santos e santas mais em voga, ungindo tudo de lagrimas de contrição que era uma piedade lêr-lhe os sonetos, os quaes, ainda agora, li bastantemente commovido. O certo é que o vaticinio do bardo christão foi desmentido pelo hebreu que sahiu absolto, e por ahi andou por Lisboa até aos setenta e quatro annos, rindo de tudo com resalva das conveniencias, e vivendo com as largas, que lhe davam os seus admiradores, e acamaradado com os primeiros fidalgos. Nasceu em 1610 e morreu em 1684.

FIM DO 4.º NUMERO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 5 — MAIO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4
BRAGA

1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

PETRONILLA, GAMARRA, ZAMPERINI

Assim se chamaram as tres actrizes que mais dinheiro vampirisaram aos argentarios portuguezes no seculo XVIII.

Petronilla, cantora italiana, representou em Lisboa desde 1739 até 1745. Não era bella, nem artista superior; enguiçava, porém, com philtros diabolicos; fascinava, fulminava, cauterisava o cerebro das mais solidas cabeças, sem respeitar as têstas coroadas.

Um dos seus amantes foi D. João V, que orçava então pelos cincoenta. Petronilla, ou Pellatroni (dava por ambos os nomes) não se parecia com as «princezas de comedia e deusas da Opera», consoante Arsène Houssaye denomina as actrizes e dançarinas francezas coevas da amante do nosso

Luiz XIV. Era absorvente como as suas parceiras; mas não esbanjava em galanices, equipagens e banquetes o producto liquido das suas transacções mercantis com o rei e os outros. Tão queridas se logravam as actrizes dos fidalgos portuguezes quanto os actores eram desprezados. O fidalgo, que não tivesse uma aventura de theatro, apenas poderia hombrear em proezas de galã com algum frade bernardo de costumes suspeitos. Os frades propriamente, n'aquelle tempo, fréchavam do seu camarote o collo despeitorado da Petronilla com settas de amor platonico. Havia no theatro o *camarote dos frades*, collocado por baixo do camarote das açafatas. Tinha rotulas de pau, por entre as quaes os monges assopravam uns suspiros quentes como as lufadas da Arabia. Mas não passavam d'estes resfolegos os frades.

A porção illicita d'aquelles espectaculos pertencia ao rei e aos fidalgos. Estes gabavam-se de que as actrizes eram petisco, *morceau friand*, — dizia o cavalheiro de Oliveira — que só aos grandes senhores competia. Na actriz não amavam arte nem belleza: amavam a comediante.

D. João V, acirrado pelos ciumes dos seus camaristas, deixou-se illaquear n'aquelles braços elasticos da Petronilla, e locupletou-a de ouro e pedras.

Quando se passou a Castella, a garrida comica levou trinta cavalgaduras carregadas de riquezas — diz Francisco Xavier de Oliveira — e acrescenta que, no theatro de Madrid, a quantidade e valor da pedraria que ostentou eram taes que as damas de primeira plana se morderam de inveja. (*OEuvres mêlées*... Londres, 1751, pag. 33). Em Hespanha continuou a enthesourar as crystallisações do seu espirito, amoedando a ternura. A final, quando viu que era tempo de cuidar da alma, visto que a parte menos espiritual da sua pessoa andava em geral descuido, retirou-se capitalista, beneficiou mosteiros, fez capellas de santas, do mesmo passo que o seu real amante D. João V fazia capellas de santos. Ambos comediantes, e ambos, a final, fizeram figas ao embaçado demonio.

.˙.

Isabel Gamarra, hespanhola estreme, floreceu em Lisboa dezesete annos antes de Petronilla, escripturada pelo actor e emprezario castelhano Annio Ruiz. Este homem era optimo poeta, philosopho, historiador e cortezão — assevera Francisco Xavier de Oliveira. — D. João V dava-lhe uma pensão annual de 120 moedas de ouro. Não foi estranho aos amores de fina tempera velados pelos re-

posteiros heraldicos. Tinha espiritos levantados como o seu contemporaneo Dufraisne. Em quanto engodava os fidalgos com as suas actrizes, levava ás fidalgas consternadas a boa philosophia, a boa poetica, e os casos historicos analogos á situação. E assim viveu e medrou longos annos em Lisboa.

Isabel Gamarra floreceu entre nós quando em Paris arrebatava corações e algibeiras outra hespanhola, chamada Marianna Camarro, a celebrada dançarina; mas a nossa, que parecia, com pouca corrupção, a outra, quanto ao appellido, deixou em Portugal memorias dignas de romance de grande fôlego.

Um dos seus amantes foi o marquez de Gouvêa, pai do duque de Aveiro, justiçado como regicida em 1758.

Era casada. O marido, a rogos do marquez, recebeu alguns mil cruzados; e, deixando-lh'a, declarou que a sua alliança não tivera a seriedade matrimonial. Isabel abundou no parecer do marido, e sahiu do theatro.

Amor, zelos, a gangrena que afistulava os costumes do tempo, e o descredito das ordens religiosas femininas, compelliram o marquez a instar com a Gamarra que professasse no mosteiro de Santa Monica, da ordem de Santo Agostinho.

E professou.

O marquez não despegava das grades, senão para servir o rei como mordomo-mór. Tinha esposa e filhos, já homens. Um foi o que fugiu com D. Maria da Penha de França e não voltou; o outro, já tambem sabem que tragico destino teve. Não tinham tido pai, senão para lhes dar o exemplo da libertinagem, com cabellos brancos.

E, por isso, a freira monica o ralava com impertinencias, instillando-lhe no peito bravos ciumes, que eram a vingança da moral.

O marquez recebeu um dia simultaneamente duas ordens: o rei chamára-o ao paço, e Soror Isabel ao convento. O mordomo-mór oscillou alguns minutos quando já ia caminho da côrte, e mandou retroceder o coche para Santa Monica.

— Vês tu quanto te amo? — disse o marquez — dei-te a preferencia, entre ti e o rei.

— Se fizesses outra cousa nunca mais me verias — replicou ella abespinhando-se.

— Mas olha que me arrisco a muito, obedecendo-te!...

— O teu dever é esse... *Antes que todo es mi dama*, diz Calderon de la Barca; e, se te não arriscares, e tudo sacrificares ao meu prazer, fraco amor me tens.

J'ai entendu moi-même tout ce petit dialogue,

où il n'y a pas un seul mot de ma façon, diz o cavalheiro de Oliveira. (*Œuvres mêlées*, t. 3.º p. 34).

Isto é apenas irrisorio, mas desculpavel. Todos temos na vida a má digestão de um pedaço de Gamarra. O que excede toda a piedade, que nos merecem os consocios de infortunio, é que ella o trahia com um Valentim da Costa Noronha, rapaz galante, valente, o unico por quem ella sentira alguma cousa que a indemnisava da repugnancia do habito. O cavalheiro de Oliveira conta-nos assim as miudezas d'aquelles amores, que levaram o velho marquez á cova:

«Conheci Gamarra melhor que ninguem. A estreita amizade, que tive com o Noronha, me occasionou durante dous annos ensejo de vêl-a, conversal-a, e conhecer-lhe os merecimentos e defeitos. Noronha, apaixonado por ella quanto cabe em peito de homem, sacrificou á intriga d'esta actriz monastica tudo que mais caro lhe era no mundo. A estima devida á esposa, o respeito paternal, o affecto dos melhores amigos, o porvir dos filhos, socego, interesses, em fim, a propria vida que expôz em muitos lances á vingança do marquez, cujo respeito benemerito soffreu muitos desfalques de encontro á coragem intrepida de Noronha... Era elle,

porém, o possessor unico da ternura de Gamarra. O marquez traçou perdêl-o. Duas vezes projectou matal-o. Estava eu com Noronha, uma noite, quando o aggrediram: felizmente repulsamos os assassinos. A final, o marquez, authorisado pelo rei, logrou encarcerar Noronha no Limoeiro, onde esteve nove mezes; e com muita difficuldade obteve soltura depois da morte do marquez. Fr. Gaspar, tio d'aquelle senhor, e valido do rei, fez quanto pôde por demorar tão injusta prisão, vingando d'est'arte os manes do marquez, seu sobrinho.» (*Obra cit.*, pag. 34 e 35).

O mordomo-mór estava na idade critica dos cincoenta em que as paixões atabafam o coração como aos dezesete. Os velhos, quando amam, teem a sensibilidade das meninas que principiam a amar. Se não se percatam e escudam com o arnez da paciencia e da dignidade das cãs, *maus bichos os comem*, como disse o Sá de Miranda.

Maus bichos começaram a desfazer o corpo, que tão regaladamente vivêra, d'aquelle D. Martinho de Mascarenhas, terceiro marquez de Gouvêa, sexto conde de Santa Cruz, assassinado pela perfida actriz de Santa Monica no dia 9 de março de 1723.

O derradeiro golpe recebera-o com a noticia de que ella havia dado a Valentim de Noronha o

retrato que lhe elle dera engastado em moldura de brilhantes... *Il me fit voir* (diz o amigo de Noronha) *entre ses propres mains ce même portrait du marquis, le même jour qu'il en avait fait présent à son infidele Gamarra.*

Se era formosa? Responde o cavalheiro que diz tel-a conhecido a preceito, *mieux que personne:*

«Era com certeza a mais formosa actriz que vi no theatro de Lisboa: era moça, azevieira, travessa, vivissima, espirituosissima, feiticeira em todos os seus requebros. Tinha um só defeito: era ser treda. Atraiçoava igualmente o marido e o amante. Por um tinha aversão, por outro sómente estima. Se amou rasgadamente alguem, foi Noronha.» (*Obra cit.*, pag. 35).

Assim que o finado marquez a dispensou do capricho do habito, quiz sahir do convento, e naturalmente visitar Valentim no Limoeiro. A prelada oppoz-se. Mandou chamar o marido, que ainda não era frade. Communicou-lhe o proposito de se declarar casada e passar-se ao dominio de seu homem, como era de justiça. O marido sondou a profundidade do seu direito e a profundeza do peculio da mulher. Requereu, disputando-a ao patriarcha Santo Agostinho. Sahiu-lhe a igreja

com embargos á annullação dos votos da freira. A religião permittia que ella os transgredisse com o marquez e com o Valentim; mas que os annullasse para se tornar ao marido, isso era feio. A final, Soror Isabel safou-se do mosteiro, metteu-se em Castella, e voltou a representar com o marido no theatro de Madrid. (*Obra cit.*, pag. 33, nota *A*).

Quanto a Valentim, não lhe faltou medo que D. João V o mandasse enforcar como fizera áquelle gentil rapaz que ousára disfarçado em carvoeiro visitar-lhe, no convento da Rosa, a cigana Soror Margarida do Monte, a quem o rei mandára vestir o habito. O desgraçado ficou na tradição com o nome de *carvoeiro da Rosa*. Ao proposito d'esta perigosa cigana, escreve o tantas vezes citado cavalheiro de Oliveira:

«Vi o proprio monarcha arrastar duros grilhões, e longo tempo captivo da astucia ou do magismo de Margarida do Monte. Quantas desordens, quantos desterros e mortes causados por intrigas d'aquella mulher! Morreu enclausurada no mosteiro da Rosa, como freira da ordem de S. Domingos. Este pai, que lhe foi imposto á força, não lhe incutiu mais juizo. Induziu ella um galã a visital-a na cella. Fez-lhe a vontade o desgraçado;

foi preso lá dentro, e pouco depois enforcado.» (*Obra cit.*, pag. 66).

O encarregado da prisão foi o desembargador Marques Bacalhau, homem de cruas entranhas, chamado sempre a funccionar nos dramas que terminavam pela catastrophe da forca.

Correram então em Lisboa umas insipidas quadras de queixume de Margarida do Monte contra o desembargador aguazil do *carvoeiro*. Diziam assim:

Oh! descahido te vejam
Estes olhos peccadores:
Arrastado e perseguido
Já que perco os meus amores.

Todas nós, as freiras juntas
Te havemos de praguejar
Pois por caber com el-rei
Nos vaes desacreditar!

Justiça de Deus te cáia,
E com todo o seu poder;
Na bocca de um bacamarte
Te vejamos padecer.

Homem, deixa-nos viver,
Não sejas tão turbulento;
Deixa divertir as tristes
Que não sahem do convento.

Etc.

Um amigo, que me ouviu lêr estas noticias do theatro do seculo XVIII, perguntou-me se eu as bebi nos livros do snr. Theophilo Braga.

— Que livros?

— A *Historia do theatro portuguez*, onde elle conta pouco mais ou menos essa historia. A paginas 8 do 3.º tomo diz elle o que vossê diz do actor hespanhol Antonio Ruiz.

Possuo com singular curiosidade os livros originaes d'aquelle sabio. Abri a obra citada e li. Effectivamente copiei o doutor Theophilo, como o leitor vai observar. Em expiação da minha fragilidade, confesso a culpa, confrontando o original e o plagiato.

ELLE (EM 1871)	EU (EM 1866)
Antonio Rodrigues hespanhol sustentou-se com felicidade muitos annos no theatro de Lisboa. Era bonissimo poeta, philosopho, historiador e palaciano. Era homem de bem tanto ás direitas como actor de merito. *Do seu* porte *honrado* redundou-lhe *uma pensão annual de cento e vinte moedas de ouro que lhe dava o rei. Querido das mulheres, estimado da nobreza, e relacionado com muitos prelados do reino, até do povo se fez idolatrar.*	*Antonio Rodrigues, hespanhol, sustentou-se com felicidade muitos annos no theatro de Lisboa. Era bonissimo poeta, philosopho, historiador e palaciano.* Era tão homem de bem quanto actor de merecimento. *Do seu* proceder *honrado* resultou-lhe *uma pensão annual de cento e vinte moedas de ouro que lhe dava o rei. Querido das mulheres, estimado da nobreza, e relacionado com muitos prelados do reino, até do povo se fez idolatrar.*
HIST. DO THEATRO PORT.	O JUDEU (romance).

Quem, primeiro que elle e eu, dissera isto em francez foi Francisco Xavier de Oliveira, em um livro que provavelmente o snr. Theophilo nunca viu; mas adivinhou-o, e eu copiei d'elle. Porém, no acto da copia, deslisei da versão do professor de litteratura em tres pontos. 1.º Elle escreveu em 1871: *Era homem de bem tanto ás direitas como auctor de merito;* e eu escrevi em 1866: *Era tão homem de bem quanto author de merecimento.* E o cavalheiro de Oliveira tinha escripto: *Il étoit aussi homme de bien qu'il etoit Acteur de mérite.* O *tanto ás direitas* do snr. Theophilo é uma perola de estylo de que eu não quiz defraudal-o nem *ás tortas.* 2.º ponto: Elle disse: *do seu porte honrado.* E eu, gafando a phrase de francezia, puz *proceder* em lugar de *porte.* Foi ignorancia que me pesa como *porte* ou carreto; mas ainda me fica *porte* ou capacidade para mais toneladas de materia bruta com que me quero dar *porte* ou importancia. 3.º ponto da minha divergencia, quando em 1866 eu copiava o que o doutor escrevia em 1871: Elle pôz *redundou-lhe,* e eu *resultou-lhe.* Do feitio que elle escreveu a idéa fica mais aceada. Na nova edição do *Judeu* hei de apanhar-lhe o *redundou-lhe* que é bom.

No entanto, posto que eu plagiasse este erudito, não sei por que artes lhe armei a sancadi-

lha de chamar Antonio *Rodrigues* ao actor hespanhol que nunca foi *Rodrigues;* mas sim *Ruiz.* Faz-se mister sestro de muito mentir para enganar um homem, de quem se copía o engano cinco annos depois! Parece enguiço! O cavalheiro de Oliveira escreveu *Ruiz*. Cuidei que era abreviatura de *Rodrigues*, e lá vai a peta de recochête lograr o doutor que m'a encampou cinco annos antes, a mim, seu copista! Quem me desenganou foi o poeta jocoso Thomaz Pinto Brandão; e contarei ao leitor como e quando, se é que lhe não vou contar o que v. exc.ª já sabe do doutor Theophilo.

Ahi por 1730 chegou a Lisboa a companhia hespanhola, que se hospedou em casa de um clerigo seu patricio chamado D. Hieronimo Cancer. Ao assumpto d'esta hospedagem de raparigas em casa do padre fez Brandão as seguintes decimas:

Victor! já chegou a gente
de Madrid, tão esperada,
e já foi agasalhada
do seu superintendente.
Este padre impertinente
se intitula em Portugal
Dom Hieronomio de tal,
e Cancer *tambem seria,*
pois á sua enfermaria
puxa as damas do hospital.

Porém, viva o tal padrinho!
só a taes afilhadas chega;
que á Undarro, e á gallega
abençôa o seu carinho.
E baptisa de caminho
com fé pia e fervorosa
a dama em flôr magestosa,
confirmada no primor;
porém, se a Undarro é flôr
tambem a gallega é Rosa.

. . . .
. . . .

Com que já por uma vez,
temos boa companhia,
graças ao nosso Atouguia
que tal companhia fez.
Em fim, já chegou Garcez, [1]
galan de primeira classe,
que eu não cuidei que chegasse;
e já muita gente diz
que morreu Antonio Ruiz;
mas requiescat in pace.

Amen.

Digo o mesmo, respectivamente ao sabio que desbalisei do seu trabalho de traductor de um li-

[1] O snr. Theophilo a pag. 151 e 152 do tom. 3.° do seu *Theatro portuguez* desmente o Pinto Brandão, dizendo que o *Garcez não veio*. O doutor, 141 annos depois, estava mais em dia que o poeta, redactor diario dos factos que vai poetisando a seu modo. Theophilo é unico!

vro que nunca viu. E agora vem de molde penitenciar-me d'um insolente repto que escrevi ha dous annos por occasião de recommendar certo livro escripto portuguezmente:

. . . .

«Admiro como elle (o author) se manteve austeramente portuguez em meio dos sycambros litteratiços que, áquelle tempo, coaxavam por esses paues! Parece-me que já então por alli era (em Coimbra) contagiosa a sarna letrada do insigne rhapsodista, snr. Theophilo. Este sujeito traduzia as suas cousas originaes em vasconço azado para nos capacitarmos da sua ignorancia dos idiomas neo-latinos. Vislumbrava-se d'aquillo muito lidar com linguas teutonicas; uma construcção que cheirava ao grego, mas fallava mouro. O seu forragear no francez era um justo despique dos latrocinios que elles cá nos fizeram em 1808. Se os não citava, tambem elles lá não disseram cujas eram as patenas e os calices de ouro que nos arrebanharam nas igrejas. Retaliação justa.

«Ainda assim, as rhapsodias d'este philosopho, derrancadas pelo estylo, não tinham cunho d'author escorreito. O polygrapho, chamado ha pou-

co a ensinar a mocidade, sustenta creditos de original, affirmados e cimentados na singularidade bordalenga com que transpõe idéas peregrinamente formosas para as suas locuções de chouto, coxas, esparavonadas, pragaes infindos, florilegios de absurdos, listrados d'algumas raras clareiras de siso commum, apanhadas de outiva, mas desordenadas no vascolejar d'aquelle craneo legendario onde o enxofre sobrepuja o phosphoro.

«O homem, um dia, traduziu Balzac. Dizia elle que ia traduzir novellas para que o publico soubesse onde os romancistas portuguezes ceifavam, a furto, as suas messes. Era contra mim que o doutor desempolgava a flecha. Ai do Balzac, se o avaliaram na injuriosa versão do meu malsim!

«Eu tinha então oitenta volumes com o meu nome, oitenta provocações atiradas á cara juvenil do prodigio. Lá lh'as deixo estampadas. E prometto lembrar-lh'as.

«Não me ha de ser acoimada como desvanecimento a presumpção de que umas negaças litterarias, que vou tregeitando a este vidente vêsgo, hão de viver tanto como os seus apocalypses, em que a besta é muito mais intelligente e manhosa que a de S. João Evangelista. Eu, por mim, desejo que, lá ao diante, se saiba quo morri na

desconfiança de que o snr. Theophilo Braga era um malabar de feira saloia enfatuado com os applausos do gentio lôrpa.»

Desdigo-me de tudo que ahi fica para minha eterna vilta. Logo que fui apanhado a copiar do snr. Joaquim Theophilo Fernandes Braga, julgo-me capaz de copiar de toda a gente.

.·.

Agora, direi da Zamperini.

Cantou no theatro da rua dos Condes ha 104 annos. É a terceira das forasteiras que mais ouro mineraram em Portugal e mais authenticos documentos levaram da sensibilidade do peito lusitano.

Para o theatro lyrico da rua dos Condes fintaram-se os argentarios em quatrocentos mil cruzados; e, no anno seguinte, já não havia dinheiro para pagar ao tenor Schiattini. Adoptaram então os emprezarios um systema que não é hoje bastantemente seguido: como o tenor instasse pela mensalidade, metteram-o na casa dos doudos; mas, em noite de espectaculo, concediam-lhe a lucidez necessaria para cantar de graça. Iam então dous quadrilheiros trazêl-o da enfermaria dos orates em direitura ao camarim. O tenor vestia-se,

e era escoltado até ao palco. Ahi, desatava o canto, compondo de sua lavra a letra, que era um desafogo de injurias rimadas aos emprezarios. O povo trovejava gargalhadas, e o improvisador, aquecido pelos applausos, sarjava a epiderme d'aquelles originaes patifes que, no fim da opera, o devolviam ao seu cubiculo no hospital de S. José.

Assim andou baldeado entre o palco e a enfermaria, até que D. José I, condoido do artista, o admittiu á sua real capella. Aos biltres illustres que capitularam de sandeu o tenor, não irrogou censura o rei nem o grande ministro: porque entre elles estava o conde de Oeiras, filho do marquez de Pombal, e um dos varios amadores da cantarina.

Não foi, porém, o primogenito do marquez a mais generosa victima no holocausto de Zamperini. O sagacissimo pai espiára-o até dar-se a crise da logreira dama se manter a expensas d'elle, sem o concurso dos capitalistas. Chegado o momento, Zamperini foi expulsa do paiz, por ordem do ministro.

Em 1772 espalharam-se em Lisboa alguns exemplares de uma reles gravura, figurando a camara de Zamperini. Está a cantora sentada ao pé de uma banca; e, ao lado, estas duas linhas com feitio de versos:

Prenez, belle et charmante coquette, prenez tout,
puis que vous êtes dans un pais de fous.

Defronte d'ella está Anselmo José Braancamp, dando-lhe 1:000 peças, que ella recolhe com a mão direita, em quanto o monteiro-mór, ajoelhado, lhe beija a mão esquerda. Da bocca d'este sujeito partem duas linhas em inglez:

The true property of an englishman
T'is to pay and despise .... [1]

E mais abaixo:

Mylord, dont kiss her hand,
Because she has no face,
But kiss her... her... her...
Kiss her elsewhere [2].

Á direita, está Ignacio Pedro Quintella com a bolsa aberta, mas, ao que figura, ainda não resolvido a esvazial-a. Correspondem-lhe estes versos:

A quoi pensez, Monsieur? elle encore ne vouz aime;
allous, prenez l'exemple, et vous serez de même.

A esquerda, Antonio Soares de Mendonça

[1] O que bem caracterisa o inglez é pagar bizarramente e... andar.

[2] Mylord, talvez vos désse maior jubilo, em vez de beijar-lhe a mão, etc.

mette a bolsa na algibeira, e dá visos de safar-se, com estes versos:

Lasciate agli altri, amico, la campagna,
questa sol con quatrini si guadagna.

A um canto, está o padre Manoel de Macedo repetindo a sua celebrada ode á cantora, e João da Silva Tello recita-lhe esta quadra:

Macedo, não te cances,
Pois os gostos são diversos;
Zamperini estima o ouro,
E nada entende de versos.

E assim termina a relamboria semsaboria.

Os casos relativos a esta cantora são vulgares e muito sabidos da ampla nota de Verdier ao *Hyssope*. Os netos dos sujeitos que a opulentaram, hoje em dia, são pessoas de muito juizo, de medianas posses, e sorveteiras glaciaes em ternuras de camarins.

ENTRADA PARA OS SALÕES

Eu não contava com a gloria e o contentamento de estampar nas *Noites de insomnia* o livro completo de physiologia social, intitulado — OS SALÕES.

Cuidei que o pensador severo e estylista primoroso me daria como brinde tão sómente alguns fragmentos, radiados da idéa geral da obra.

Agora sei que todo o livro será meu, será d'estes opusculos que tão benigna e agraciadamente são recebidos e indulgenciados pela bemquerença de 1:000 subscriptores.

E, pois que a publicação dos SALÕES principiou aqui desacompanhada da introducção indispensavel ao complexo dos capitulos, forçoso é que se interponha o soberbo peristylo por onde o leitor mais de grado irá ao entendimento dos trechos que já leu e dos outros que advierem.

Este livro dos SALÕES será a porção mais para durar e sobreviver ás futilidades das *Noites de insomnia*. O visconde de Ouguella, ainda em annos florentes e vigorosos, póde dizer com o velho e experimentado Rousseau: *Je sens mon*

cœur et je connais les hommes. O seu livro esplende os lampejos sinistros do espirito por onde passaram as duvidas e pungentes ironîas de Proudhon — aquelle vidente que Deus mandou apregoar a prophecia da destruição debaixo dos muros da segunda Jerusalem derruida.

A Justiça, a inspiradora do livro que se intitulou graciosamente OS SALÕES, apparece-nos ahi sem a venda gentilica, vê pelos olhos da historia — a Fatalidade inflexa —; e emerge á flôr d'estes parceis, que nos atormentam, as evoluções da Providencia.

Não estamos afeitos a taes livros com assignalado sinete portuguez. O melhor romance entre nós é um espairecimento, e o melhor poema uma balbuciação em linguagem nova.

A Poesia ha de vir a ser apostolo, e a trajar insignias circumspectas de Justiça, quando os bons espiritos como Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo a não descompozerem com a nudeza das tragedias, e as diatribes em que o sarcasmo não suppre o ensinamento affectivo. A «alma nova» não se compadece com uns corações que nasceram velhos.

Livros para este tempo faz-se mister que venham saturados das lições do passado, e se ajustem a entendimentos rudimentares. Aos espiritos

cultos pouco ha que ensinar, logo que esses nos admoestam superciliosamente que moralisemos as *massas*. Mas sejamos todos *massas* em quanto o povo — a arraia das hortas e das galerias parlamentares — desconfiar que lhe desce do alto o exemplo que a dissolve e acanalha.

O livro do snr. visconde de Ouguella será a historia ideada um pouco á feição do estylo e maneira de Lamennais quando a referia em *palavras de crente*, e quando as turbas criam e estremeciam ao relampejar do Sinay. Isso passou lá fóra, e estou em crêr que nunca se acclimou aqui. Se alguma hora o fervor politico levantou cachão na consciencia publica, a infamia assignalava as esplosões de civismo com o sangue de Agostinho José Freire. Relampagos de Sinay entre nós são os que flammejam das casernas e reverberam nos gladios dos Quichotes que constituem os reis seus Pansas.

E, como eu me sinta impellido a grandes forragens historicas em terras da Mancha e Barataria, recolho-me ao vestibulo dos SALÕES, e peço ao visconde de Ouguella que nos relate como foi que um providencial acerto lhe deparou o manuscripto do desembargador.

OS SALÕES

INTRODUCÇÃO

... Elle eut pour lui cette reconnaissance que la perle doit avoir pour le plongeur, qui l'a decouverte dans son écaille grossière sous le ténébreux manteau de l'océan.

THÉOPHILE GAUTIER.

Era um dia esplendido de inverno n'este ignoto canto do occidente. Abri o Almanach da agencia primitiva de annuncios, e a paginas dez encontrei o seguinte:

«20 Terça. S. Sebastião, martyr. Festa na sua freguezia, e na igreja do hospital de S. José.»

Perdoem-me os devotos. Nenhuma d'estas festividades me impressionou o espirito.

Resolvi ir á feira da Ladra.

Ás terças feiras, assemelha-se o campo de Sant'Anna a um bazar africano, na selvagem e cynica disposição dos objectos que constituem o mercado.

Estas tristes e lugubres origens berbéres demonstram-se sempre, e a cada passo. As magnificencias orientaes, em todo o esplendor e opulencia das inacreditaveis e sublimes raridades da Asia, nos seus soberbos e sumptuosos caravanseraes, não existem aqui. Lêem-se nos livros, aprendem-se nas *Mil e uma noites*, adivinham-se nas chronicas dos nossos navegadores, estudam-se nos espolios atrozmente mutilados das casas antiquissimas e esplendorosas dos vice-reis da India. Hoje são um mytho. Para nós — pobre povo — empurrado para as vagas espumosas do oceano, pelas civilisações que se apossaram da Europa, e que nos varrem sem piedade nem dôr para a Africa carthagineza, como se nós foramos os numidas das lendas romanas ou os ferozes kabylas das raizes do Atlas.

E o que somos nós? Deus o sabe.

Somos um povo essencialmente temente a Deus, essencialmente catholico, devotado á virgem de Lourdes e á Senhora de la Salette, essencialmente constitucional, e essencialmente igno-

rante n'estas lutas, que despedaçam thronos e proclamam republicas.

«Tudo quanto Deus faz é por melhor», assevera esta familia lusitana, n'um proloquio de origem celtica, que tem todo o fatalismo e sabor das raças e linguas orientaes.

As lutas do catholicismo e do crescente mourisco crearam uma epopéa grandiosa, que se traduz n'este eclectismo philosophico e religioso, que afoga, em vastas dissertações aristotélicas, e em tristissimas lutas das escólas de Alexandria, estas simples e ingenuas verdades christãs. A *graça*, evangelisada pelos doutores da igreja, é, talvez, efficaz para apagar estes torneios nas consciencias, e remir peccados de reminiscencias tão pagãs.

E assim vamos vivendo. A phrase é chata e villã. Mas está officialmente reconhecida e estampada nos muito veridicos e piedosos discursos da corôa, tal qual resa e commemora o agiologio parlamentar.

Houve um dia, antes das ordenanças de Carlos X, em que um jornal francez, tão lido que aterrava o throno, terminava o seu principal artigo — esculpido hoje nos bronzes da historia — com esta phrase singela e prophetica: *Pobre França, pobre rei!...*

Se eu dissera aqui: *pobre* Portugal! — Não digo.

Entrei na feira da Ladra.

Na entrada do campo, a um dos angulos, em face do convento de Sant'Anna, levanta-se a praça dos Touros. Edificações mais ou menos elegantes, mais ou menos sumptuosas, enfileiramse, em linha recta, por uma das faces.

Ao fundo está gizado um microscopico jardim que, na louca ambição da sua tristissima Flora, cingindo-se no cinto fanado de um empoeiradissimo buxo, caberia á vontade na mais limitada sala de qualquer nababo das possessões indo-britannicas.

Pelo meio do campo, em deploravel estendal, havia pannos, pranchas de pinho e taboleiros ignobeis, onde jaziam, na mais intima convivencia, os residuos, o lixo e os detritos da geração presente e das que passaram.

Acudiu-me aqui a musa do poeta florentino:

«Lasciate ogni speranza, voi che entrate.»

Achava-me em presença do inventario de uma capital.

Examinei:

Um pires secular de Sèvres, voluptuosamente

contornado nas fórmas elegantes do reinado de Luiz XV, escondia-se na penumbra d'uma terrina de faiança, que fôra a ultima aspiração da fabrica de Sacavem. Havia um sacrificio a Diana, em biscuit de Saxe, tombado sobre a espora de prateleira, que fôra triste legado do ultimo marquez de Marialva. Mais longe, espreguiçava-se com a boçal ironia de *parvenu*, um saleiro da modesta porcelana da Vista-Alegre, sobre os fragmentos de um vaso etrusco, humilhado e melancolico nas mutilações e concertos com que o expunham á irrisão publica. Um espelho de crystal de Veneza, onde os amores brincavam com frechas e carcazes, coloridos sobre o vidro, por mãos de fadas, entre um rosal de perfeito esmalte, n'um berço de verdura e de papoulas, encaixilhado em ebano, aberto a buril, nos cantos, em prata dourada, repousava sobre uma farda de archeiro, coeva dos devaneios da côrte de D. João V, e reliquia marcial, talvez, dos delirios asceticos do mosteiro de Odivellas. A tampa de um assucareiro do mais antigo Saxe, levantando, em relevo, uma deliciosa grinalda de boninas e amores perfeitos, recordava, na suavidade das fórmas e no primor das folhagens, as creações elegantissimas de Vanloo e Bucher. Um prato esmaltado da mais diaphana e transparente porcelana do Japão equi-

librava-se sobre um fructeiro de louça das Caldas, onde se traduzia a ridicula vaidade do oleiro, que quizera rastejar no colorido e nos embutidos cambiantes das côres, e pela opulencia dos debuxos e ornatos, com os preciosos trabalhos ceramicos de Bernardo de Palissy.

Mais adiante, por entre uma selva de martellos partidos, fechaduras quebradas, correntes de ferro em completa oxydação, e chaves e cadeados de varias dimensões, dei com o retrato de el-rei D. José, pintado a oleo, em vestuario de côrte, com o globo de ouro e sceptro cinzelados, no estylo classico das monarchias absolutas. Pendia o quadro sobre um candieiro de latão, pharol de tres lumes, contemporaneo, talvez, da lampada a cuja luz Paschoal José de Mello escrevera o seu livro de direito criminal. Após estes primores archeologicos desenrolava-se uma fileira incommensuravel de botinas, sapatos, babuches, chinelas, tamancos, galochas e alpercatas, que se perdiam n'uma extensa linha, talvez a ultima illusão dos seus possuidores. *Sic transit gloria mundi*, clamavam os escravos, queimando estopa, detraz dos carros dourados dos triumphadores romanos.

Desde o vestuario tragico, que acompanhava em scena os heroes do atheniense Sophocles até

ao sóco plebeu da comedia vulgar, onde se expandia o riso de Aristophanes, havia tudo n'este bazar immenso das gerações extinctas. Gigantes e lilliputianos, heroes, semi-deuses e proletarios poderiam calçar-se, afoutos, n'aquelle cháos de todas as civilisações.

Havia a bota de canhão, séria, grave e irreprehensivelmente lustrosa — despojo venerando de algum desembargador da casa da supplicação, de par com a chinela phantastica e imaginosa da cortezã mais desenvolta e elegante. Por entre colchas da India, recamadas de lentejoulas, esmaltadas em mosaicos de fios de ouro, entretecidos em variados matizes, lençoes de Bretanha, finissimos, arrendados em arabescos nas orlas das cabeceiras, columnas de carvalho do norte, abertas a buril, em que pousavam passaros esculpidos sobre pampanos e hastes de videira, no meio de fragmentos de apparatosos biombos de charão escarlate da phantastica China, onde aves e dragões dourados surgiam de vasos idealisados pela imaginosa creação do artista, através de crystaes de Bohemia, partidos e mutilados, enunciando todas as côres do prisma, e de envolta com vassouras de piassaba, modestas e envergonhadas em toda a humildade da sua burguezia, avistei um contador de Boule, moldado em tartaruga,

envolto em festões de grinaldas de cobre dourado, no mais correcto estylo Pompadour, e arremedando, na ousadia do desenho e na elegancia e recortes das folhas de metal, as sublimes inspirações de Benvenuto Cellini.

Por detraz d'este contador, que era a joia, o talisman, a maravilha, no seio d'aquelle crapuloso e hediondo bazar, equilibrava-se de cocoras, formando como novello, uma velha octogenaria, que se poderia descrever por uma ruga inteira, que em zig-zag ou em grega lhe cortava as faces, e ia perder-se, em espiral, n'uma garganta, que parecia a pelle abandonada por uma serpente do deserto. Encarei-a a medo, e com um pavor inexcedivel. Pareceu-me dar de rosto com uma das feiticeiras de Macbeth. Envolvia-se n'um cafran ou burnus — uma especie de farrapo de panno, que lhe cingia o tronco, deixando solta a cabeça, que apparecia envolta n'um lenço asqueroso, injuriado pelo tempo, e que emmoldurava dous olhos negros scintillantes e vivos, n'uma physionomia baça e livida, como um pedaço de cera amollecido entre os dedos.

Dirigi-lhe a palavra em phrases breves. Cheguei a ter receio do despertar d'aquella sphinge. Ouvi, depois, um ruido surdo, como de um movel, que se arrasta, uns sons roucos e gutturaes,

na melopéa arabe, uma voz cavernosa, e sahida dos abysmos, como se fôra uma das pythonissas da velha Escocia. Afigurou-se-me que lhe ouvira a saudação feita ao heroe de Shakspeare: Salvè thane de Glamis, e de Candor!

A fascinação, que me produzira o cofre, explica, de certo, estas allucinações e devaneios acusticos.

Enchi-me de animo, e perguntei-lhe de novo: quanto custa este contador?

A velha, a sibylla, a bruxa, o que quer que era, remexeu-se, por entre os farrapos que a cobriam, rumorejou por duas ou tres vezes algumas phrases, que não chegaram aos meus ouvidos. Alguma invocação infernal, algum preito a Satanaz, — e depois accentuou em voz clara e cadenciada as seguintes palavras:

— Dê-me dez libras, e leva-o de graça.

— E a chave?

— A chave não a tenho. Perdeu-se. Ha papeis dentro. Bem sei que os ha. São comedias, entremezes ou seja lá o que fôr. Doudices do dono. O desembargador João Aleixo de Castro Pimentel e Figueiredo escrevia muito nos ultimos annos da sua vida.

— Conheceu-o?

A velha sorriu-se.

A ironia d'este sorriso tinha não sei que reflexo dos lampejos do fogo infernal.

—Se o conheci! Fui sua criada. Tinha sido sua escrava. Comprou-me em Tetuão. Morreu-me nos braços, no ultimo de dezembro á meia noite. Eu vendo os moveis para comer.

Entreguei-lhe as dez libras sem regatear cinco reis. Esperava com esta amabilidade que a antiga escrava do desembargador continuasse a sua curta narração.

Mas a velha guardou o dinheiro n'um sacco que lhe pendia do cinto, velou as faces com o farrapo ou capote que a cobria, e ficou muda e silenciosa como um mysterio.

Não me dei ao trabalho de procurar uma chave. Quebrei a fechadura, achei nas gavetas um manuscripto, e encontrei na primeira pagina o seguinte:

AO LEITOR

Vivi bastante para alcançar mais de metade do seculo dezenove. Considerei, examinei, e estudei os acontecimentos, e os homens do meu tempo. Vou debuxal-os e desenhal-os taes quaes os concebi, e taes quaes elles se teem mostrado n'estas rotações constitucionaes de uma época, que não é a minha. Onde bastar o esboço aban-

donarei a palheta, e usarei do lapis de carvão. Onde o vulto carecer de mais luz, e de mais vasto horisonte deixarei o pincel, e pegarei do cinzel e do escopro. Não tenho pretenções a Phidias, nem a Miguel Angelo, nem a Rubens, nem a Hogarth, nem a Van-Dick, nem a Aretino, nem a Delacroix. Faltam-me os traços de Zubarran, as linhas de Corregio, as tintas de Ticiano, os perfis de Murillo e o riso sardonico de Gavarni. Com tudo, as sombras d'estes nossos Mirabeaus, Talleyrands, Barnaves, Berriers, Collards, Cavaignacs, Favres e Marats hei de pôl-as de pé, hei de vestil-as, hei de enroupal-as, nas vestiduras do nosso seculo, e hei de com ellas e só com ellas povoar

OS SALÕES

Segue-se o livro.
Vou publical-o.

VISCONDE DE OUGUELLA.

ECCE ITERUM «SILVA» CRÍSPINUS

Escreve elle no n.º 69 da *Actualidade:*

«Publicou-se o n.º 17 da *Tribuna.* Insere artigos e versos dos snrs. Ferrer Farol, Guimarães Fonseca, e outros escriptores, e não desmerece dos numeros *ulteriores.*»

Uterior quer dizer *que vem depois*, ou *que tem data posterior.*

Á vista do quê, o n.º 17 já publicado é posterior ou *ulterior* ao n.º 18. Segundo este systema chronologico de Pinto, o *depois* está primeiro que *antes*, 6 é a continuação de 7, e os filhos nascem primeiro que os seus paes. Se elle quizesse dizer que os n.ºs 18, 19, etc., da *Tribuna* promettiam ser iguaes aos seus precedentes, escreveria: «Tudo nos assegura que os numeros, que hão de sahir anteriormente, serão dignos dos numeros que já sahiram posteriormente.»

Sem impedimento d'estes e d'outros anterio-

res e ulteriores furunculos de aposthema intellectual, proponho á academia real das sciencias este snr. Silva... para varredor.

SANTOS-SILVA

Bravo! almas generosas do meu brioso Portugal que amparastes a viuva e os sete orphãos do egregio orador!

Bravo! corações que avaliastes o talento do pai e o infortunio dos filhos!

Formoso rastilho de luz foi esse que vos guiou desde a sepultura de Santos-Silva até ao recinto em que uma viuva, entre a saudade e a pobreza, ampliava o regaço para aconchegar do seio aquelles sete rostos banhados das ultimas lagrimas de seu pai.

Entrou, a um tempo, n'aquelle lugar de angustias, a mortalha e o manto da misericordia. Sahia um cadaver, e entrava o anjo da caridade.

João Antonio de Santos-Silva levava espelhadas na retina morta as oito imagens queridas; e a Providencia rodeava de amigos aquelle sagrado

grupo de crianças que punham as mãos — expressão unica das agonias inexprimiveis.

A fatalidade da morte justificava, não menoscabava os designios do Altissimo.

.·.

Eu conheci-o pouco: fallei com elle duas vezes; lia-lhe os seus discursos como quem estudava a grande phrase lusitana no mais correcto e energico orador parlamentar.

Tem lanços admiraveis de força e de atticismo as suas orações. Não sei nem entendo o quilate politico dos seus discursos. Estudava-o meditativamente, sem lhe graduar a justiça da aggressão ou da defeza. Os seus adversarios, a julgal-os pelo tamanho do gladio que os feria, pareciam-me grandes, como os de Isocrates e Demosthenes. Se o não eram, o orador magnanimo deu-lhes a honra de o inspirarem.

Tambem eu lhe mereci a consideração de algumas cartas em que me vejo honorificado com o titulo de amigo. Mal pensava eu, quando ha dous annos lhe fallava da irreparavel perda da minha saude, que tão cedo o seu nome iria ajuntar-se aos de tantos amigos mortos, a quem eu dissera o ultimo adeus.

E, quando eu lhe fallava de meus filhos com o coração cheio das presentidas lagrimas de dous orphãos, dizia-me elle que lhes seria protector n'esta vida, se Deus lh'a não tirasse ás suas seis criancinhas.

Como esta carta está revendo as lagrimas e a santidade de pai!...

Porque não hei de eu dar um quinhão d'esta melancolia aos que tem filhos? E uns assomos de jubilo aos que abriram mão redemptora á familia de Santos-Silva?

Esta carta foi datada em 24 de outubro de 1871.

«.....: Vou dar-lhe um conselho. Estudei e exerci a medicina por uma boa duzia de annos. Estudei-a nos outros, com os escrupulos de uma sã consciencia, e como quem tinha a sua missão por um sacerdocio. Tenho-a tambem estudado em mim, porque a isso me obrigam os meus padecimentos. Dos desenganos que colhi na sciencia e na pratica, resulta para mim uma regra que, se não é uma verdade infallivel, é com certeza muito geral. Nada ha mais falso ou pelo menos incerto do que o juizo que o paciente faz do seu estado, pelo que diz respeito ao diagnostico e prognostico da sua molestia. Os proprios medicos

são os que, n'este ponto, mais se enganam, porque são os que mais exageram.

« Não creia, pois, nas suas anemias, nem nas suas ethicas; mas não descure restaurar as suas forças, e seguir tenazmente um tratamento hygienico, analeptico e moral, que lhe reconstrua o sangue, lhe regularise qualquer desarranjo de funcção, lhe tranquillise o espirito, ou o levante de qualquer ligeira prostração. Creia tambem na sua idade, e na força medicatriz da natureza, que, quando é bem dirigida e auxiliada por um medico prudente e habil, faz milagres.

« Falla-me o meu amigo de dous filhos seus, e appellou para o coração de um pai que tem seis. Feriu a minha corda sensivel; estremeceu-a com as mais vivas vibrações. Não sei se todos os paes são como eu sou: devem sel-o. De todas as desgraças humanas a que mais confrange a minha alma, e mais me angustía o coração, é a que se desata em lagrimas e em infortunios sobre a orphandade desprotegida e desamparada, a quem Deus esqueceu na hora em que encerrou o livro da vida ao pai que só vivia do santo amor de seus filhos.

« Se Deus me alongar a vida, e seus filhos precisarem de mão valedora que os guie e ajude n'esta escabrosa peregrinação, irmanal-os-hei

aos meus. Repartirei com elles o meu prestimo, se então o tiver. Estas palavras não são só de consolação: são compromissos solemnes, que espero não desmentir.

....

«A posteridade nem sempre se esquece de pagar as dividas sagradas de seus antecessores.

....

«Meu caro amigo, não pense em morrer. Pense no que necessita, e de que Deus, que é justo, o não póde por ora privar. Pense na sua vida, que é a vida de seus filhos.»

Elle morreu; e, na hora derradeira, reconhecia ainda a justiça divina, posto que estivesse lendo nas lagrimas de sua familia e nas agonias proprias que era chegada a morte. Abençoou-a como enviada de Deus, quando sentiu na garganta a constricção da asphyxia.

O halito consolador da Providencia passára, como vaticinio, por aquella alma, quando me escrevia as esperanças realisadas em seus filhos: *A posteridade nem sempre se esquece de pagar as dividas sagradas de seus antecessores.*

Pagou. O monumento do grande orador é o pão da sua viuva e dos seus sete filhos.

DOUDO ILLUSTRE

O arcebispo de Mitylene, D. Domingos José de Sousa Magalhães, doutor em canones, jurisconsulto eminente, orador esclarecido tanto no magisterio universitario como no parlamento, ensandeceu em 1858, quando contava quarenta e nove annos, e acabou de morrer em 1872, em Villa Pouca de Aguiar, na casa onde havia nascido.

Motivou a demencia d'este douto prelado a suspensão das funcções de provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa, dada pelo cardeal D. Guilherme I. A causa da suspensão, pleiteada acerbamente por parte do arcebispo e dos seus contendores, foi um opusculo d'aquelle prelado, que denunciava irregularidades e delictos ecclesiasticos. Teve parte n'esta pugna um dos nossos contemporaneos mais abalisados em jurisprudencia e em variada litteratura, o snr. visconde de Paiva Manso, a favor do arcebispo, e contestando o doutor Cicouro. Pleitearam com energia, por parte do patriarcha, o conego João de Deus Antunes Pinto e o reverendo academico Francisco Recreio, digno dos vigorosos impugnadores.

Como quer que fosse, o arcebispo de Mitylene perdeu na brava luta a razão; e, ao parecer de illustrados juizes da sua justiça, foi a iniquidade que matou o robusto athleta.

Transferido de Lisboa para o amparo de sua familia em Traz-os-Montes, a esperança de restaurar-lhe o juizo desvaneceu-a a progressiva condensação da escuridade á volta d'aquella alma triste, lethargica, absorta na contemplação estupida das lagrimas dos parentes e amigos.

Do torpor silencioso e abstrahido passou ás manifestações irrequietas do delirio, do sonho, das miragens que lhe tumultuaram, durante quatorze annos, nas suas escuridões interiores.

Escrevia muito; dormia poucas horas; palmilhava em vertiginoso regirar o taboado do recinto, onde se refugiava dos olhares amargurados de sua familia.

Possuo pequena parte dos seus manuscriptos autographos, com as datas de anno, mez e dia.

Deprehende-se de alguns que o illustre alienado se considerava rei de Portugal, umas vezes; pontifice outras; e não é raro enxertar-se em jerarchias mais elevadas no reinado dos puros espiritos. De envolta com os dislates d'aquelle sonhar incessante, ha, nos escriptos do homem que fôra um dos mais alumiados da sua época, admiraveis

lanços de linguagem, de conceito e até de razão. Que espantoso contra-senso! E' que tambem nos delirios ha raptos de luminosas visões.

Os seus escriptos são tratados, theses, dissertações cada qual com seu titulo, compostos desde o segundo até ao penultimo anno da demencia. Conhece-se, apalpa-se o espessar progressivo das trevas, a vertigem da desordem, o vasquejar das derradeiras scintillas.

Eis-aqui os titulos: *O gigante — Os privilegios da coróa dynastica — As cinco questões de direito natural, ou o estudo da philosophia de direito na universidade — A missão divina — A chronica real — Da santidade do direito — Cemiterio protestante — A tyrannia impossivel — O mesmo Senhor fez os seus martyres, epistola de S. Paulo aos fieis de Galacia — O impassivel — O erro commum — Os tres fundadores — O cordeiro — A surpreza — O burrinho e o menino dos protestantes — O templo — O penhor e a hypotheca, ou o juro e a herdade — O titulo da realeza — O parocho — O demonio tentador — A espada de S. Bruno — O enigma — Mascara de ferro — O sonho — D. Maria Caraca Bonaparte ou a burrinha protestante — O viatico da eternidade — A estrella do norte ou a misericordia dos mares — A vacca — Apologo — A catastrophe.*

Estes manuscriptos comprehendem sessenta

cadernos em folha. Em poder da familia do finado arcebispo ainda ha rimas de papel escripto no trajecto de doze annos. Tirando ao acaso um de entre os cadernos cosidos com algodão verde e escarlate—para dar ao leitor a manifestação escripta de uma alma que esvoaça á volta dos residuos ainda bruxuleantes da sua razão — aqui vai a

CATASTROPHE

Affonso, por sobrenome o Sexto, filho do primeiro rei, que usurpou o titulo de duque de Bragança chamado D. João IV, foi deposto de sua primogenitura por seu irmão D. Pedro, e conservado em prisão e exilio de toda a vida. D. Pedro não podia ser mais perverso. As circumstancias atrocissimas d'este inaudito escandalo não estão bem explicadas nem eram bem conhecidas dos contemporaneos. Os mais prudentes do reino, ou porque não souberam, ou porque não poderam averiguar o intrincado drama, deram ao successo o nome de «catastrophe». Os hespanhoes limitaram-se a negar o que era patente e publico; e das verdadeiras causas e do seu fio e enredo occulto, nada explicaram na sua «anti-catastrophe», docu-

mento mediano e mal traçado para o fim, e para o grande empenho da causa e da questão; tão inferior e pueril que a desvirtua e degrada apoucando o assumpto para diminuir a impressão, ou para distrahir e desviar a attenção do horror da catastrophe.

Os subsequentes historiadores pouco ou nada tem apurado d'esta vergonhosa historia da usurpação; as suas monographias são como memorias de encommenda que chegam ao seu fim por meios tortuosos para espalhar algum erro ou para afugentar algum receio politico; e do verdadeiro fim da historia não curam nem tratam: porque a prevenção da historia é o erro, e com este rumo ninguem póde navegar nem progredir. Attribuem geralmente os protestantes aquelle sinistro ao partido cardinalicio de Roma, segundo o seu costume e petulante ousadia de calumniadores, que commetteu o delicto para o assoalhar e publicar por um lado attribuindo-o aos seus maiores inimigos, em quanto vão por outro lado desfigurando sempre em vão alguma memoria de maior horror, ou alguma imputação mais pronunciada, mais manifesta e visivel, e n'este falso empenho confundem a historia e geram o erro dos seculos; mas a verdade é como a luz mais forte, que penetra através dos maiores obstaculos em toda a

parte onde estiver encerrado o homem pela maior tyrannia para alumiar o captivo, e até para esclarecer o cadaver, que geme debaixo da lousa e do epitaphio, que lhe escreveu o maior crime, em quanto não revela o enigma da sua escura sepultura.

A analogia dos factos é o melhor meio de descobrir os mysterios da historia. Para escrever a dos crimes ainda até o presente não achou a boa critica outro fio de mais severa logica, nem documento mais fiel e verdadeiro, nem testemunha mais digna de credito e de authoridade. A Divina Providencia dá causa á catastrophe para punir a atrocidade da injuria; o demonio escreve a anti-catastrophe; mas o effeito subsiste, o facto permanece, o som repercute e sôa em outro ponto e orgão, ás vezes só no echo até á altura, que o Senhor fixa ao bramido para se reproduzir no decurso dos seculos, se um unisono accorda igualmente terrivel e medonho ou funesto e assustador até para o demonio que o gera e produz. Sôa do orgão a tuba, e não é a mão do homem que fere a tecla, nem a musica e pensamento do seu compositor que produz a melodia. Devia o homem vêr no arcano a sciencia divina, que deu ao ar modulado pelo instrumento a euphonica sympa-

thia dos sons e o gentil devaneio do mais accorde accento.

O orgão da historia não é um instrumento de imbecis, e mentecaptos que julgam illudir as turbas attribuindo a causas falsas o effeito verdadeiro da sua maravilhosa impressão: deixai o orgão ao templo catholico; porque só n'elle avulta e brilha; aos viciosos e prostibulos de maior vergonha apenas cabe a profana chula de tabernal comedia, e a ironia da musica. A arpa é instrumento real, a lira só a tange a poesia e a verdadeira inspiração que o Senhor concede ou nega ao cantor pelo moto da trova e pelo pensamento da sua religião e virtude. A historia verdadeira ou falsa, illustrada ou cega e pedinte — eis o dilemma unico da sciencia, e o programma que o escriptor competente sempre encontra diante e dentro do seu pensamento segundo o fim a que se propõe e persuade: a maior parte dos eunuchos só presam o devaneio do canto pelo sustento que recebem e pelo dinheiro que contam para satisfazer as suas abominaveis e depravadas paixões. São homens, que se deixam mutilar sem possuir a falsa virtude de Origenes, nem a verdadeira e santa da nossa catholica virgindade; e como pactuam a sua deshonra não exaltam o tiple do seu desen-

fado sem sonhar com opiparo e somnolento banquete; e por isso todas as suas lôas acabam em comer.

O estigma d'este falso ministerio da historia recahe sobre todos os homens do mesmo engenho e calibre, que adoptam os seus estudos e profissões só pelo benigno e precioso metal que auferem e adoram — e d'estes é sempre o maior numero; o actual enche de eunuchos todos os theatros e d'histriões a comedia d'aldêa, e a sua nobreza de tamanco. Que mais diremos d'este reprobo e amphibio meteoro, senão que jámais deixa de se converter contra o inventor e mais obstinado sectario? o eunucho converte o sexo, e faz-se besta de carga, ou machina de pura digestão, e morre a pedir, ou vai por conta d'estranho herdeiro dispôr o cemiterio da familia, que já se sabe é a familia dos eunuchos sempre a mais torpe e immunda, que nem merece a honra do homem proletario.

Queremos dizer, que todos estes hão-de sahir a campo com os vozeirões para aturdir e desmemoriar a maioria dos nossos leitores; este opusculo ha de rir do tremedal e produzir o seu effeito: acunhar os truculentos, e fazer duvidoso o seu ocio e evitar o seu pestifero alento sem ter necessidade de fugir da sua sanha, e sem accele-

rar o passo de seu domestico e providente animal. Não estranhemos o som do orgão mais vil e desentoado, que vai ás costas de erradio transfuga deslumbrar o calix da sua melodia a todas as tabernas e lupanares; olhai para o rosto e decifrai os signaes, que vos revelam a historia com mais fidelidade do que as memorias que deviam retratar os seus pensamentos de historiador, e apenas contém a sombra da sua ignominia e proterva hediondez e peçonha.

Possuir ou não possuir a casa de senhorio de Bragança sempre foi synonymo de ser ou de não ser rei; mas possuir a casa sem possuir o direito é dar pasto á ambição oligarchica e á falsa platêa de comedia; é o mesmo que entregar o supremo poder aos mais vis e ignobeis, ao mais desleal e traiçoeiro corrilho e atroz sequella. Este é o unico partido que póde formar-se e existir em Portugal, em quanto dura e vigora a usurpação; os seus meios os maiores crimes, a sua politica a giria mais desleal e machiavelica, e o perpetuo enredo do engano; o estribilho protestante, o punhal do forasteiro mais atrevido e audaz, e a entrega da patria perdida ao mais ambicioso estrangeiro, e ao maior renegado do demonio. A sua authoridade sempre falsa não impera, pactua em toda a parte com os maiores scelerados, e consegue fins mediocres e

resultados de dinheiro sempre ephemeros e fallazes: porque os juizes d'esta tontina roubam-se uns aos outros.

Subiu o primeiro usurpador ao throno, e foi este D. João I: a sua mais negra, e mais atroz usurpação foi a da casa de Bragança, mas primeiramente o rei não pôde usurpar, nas provincias nem em Traz-os-Montes, em segundo lugar a usurpação veio toda a pertencer aos caudilhos, que o governaram e dominaram e á sua lei mental e miseravel recurso; que só pôde communicar a seu filho com o mais tetrico e deploravel exito, justo e bem merecido castigo do Senhor pela abominavel traição de Coimbra. Por esta fórma D. João não reinava, e o cardeal romano cujo nome o infame usurpador dava ao summo pontifice, tinha o escravo sempre encerrado na sua possilga, que era o peor palacio da casa de Bragança, sempre a sorver quartilhos de vinho tabernal, cuja despeza faziam entre si os falsos possuidores dos bens para não soffrer a furia real; que era indomavel e grutesca. Se estivesse bem abeberado deixava-se vencer, e cahia ao chão, como Grão Lamma, depois de opiado pelo melhor tabaco e café de Moca, e pelos prazeres reunidos do seu abominavel harem.

A lei mental foi uma medida deficientissima

para o seu fim, mas prova até que ponto é verdadeiro o principio e evidente em nossa doutrina. O padre santo durante o interdicto de vinte e sete dizia: entregai os bens á casa de Bragança; — disse então a abominavel facção: entregar os bens é o mesmo que entregar a corôa; — e logo faziam um processo com grande numero de testemunhas para provar que não havia successor á corôa, e que D. João I por esta falta de successor fôra justamente acclamado. Escreviam ao mesmo tempo uma Memoria protestante, que attribuiam a João das Regras, e davam ao falso documento o cunho das côrtes de Coimbra, aonde não foi nem podia ser apresentada sem grande irrisão e escarneo de todo o povo. Alli ficava o corpo santo do duque de Bragança para desmentir todas as memorias, mas tal é a audacia de todos os herejes e fementidos, que nega a verdade conhecida, uma vez que possa fundar-se na apparencia do erro. Este João das Regras não existiu; o nome é de um anonymo; o effeito da Memoria foi contraproducente, o povo riu, zombou, irritou-se e condemnou ao desprezo a falsa e torpe oligarchia que usurpava os bens em nome do simulacro da realeza; e sustentava esta figura só para desfrutar o rendimento da casa de Bragança. Todos os histriões do torpe magnetismo das façanhas da es-

trada orçam pelo mesmo vulto e dimensões; os seus meios são analogos, a sua cobardia proverbial, a sua vangloria o mais vil commento e a mais ambiciosa tyrannia. Em 1811 outros da mesma chita allegavam no Brazil os grandes serviços que fizeram contra os francezes e obtinham os premios de lograr obeliscos devidos ao valente Ajax: alguns d'estes, se viram os francezes, foi para entregar e vender a patria e os penates, os templos e a sua santidade, as mulheres e todo o verniz do rosto vil e infame do idolo das suas abjectas heresias e traições: se algum militar brioso e valente do exercito appareceu no Brazil foi vendido tres vezes, ludibriado, atraiçoado e escarnecido, porque não assignava os mais falsos documentos e os mais caluminosos e torpes enganos que preparavam e reuniam para a historia de todas as façanhas e proezas do nosso exercito peninsular.

Porque razão não se escreveu ainda este vergonhoso commento da usurpação? porque de todo o modo ha de ser a historia mais catholica dos seculos modernos, e o infame hereje e protestante não póde attribuir ao Senhor a menor virtude nem hão de conceder ao povo a correspondente sombra de galardão. Na época de D. João I o povo venceu as batalhas, o rei gemeu na

sua escravidão de toda a vida, os usurpadores conspiraram, escreveram seus anachronismos, e falsa historia, e o principio Divino triumphou, porque a luz da verdade é a luz da Providencia, e não ha obstaculo na força humana, que possa occultar a verdade santa que calou na consciencia do povo como queijo do melhor fermento do cordeiro e do novilho.

A casa de Bragança venceu o que D. Duarte apenas sonhava como possivel, e deixava entregue ao tristissimo evento das successões para se realisar no decurso de muitos seculos: era um engano absoluto; o partido usurpador é como a familia dos flamengos e dos ciganos — prova e reprova todas gerações e partos suppostos como põe e dispõe os seus monarchas pela ultima arma do veneno e do punhal. D. João I por fim da sua vida estava como o condestavel atormentado pelos remorsos; este deixou os bens usurpados aos outros aventureiros, e pediu esmola á porta do convento com bastante industria e sagacidade; aquelle seria morto na mesma possilga em que vivia, se tentasse restituir a corôa; porque a verdadeira estava na cabeça dos ambiciosos ministros da sua historica realeza.

A lei do remorso é a mais imperiosa que se conhece; ao pé da forca, no banco dos réos, no

ultimo transe de vida, ou no meio da mais funesta desventura, chega a subjugar e a dominar, e rompe como o furacão através dos maiores obstaculos, e derriba as torres, e arranca as arvores com a sua tormenta e fracasso. D. João I fez uma confissão, e morreu; — quem estrangulou o monarcha? o processo começado das provas evidentes de testemunhas oculares contra os partidarios de Bragança. Quem são estes em vista do opusculo do anonymo João das Regras? Já ia o algoz para descarregar o ferro do cutelo sobre alguns infelizes, que choravam os males da patria, quando chegou novo interdicto de Roma expedido em virtude de uma queixa e de uma prevenção que o rei já se via obrigado a dirigir ao cardinalicio de Roma; onde dizia, que a sua consciencia vergava debaixo do peso de invenciveis remorsos, mas que não podia entregar á casa de Bragança uma corôa sem entregar a vida aos seus tyrannos e crueis usurpadores, e algozes, e d'estes tirava o seu seguro e pedia desaggravo e redempção.

D. Duarte viu-se brevemente no mesmo apuro; a lei mental era uma ficção e um engano: este documento prova que os usurpadores da casa de Bragança não contam com successor, e que são muito sujeitos á maldição da esterilida-

de. O que D. Duarte pedia para os falsos donatarios, e verdadeiros usurpadores veio para a familia real em pena de aleive e da calumnia do falso e fementido João das Regras: quasi todas as successões são actualmente da casa de Bragança por bom e legitimo direito de familia; mas a tyrannia e o roubo é o mesmo — o seu castigo providencial vai sendo identico da mesma catastrophe e represalia.

Esta é a analogia dos factos: os que escrevem a historia não pintam a sua verdade porque não são dignos de praticar as suas gentilezas nem tem a virtude necessaria para desmerecer a hypocrisia do embuste, nem o horror das suas traições, nem o abominio e esconjuro da sua aleivosa mordacidade e peçonha. Camões commandou um reducto no cerco memoravel de Diu, Barros e Couto foram dos mais valentes soldados da Asia; e o nobre Cesar das suas façanhas o animo real do senhor D. Affonso d'Albuquerque temia mais a calumnia da historia do que o feroz basilisco do turco, que tomava pela frente como crocodilo do Egypto, sem tombar ao impeto e sem estremecer do vulcão.

Chegado a este ponto, já entregava a descripção ou a lenda d'esta memoravel catastrophe ao mais innocente mancebo e ao mais simples

academico, uma vez que fosse dotado de boa fé e acreditasse na Divina Providencia, e désse a esta philosophia o peso que os herejes attribuem ao dinheiro de todos os seus commettimentos e unicos recursos. Em regra, moeda vale tudo pelo peso, e pouco ou nada pelo cunho, e pelo signal da sua boa fé; o hereje só admitte da fé e do cunho o maior desprezo para fazer seu o proveito, e para continuar o lucro da sua torpe veniaga.

D. João IV tambem usurpou a casa de Bragança e o nobre titulo de duque; todos sabem com que falsidade e com que atroz engano e mais que feroz e brutal ardil: teve da heresia o mesmo fim e o mesmo tragico feretro: os dous primeiros usurpadores do mesmo nome escalaram os seus thronos pelos mesmos meios e falsos degraus, no fim a mesma ruina, na vida a excommunhão e o interdicto, na morte a corda e a traição, o mesmo desenlace, e a mesma reprovação e condemnação divina. O conde da Ericeira escreveu n'esta era a sua vergonhosa historia; o conde era verdadeiro sandeu; o author de «Portugal Restaurado» recebeu a falsa herança de uma casa; e trabalhoso no appetite fazendo do conde o fundo da sua ambição pelo veneno que propinava, e pela astucia mais que diabolica de que se servia no

empenho. Apenas concluiu o seu trabalho, disse: Dai-me o premio; — e apenas se viu senhor do falso titulo e casa, disse: Dai-me o preço da obra; — e fez d'esta outra historia um thesouro para se enriquecer e empavesar de fidalgo: este era o verdadeiro João das Regras; porque a sua original possilga nunca se descobriu nem annunciou, e dizia-se que tinha nascido aquelle oraculo da historia ao pé da feira da Ladra de uma mulher, que vendia a chanfana do açougue pelas portas de Lisboa, e que apregoava pelas ruas maior engano.

Dizia alguem que o grande erro de D. João IV fôra o acclamar-se duque de Bragança: mas que faria o usurpador depois de matar como matou á traição em Lisboa o legitimo successor de Bragança e do throno? quem havia de sustentar a sua tyrannia, quem ousaria contemplar em frente sem desmaiar e sem horror o monstro de tantas vidas, que bebia o sangue humano, e se recreava com o vil officio de algoz e de executor da nobreza? D. João I principiou a considerar como proprios da corôa todos os bens da casa real de Bragança; D. João dispunha como duque e como senhor de todos os bens para imitar ou produzir a realeza e invicta memoria do senhor D. Manoel I. Esta questão tinha sido

tratada e muito debatida na primeira época; todos se acostumaram a considerar a usurpação da casa e dos seus bens como prova heretica de infrene e perversa oligarchia, e D. João professou o erro em Inglaterra, e tinha no seu palacio um ministro de Calvino semelhante ao que foi expulso das Necessidades em nossos dias pelo clamor do povo e pela justa queixa da parte sensata e catholica do reino. Todos os herejes são monarchomacos, o seu rei é de taberna, o seu preito o juramento da loja que o falso rei presta ao veneravel, e se o rei tem o falso cargo jura como rei ao immediato sujeição e obediencia ás decisões maçonicas, e como são muitas as lojas, a cada passo se vê partida ou fraccionada a realeza, ou despedaçada a sua monarchia pelas seitas mais fortes ou mais ousadas, que empolgam o vislumbre do poder.

Entre nós só tem havido um partido legitimo que é o catholico e brigantino de todas as eras; só um partido usurpador e constante, que é o dos bens da casa que desfruta pela via directa e occupa pelo mais feroz engano. As seitas e os corrilhos, que se formam das fezes de todos os partidos estrangeiros e execraveis contam como elemento uma vez que o lisonjeie e afoute para maior roubo e façanha da contribuição e da in-

juria que se haja de fazer á casa de Bragança, e com estas promessas todos sobem, e todos descem, se as frustram ou illudem. Este facto é o que nos resta a provar para complemento da catastrophe e para sua prova real e exuberante.

Quando D. Affonso VI se sentiu desprezado por todos os portuguezes recorreu aos estrangeiros, e sabe-se, que trazia comsigo alguns valentões, que o defendiam e faziam respeitar em Lisboa, e não podia ser esta força angariada contra o povo, mas antes devemos acreditar, que o rei se fazia forte contra o partido dos usurpadores da casa de Bragança a cuja frente estava a rainha viuva; e por isso teve a regente tanta difficuldade em conceder as redeas do governo ao presumido successor. Este conflicto nasceu e cresceu da mesma antiga causa de todas as discordias da usurpação, e pelo motivo da injuria que tinham feito á casa de Bragança e ao seu popular e heroico senhorio. D'esta vez o governo pontificio ainda não estava resolvido a ceder; não faria a menor concessão de reconhecimento sem a absoluta e total entrega dos bens de Bragança ou dos bens da corôa, e D. Affonso estava resolvido a todos os sacrificios, uma vez que achasse uma collocação em Roma e um modo de viver ou uma absolvição vantajosa para o seu arrumo e fim.

Esta deve ser a ambição do usurpador que nasce; o seu throno não offerece encantos, nem póde servir de balisa para a gloria verdadeira e santa que se embebe na felicidade do povo e no heroismo e façanha.

N'este estado, privado do seu natural apoio, D. Affonso VI ainda que fosse tão corajoso e tão absoluto como foi o quinto do nome, devia fugir ou sahir do reino para não soffrer a perda da liberdade; tentou o impossivel, e quebrou pela reconhecida prevaricação e má fé da nova e falsa casa de Bragança, que seu pai organisou em Lisboa como partido protestante para sustentar a negra e atroz usurpação: estes factos são innegaveis. O *Joannes à regulis* da primeira usurpação era um hereje estrangeiro semelhante a um Ditzi, e talvez ministro da seita: D. João IV tinha na sua côrte um ministro protestante da convenção de Cromwell, e todos os usurpadores dos bens da casa de Bragança deviam ser da mesma seita e falso cunho: D. Affonso VI abraçava a doutrina catholica, e, consoante os bons principios de direito, devia perder o titulo de rei; e, se em vez de casar em França, fosse ao reino ceder da corôa, lisonjearia o reino catholico, e podia obter a liberdade, que outro Affonso achou no mesmo reino. D. Affonso conservou a corôa e por esta

razão o povo portuguez não podia ingerir-se na questão para defender o preso; D. Pedro, seu irmão, era nimiamente cruel, mas não temia o partido de seu irmão, porque não o tinha: D. Pedro tambem não tinha o partido da nação, e por isso affectava grande humanidade para com seu irmão, e grande respeito pelas côrtes, que sempre o repelliram e despeitaram amargamente.

D. Pedro, depois do celebre processo que fez ao irmão para o privar de todos os seus estados até o dar por demente e por impotente, aceitou a mesma mulher, a celebre Saboya, e como esta tinha o tratamento de rainha, D. Pedro julgou que o mesmo throno o fazia successor do titulo de rei; e parecia logico que a deposição perpetua de Affonso o investisse na authoridade real, e o coroasse rei em vez de regente; o titulo de principe não lhe podia competir, nem o de infante, que pouco tempo depois começaram a usar por inaudita usurpação e roubo, e pelo mais atroz anachronismo os filhos segundos d'esta familia de D. João IV.

Dizem geralmente as suas historias que sendo duque de Bragança D. João IV e senhor da casa, instituira a do infantado a favor de seu filho segundo para prevenir a falta de successor pelo receio da morte do principe, e uma supposi-

ção e um embuste indigno, ou um meio de que se serviu a atroz calumnia da usurpação dos bens para tirar a D. Affonso VI o que lhe tinha ficado da casa de Bragança e para os dar ao seu predilecto: e por esta razão veio a D. Affonso o desejo de restituir, e occorreu á facção o pensamento de depôr o insensato. Assim manejou a perfida intriga os seus aleives e falsidades e da mesma maneira em todas as eras procura colher e alcançar o seu unico fim que é o roubo pela pertinaz heresia e pelo mais atroz engano e enredo.

D. Pedro usou immediatamente do titulo de rei, mas o povo sempre lhe negou o tratamento; as nações não cessavam de o responsabilisar pela vida do infeliz e proscripto; e já se julgava que fazia guardar como rei um homem estranho, quando o deixou sahir de proposito em Cintra e o fez prender e reconhecer pelo povo como verdadeiro D. Affonso VI no meio do tumulto dos seus agentes e confidentes, que fizeram grande alarido d'aquella supposta revolução para declarar novamente como doudo o triste que se deixou cahir no laço. D. Pedro a cada passo reunia as côrtes do reino sempre na esperança de que o reconhecessem rei, mas jámais o conseguiu pela grande desaffeição e justo odio que tinha merecido e grangeado.

A casa do infantado foi uma falsidade d'este partido; mais tarde se assenhorearam da falsidade para tomar posse nas provincias de todos os bens de Bragança e de S. Bruno, e para os desfrutar e gozar por almoxarifes que nomeavam do infante. A casa do infantado mandava para as terras juizes, e assalariava por todo o genero de engano os cobradores da falsa e aleivosa renda, e por esta fórma constituiu as suas instituições e morgados: o povo reagia contra a usurpação, mas o rei e o governo, o infante e os seus almoxarifes conspiravam, e apesar do odio do povo que não podia ser mais justo nem mais bem merecido colhiam e recolhiam do roubo grandes interesses e mortificavam o povo com exacções de cruel engano e tyrannia, que desvirtuavam do seu fim primordial e applicavam para outro de maior escandalo e torpeza.

O nuncio de Roma teve ordem de visitar a D. Affonso VI, que cumpriu, mas jámais foi admittido a vêr o verdadeiro, e por esta razão ficou a figurar por alguns annos como prisioneiro o que já era cadaver; a sua mudança para a ilha é uma chimera, as suas cartas para Hespanha ficam abaixo de toda a critica: D. Affonso VI não era admittido a escrever; o mesmo governo de D. Pedro fingiu ou suppôz as cartas para dar ao

preso a laia de hespanhol e não o quiz dar por brigantino; porque d'este partido se temiam muito; e porque o seu fim era desacreditar e dar como vivo e como existente o homem que dormia debaixo da lousa o somno do sepulchro. Com effeito, pouco depois d'esta falsidade, D. Affonso foi dado por morto na ilha para que ninguem o visse nem examinasse, e appareceu D. Pedro em côrtes a pedir o seu tratamento real. As côrtes disseram que tomasse o titulo e o tratamento de seu pai, isto é, que fosse usurpador hereje, e injusto possuidor dos bens de Bragança e de S. Bruno, e com isto se houve por acclamado e por installado na sua falsa e apocrypha realeza.

Veio então a questão romana do reconhecimento. A curia cedia em quanto aos bispos, depois de não haver nenhum no reino pelo grande alarido do povo, uma vez que os nomeados tivessem a apresentação real de Bragança. O governo passou pelas forcas caudinas, e deu então o ultimo testemunho e prova de sua torpe e nefanda ambição. O rei ficou de mero facto, e póde dizer-se que o escravo d'alheias vontades vegetava na mais sordida taberna, ou no ergastulo do seu captiveiro, ou na fetida jaula da mais indomita fera; por que estes reis sempre andaram presos, e a que

chamam casa de Bragança de Lisboa governa o seu estado, como o domador ensina e conduz o seu ganha-pão pelo mundo dos seus espectaculos. Havemos de julgar que a familia não é livre, e que desde o seu nascimento cada individuo é obrigado a beber o veneno da maior heresia e torpeza para ficar doudo e bem sujeito á vontade imperiosa ou caprichosa dos seus verdadeiros senhores e tyrannos.

Não admira que estes sejam sempre estrangeiros e revesados de origem ou de má procedencia e de abstrusa memoria; por ahi pretendem alguns que a lingua do paço seja a franceza, outros que seja a ingleza; em tempo pretenderam fallar a italiana, jámais admittiram a portugueza vernacula, nem suscitaram as questões da côrte d'aldêa; nem deram ao povo fiel o ingresso e a influencia, que lhe cabe nas questões do estado para não ouvir verdades amargas, e a sincera queixa de tanta tyrannia e de tão inauditas usurpações e falsidades, e de tão grande subserviencia aos estrangeiros e a todos os inimigos da nossa fé e da nossa gloria e renome.

João das Regras, nome verdadeiro ou supposto, não era mais do que um fementido estrangeiro, as suas doutrinas não se ensinavam, nem corriam entre nós; os seus dogmas proprios da mais

abjecta demagogia podiam apenas applicar-se ao imperio dos Tiberios e dos Caligulas, dos Neros e dos Heliogabalos; as nossas côrtes de Lamego ficavam semelhantes á lei regia d'Augusto e o santo corpo de D. Affonso Henriques seria como os Tusculanos de Cicero e de sua Republica, só para a posteridade; e estaria em algum recondito n'aquelle tempo de D. João I para se revelar e apparecer sómente nos seculos seguintes, e no grandioso, monumental e eterno d'el-rei o snr. D. Manoel. É justo confessar que estas falsidades causam tedio e nojo. D. João IV usava do titulo de Rei e do tratamento de magestade, sem lhe competir e por heresia de infame e vil protestante. Agora dizem os apologistas da mesma seita que Portugal sempre foi protestante; mas não dizem como se retractou a viuva, nem diz como precisou a ignobil memoria de D. João IV de ser absolvida como contrita á hora da morte para ter sepultura de corpo.

Como hereje deu em receber o titulo de magestade á imitação de Cromwel cuja seita seguia: entre os catholicos sempre se entendeu e teve por boa e por firme doutrina, que só o summo pontifice é senhor de conceder o titulo ao mais puro e santo monarcha legitimo. Antigamente se reservava esta rosa d'ouro só para um rei ou im-

perador que acontecia ser o que confirmava a eleição real, se ainda não tinham o titulo; e jámais o pretenderam nem aceitaram os reis de Hespanha e de Portugal por terem o mais nobre de catholicos e o mais santo e humilde de alteza e como vigarios do Senhor. Na Hespanha não havia herejes nem raças impuras que não estivessem separadas e bem extremadas para não eivar as familias, nem causar o escandalo de philisteus, e de immundos entre bons catholicos e fieis. Durante a usurpação sempre procuraram os herejes tomar lugar e assento, e á medida que fugia a fé da sua pureza invadiam as raças, e vinha o armenio e o judeu, o cigano e o protestante invadir as rendas e fazer monopolio das reaes para cultivar as massas e para dar pasto á luxuria dos maiores desvarios e ameaças. E seria só pela necessidade de fazer proselytos, e instrumentos de tyrannia? E' certo que o imperio de necessidade compelle até os tyrannos, mas o principio de desmoralisação é um systema, que os actuaes herdaram dos seus antecessores, e que estes tinham recebido de outros, e de muitas successões estrangeiras, que o demonio communica a todos da mesma fonte e pensamento do desprezo da santa lei e fé.

Outra sanha d'este abominavel systema foi

o impio tratado de Methuen cujos artigos secretos são da infame propaganda protestante que invadiu o reino por consentimento do falso e perfido governo, e se obrigava este com todos os usurpadores dos bens da santa casa de Bragança a seguir o falso preito, e a prestar homenagem secreta ao demonio e ao mais infame ministro de Calvino, que, segundo dizem, era monarchico, assim como Luthero era republico, e sophistico orador de comicios; e já os protestantes se dividiam n'este ponto essencial do governo: mas os seus superiores e chefes sempre estavam accordes no ponto principal da injuria que haviam de fazer ao Senhor verdadeiro e ao seu santo vigario, e no odio á santa casa da Java por causa dos bens e da fé. D. João I fez com Inglaterra o primeiro convenio secreto, mas era só de pirataria e de heresia, cujos vicios já minavam os thronos de Hollanda e da França, da Bretanha e de Londres, como é sabido e se estendia por meio de ramificações secretas por toda a Europa, e bebia as falsas idéas da santa acclamação de D. João I. Esta seita ou partido foi inaugurado pelo mesmo demonio no tempo em que Juliano se fez truão e ridiculo para depôr o papa de sua soberana cadeira e para o entregar, como então se dizia ao mais desvanecido principe que havia de

surgir para governar o mundo e para resuscitar os immortaes.

Estes abominaveis e impios reformadores do mundo começavam as suas iniciações por um symbolo do demonio, e davam á sua falsa fé o caracter verdadeiro de diabolica, e alcunhavam de divina, de tyrannica, e protestavam fazer triumphar o inferno, e pelos seus meios da maior astucia progrediam e illudiam sempre até o grau de maior engano, a este como simples mação, áquelle como aprendiz, a outro como mestre, e aos mais adiantados como convivas do mesmo demonio; e não sabia o menor os maiores segredos dos outros graus, em quanto não obtinha os verdadeiros da maior abominação de seu secreto esconjuro.

Em nossos dias os mesmos factos ostensivos, e a mesma historia secreta revela todos os arcanos, e explica, o que parece inexplicavel, de atroz calumnia, e de sarcastico pensamento. A morte do ambicioso meteóro, que nasce sem o prestigio da duração, e que vem ao mundo para a conquistar dos que só podem communicar a falsa e perfida, morre asphyxiado fóra do seu elemento; porque as claridades da sua existencia não o habilitavam para conviver no espaço dos ares com os astros opacos da sua na-

tureza, e por isso o precipitam mais depressa para que conheça o que é e o que póde valer como energumeno. Alguem julga que o meteóro póde fazer-se cometa, e que o cometa póde vir a ser planeta ou estrella sem que o Senhor o faça; o atroz engano de falsa ascensão precipita mais cedo este rustico presagio. Agora já dão ao timido o nome vil do seu catholico reinado e se lhe põe o nome de .... *mechas*, ou de *põe mais* ...., mais adiante o fazem *José do nabo*, e o compellem a tomar novo Ditzy, ou a subir os degraus da forca sem levantar o espectaculo do cadafalso: os inimigos são sempre os mesmos e da mesma sorte unidos pela tyrannia do crime e pelo estupôr das suas façanhas. Se agora diverge o maior attentado sempre triumpha e atrella ao carro de seu triumpho todos os seus sectarios, e escravos; mal dos que não comprehendem a necessidade de obedecer cegamente ao mais audaz partido e ao homem mais facinoroso. O sophisma é a apparencia da virtude; os que queimam no inferno o incenso pôdre ao demonio, são despojados da propria pelle, e victimas da nova crueldade dos monstros.

Alguem julgaria que Simão comprava de boa fé a S. Pedro o poder dos milagres: é um engano. O infame só aspirava a enganar o padre

santo, se a sua tentação inclinasse a S. Pedro para a torpe venda, o demonio que fallava pela bocca do maldito teria conseguido o seu fim, ria do desventurado e cantava a sua victoria. Por esta razão S. Pedro condemnou o tentador com o triplice poder do seu divino amor e pareceu severo, mas foi sómente justo, porque Simão, o demonio apparente e ostensivo, já era escravo de outro mais negro e atroz, que persegue toda a humanidade para a sua ruina e perdição.

A catastrophe de Affonso termina com a injuria que Simão fez a Pedro. Quantos deslisaram da escóla santa sem a comprehensão dos meios divinos e sem o alcance dos fins do sublime culto, e se embrenharam na mais damnada chorêa da usurpação que se fez ao Senhor! Esses hão de ter n'este mundo e no outro a mesma sorte — a catastrophe — e o mesmo exito e cruel engano.

RENAN

O snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos tratou com exemplar juizo e prudencia a questão da academia real das sciencias e Ernesto Renan. Estas linhas do *Jornal da Noite* compendiam todos os argumentos do esclarecido publicista: *Merecem respeito as convicções. Mas a consciencia dos outros é tão d'elles como a nossa, igualmente livre, de todo o ponto respeitavel.*

E' aquillo que dizia eloquentemente Vieira de Castro, no opusculo da REPUBLICA: *nós, que de tolerantes nos desvanecemos, somos intolerantissimos como frades.*

O menospreço d'este canon de liberdade sem rebuço nem condições explica as diatribes desfechadas contra os seis academicos adversos á admissão do author da *Vida de Jesus.* Os adaís da liberdade forjam golilhas de phrases para o alvedrio dos que votaram segundo sua consciencia. Offendem e injuriam.

O author do romance intitulado *Vida de Jesus* é malquisto dos seis academicos que se dispensaram da sua camaradagem litteraria. Fruiram o indisputavel fôro da sua consciencia, rejeitando-o, como romancista indiscreto que enreda as

suas novellas com o sacratissimo nome de Jesus Christo. Se Renan escreveu sobre linguas orientaes um livro mui dilecto do snr. Soromenho, tambem orientalista, isso não é motivo bastante a que as almas profundamente christãs se devotem á apotheose do depreciador de Jesus, descontando-lhe as falsificações historicas do romance nos descobrimentos linguisticos que fez ácerca do syriaco e do chaldeu.

Por outro lado, os academicos vencidos na votação e revelados no ulterior protesto, merecem igual inviolabilidade na sua consciencia, mórmente quando, á imitação do snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, declaram que estremam entre o author da *Vida de Jesus*, e o author da *Historia geral das linguas semitas*.

Temos em conta de veneravel e honroso o proceder dos academicos que afastaram do seu convivio o escriptor que atirou um livro corrosivo ao coração ulcerado da Europa como quem arroja petroleo ás linguas de um incendio. A França lá sabe o que deve aos discipulos de Salvador e de Strauss, e nomeadamente a Renan, o compilador de Reville, de Reuss, de Schérer e Colani. Se alguns homens illustrados pela experiencia e receosos das fatalidades congeneres de certos livros, reprovaram que Renan recebesse publica-

mente em Portugal a consideração que o snr. Soromenho lhe faculta por sympathicas affinidades phoneticas, o que temos a recear d'ahi é o espectaculo das vaias e satyras com que alguns escriptores estão provando que entre nós é mais urgente um compendio de civilidade que a convivencia academica do sabedor de linguas do Oriente.

CORRECÇÕES

Convém fazer algumas ao artigo *O Decepado* (n.º 4, pag. 71). Ministrou-m'as o snr. J. F. Torres; e eu, trasladando-as, ajunto á gratidão o contentamento de encontrar quem ainda se entretem com cousas tão remotas e alheias das *novissimas* charadas, das *capitações*, do *don-juanismo* e dos bancos.

Transcrevo a carta do cavalheiro, que não tenho o prazer de conhecer; e, se não illido as palavras que encarecem os meus estudos, é porque o appellido que a subscreve ainda não exercita alçada litteraria que levante turbilhões de gloriosa poeira á volta do meu carro triumphal. Eis a carta do snr. J. F. Torres:

. . . .

«Deliciei-me com a leitura das veridicas noticias historicas do meu conterraneo Duarte d'Almeida, *o Decepado*. Ora, v. incansavel em revolver e pesquizar tudo quanto possa esclarecel-o em tão gloriosa e ardua tarefa, não levará a mal, e relevará a um ignorante o arrojo de lembrar a v. umas insignificantes correcções, que em nada alteram a verdade do facto, nem desdizem do eminente grau litterario de seu author.

«Não existe (se é que existiu) casa nenhuma acastellada no lugar de Villarigas (hoje por corrupção Vilharigues) no concelho de Vouzella [1]; mas sim um castello ou cubello quadrado e muito alto, em parte mandado demolir pelo fallecido procurador da casa Penalva, Martinho do Banho, para com a pedra mandar fazer escadas e outras toscas obras que conduzem á capellinha de Santo Amaro, pertenças da mesma casa Penalva. Existe outro igual monumento no lugar de Bandavizes, freguezia de Fataunços.

«A casa da cavallaria sita na villa de Vouzella, e que em tempo devia ter sido uma vivenda os-

[1] Existia no seculo XVII, segundo m'o affirma um escripto nobiliario de testemunha coeva e ocular.

tentosa, como se vê do que ainda hoje existe, pertence actualmente por emprazamento a João Corrêa d'Oliveira.

«A capella da casa é hoje adega, palheiro ou cousa semelhante; e nada alli existe que faça lembrado o nosso celeberrimo S. fr. Gil [1]. Ha porém na villa uma elegante capella do santo, onde se celebra missa todas as segundas feiras; e onde se conserva a pia em que se baptisou o santo; e bem assim o queixo inferior do mesmo, reliquia muito venerada pelos habitantes da villa. O corpo, como v. sabe, jaz enterrado em S. Francisco de Santarem.»

Outra correcção a respeito do prestidigitador Herrmann, mencionado como fallecido, ha dous annos, no artigo intitulado: *A exc.ma madrasta d'el-rei D. Luiz I calumniada.*

O snr. Comparse Herrmann está vivo em Vienna d'Austria, e é banqueiro opulento. Quando se retirou rico do theatro, declarou elle aos seus admiradores que morrera na rampa e ia resuscitar na burra, a mais eloquente de quantas conversaram com o genero humanal depois da outra biblica.

[1] Em 1780 ainda se via n'esta casa a capella, no local onde nascera S. fr. Gil.

João de Deus, o excellente poeta, cantava d'est'arte, ha 15 annos, em Coimbra o dadivoso prestigiador:

Herrmann! Herrmann! espantas-me! Não scismo
Nos prodigios da milagrosa vara
Que o Senhor Deus te deu:
Teu coração, Moysés do christianismo,
Tua alma é que eu admiro, e te invejára,
Se o que é teu fosse teu.

Tanto era d'elle o que era d'elle que está banqueiro; e João de Deus, que tem o condão prodigioso de abrir fontes de lagrimas, e não invejava a varinha que tirava de uma manga da casaca trezentas jardas de fita, ainda não é banqueiro, segundo me consta.

Pois tambem Herrmann era poeta, e, se é licito acredital-o, tinha talento. Elle o disse aos academicos n'estas quadras que, entre outras, sobrevivem ao prestigiador, na pag. 295 do tom. VIII do *Instituto*:

Le cœur est ulcéré, quand pour prix d'un bienfait
On s'apperçoit alors des ingrats qu'on a fait.
Et pourtant chaque jour j'adresse à l'Eternel
Une promesse sainte, dans un vœu solennel!

Si, par lui, mon talent me donne la richesse,
J'ai ma mission aussi, soulager la détresse,
Grâce à vous, tout s'eclaire, un instant a suffi,
Pour ramener enfin le calme en mon esprit.

N'este poema queixava-se o gentil allemão das suas illusões perdidas, da sua infinda tristeza, e das angustias de coração com que entrára n'aquelle recinto da *charmante jeunesse*. Queixava-se outro sim, de ingratidões que lhe ulceravam o peito. Era um romance de amores começado no Porto, romance que bifurcou em dous fios de ouro: um foi prender-se á orla de um throno não sei aonde, outro á carteira de uma casa bancaria em Vienna d'Austria. Brilhantes desenlaces!

E foram os rapazes de Coimbra — aquelles viventissimos rapazes de 1859, Corvo, Vieira de Castro, João de Deus, Northon, Victorino da Motta, e dezenas de galhardos espiritos que lhe degelaram as frialdades do coração retranzido. *Gloire à vous!* exclamava Herrmann.

MAU EXEMPLO DE POETAS CASADOS

... Une femme prudente y doit regarder à deux fois avant d'épouser un poete!

J. Janin, *Le livre.*

Se o fino amor não é condão dos poetas, é escusado esgaravatar essa rara perola em outra concha. O amor duradouro é incompativel com a creatura sujeita á decomposição e á morte. As recomposições interiores são incessantes, até ao momento em que o espirito vital se evóla, e a podridão começa.

As reformações da alma operam-se mais de afogadilho que as do corpo. Envelhecem almas em corpos novos. Muita gente sente o gravá-me e a melancolia da idade de ferro nos annos dourados. Ha tambem o reverso d'isto. Almas floridas em corpos devastados. Os primeiros tem auréola de poesia lugubre. Os segundos são lastimaveis quando, em honra de suas cãs, arrancam um a um os renovos da alma, ou os vão de-

lindo com secretas lagrimas; e são irrisorios, quando aviltam a magestade da velhice, dando resplendor á calva com um nimbo de namorados.

Foi d'esta especie D. Thomaz de Noronha, cognominado, no seculo XVII, *Marcial portuguez*. Amou numerosas primas, e casou com uma, de quem ficou viuvo. Deus sabe como o coração de sua esposa Helena de Salazar foi anavalhado de ciumes para a cova! O perfido, em quanto se andava pela côrte diluindo em trovas a fé conjugal, deixava em Alemquer a consorte, cuidando dos trigaes e dos parrécos.

Casou em segundas nupcias com D. Catharina da Veiga, tanto ou mais desafortunada que a primeira. Pensava ella, porém, que o marido, ahi pelos cincoenta, ganharia juizo, e se faria serio, acolhendo-se ao santuario da familia com a lyra e com o rheumatismo.

Enganára-se D. Catharina, a infausta esposa, que, por lhe agradar, se bezuntava de posturas, e arrebicava de inuteis artificios. Santa senhora!

O dissoluto não só a trahia, senão que a zombeteava em verso, depois de a ter mofado na prosa caseira — a prosa de marido enfastiado, que é o vasconso mais barbaro da glottica humana.

Aqui está um dos cantares com que o sobredito *Marcial* desprimorosamente chasqueava as

caricias, os vernizes, as tranças retintas, os algodões que lhe acolchoavam o seio, e arqueavam as ancas da esposa, em fim, tudo aquillo que a paixão engenhosa inventára, á custa de inexprimiveis magoas e dolorosos retrocessos nos vestigios da belleza perdida. E observem que o cruel a denomina *Sara*, equiparando-a á velha da Biblia. Lêde, senhoras, que hospedaes poetas no coração:

Escuta, ó Sara! Pois te falta espelho
para vêr tuas faltas,
não quero que te falte meu conselho
em presumpções tão altas.

Lembre-te agora só que és terra e lódo
e terra te has-de vêr do mesmo modo;
mas não te digo nem te lembro nada
porque ha muito que em terra estás tornada.

Que importa que, alguma hora, a prata pura
de tuas mãos [illegible],
e que de teus cabellos a espessura
as minas de ouro desse!

Se o tempo vil, que tudo troca e muda,
somente do ouro pez, por mais ajuda,
em tuas mãos de prata o amarello,
e a prata de tuas mãos em teu cabello!
se um tempo, foram de marfim bruneido,
no seculo dourado,
não vês que o tempo as tem já consumido,
não vês que as tem gastado?

Deixa, Sara, deixa esses vãos enredos;
que eu, quando toco teus nodosos dedos,
me parece que apalpo, e não me engano,
cinco cordões de frade franciscano.
Viciando a natureza com taes tintas,
com pinceis delicados,
jasmins e rosas em teu rosto pintas.
Deixa esses vãos cuidados;
pois quando tua cara me alvorota,
mascara me parece de chacota;
e, se é das tintas, digo n'este passo
que a mascara está inda em calhamaço.

Como pretendes, pois, com mil enganos,
vestir mil primaveras
sem ter a primavera de teus annos!
Como não desesperas!
que o tempo chegou já ao seu estio,
aonde toda a fruta perde o brio;
parecendo tua cara desmedrada
fruta que se seccou, noz arrugada.

Se feitura de Deus Eva não fôra,
dissera, sem porfias,
que de Eva foste mãi, velha senhora,
pois te sobejam dias
para esta presumpção que agora tenho;
e, concluindo em fim, a alcançar venho,
pois alcançar não posso tua idade,
que deves ser a mãi da Eternidade.

Teus olhos, por descargo da consciencia,
a idade os tem mettidos
em duas lapas, fazendo penitencia;
e estão tão escondidos,

que, quando os vou buscar porque me choram,
não acerto co' bêco aonde moram;
porque o tempo os mudou, seu passo a passo,
da flôr do rosto lá para o cachaço [1].

. . . .

. . . .

Em fim, senhora, se te vejo em osso.
com essa cara posta em tal pescoço,
me parece, tirada a cabelleira,
em cima de um bordão uma caveira.

. . . .

Sabe que sei, e d'isto me não gabo,
que te alugou sem duvida o diabo,
invejando teu corpo, cara e dedos
para a Santo Antão fazer maiores medos [2].
E deixa, em fim, tanto vão cuidado;
e ao sagrado te acolhe
primeiro que te ponham em sagrado.
Este conselho colhe;

1 Segue uma estrophe cuja nudeza, posto que não envergonhe o realismo hodierno, nos pareceu propriedade dos livros escriptos *para homens*, cuja deshonestidade os authores lisonjeam com as dedicatorias dos seus romances.

2 *Metter medo aos medos de Santo Antão*, era adagio do tempo, que teve a seguinte origem: No terceiro domingo de agosto de 1577 sahiu uma procissão da antiga parochia de S. Julião. Entre varias figuras e carros triumphaes ia um homem representando Santo Antão no deserto, e á volta d'elle varios demonios com feitio de monos o aterravam com caretas e tregeitos medonhos.

admitte o que te digo sem desgosto;
que eu, quando vejo teu funesto rosto,
d'elle tambem o seu conselho tomo,
pois cuido que me diz: Memento, homo!

Esta poesia ou outra peor tesourou os ligamentos da vida de D. Catharina, abrindo-lhe as portas do paraiso. Elle, o viuvo consolavel e impenitente, por aqui ficou até aos oitenta ou mais, deshonrando a idade provecta com poemas sordidos, e taes que os prelos não os despejaram á circulação dos enxurros. Sem embargo, Jacintho Cordeiro, no *Elogio de poetas lusitanos*, conceitua n'esta altura o descaroado marido:

D. Thomaz de Noronha em tanto augmento
Confirma de sus versos la escellencia
Que admirando sutil su entendimiento
Puede hazerle a Quevedo conpetencia:
Alma de tan ayroso movimiento,
Luz parece de sol de su presencia
Y sol a cuya luz crecen desmayos,
Aguila no soy yo de tantos rayos...

Que te fulminem, Jacintho! — diria um leitor circumspecto.

Achou-lhe airoso movimento na alma, assim como nós, os filhos d'este seculo cortez e cavalheiroso, lhe achariamos na arca do peito as vertigens ebrias d'um trovista de tasca.

A poesia, que um sorriso meigo de mulher agradeceu, logrou a sua nobre missão: divinisou-se. Essa outra cousa, que se chama poesia, porque metrifica a injuria ou o chasco vil á mulher, é a hydrophobia do talento, é enfermidade repugnante.

A CASA DE BRAGANÇA «AB OVO»

D. Gonçalo Pereira, trigesimo-quarto arcebispo de Braga, quando estudava as santas theologias em Salamanca, achou compativel a sciencia de Deus com as curiosidades philoginias, gregamente fallando.

D'esta compatibilidade, em que foi parte integrante e constituinte, chimicamente fallando, D. Thereza Peres Villarinho, resultou nascer um menino robusto, como os recem-nascidos do *high-life*, o qual se chamou Antoninho.

Este D. Antonio Gonçalves Pereira ordenou-se, foi prior do Crato, e pai de 32 filhos, compativeis com o priorado. Uma das mães d'este rapazio todo chamou-se Eyria de Carvalhal, e das

predestinadas entranhas d'esta menina apojou D. Nuno Alvares Pereira, pai da primeira duqueza de Bragança, casada com o bastardo de D. João I.

D'esta estirpe, bastantemente gafa de couto-damnado e bastardias, nos veio a redempção em 1640.

Bemditos e louvados sejam aquelles padres arcebispos e priores! Se elles fossem castos ou infecundos, não teriamos Braganças, e gemeriamos ainda hoje captivos de Hespanha.

O arcebispo descança ha 526 annos, em uma capella contigua á porta travessa da sé de Braga. La lhe vi, um d'estes dias, a figura esculpida no mausoléo. Portuguez de lei era aquelle padre, posto que se apaixonasse por hespanholas. O coração não tem *ubi*. O escolar de Salamanca lêra talvez o philosopho grego que dissera serem todas as mulheres uma. Se a natureza as não discriminára, como estremal-as por fronteiras?

Mas tão portuguez era que articulou em seu testamento que, se um dia a mitra primacial cingisse a fronte de prelado castelhano, fosse arrazada sobre suas cinzas a capella em que ia esperar o clangor da trombeta!

Ainda não vi impressa a noticia do desastre extraordinario que motivou a morte de D. Gonçalo. Nem D. Rodrigo da Cunha nem o padre José

Corrêa, biographos dos arcebispos bracharenses, a souberam ou quizeram divulgar. Parece-me, todavia, que o primeiro, tanto por haver sido prelado como por genio investigador de antiguidade, não ignoraria o que era constante de um processo existente no archivo da mitra.

Eis o caso:

Em 1317 foi D. Gonçalo visitar a provincia transmontana. Chegando a Villa-Flôr com grande sequito, travaram-se alli os seus criados com os moradores da terra, e de ambas as partes belligerantes morreram quatro homens, e sahiram doze mal-feridos. Tangeram os sinos a rebate. Levantou-se a povoação armada. Cercaram a residencia do arcebispo, mataram-lhe seis homens, e matariam o proprio prelado, se não fugisse, pendurando-se de uma corda, que lhe não evitou cahir de costas no terreiro e contundir-se gravemente. Não contentes os de Villa-Flôr com a fuga do seu arcebispo, tomaram-lhe as mulas, de envolta com parte dos capellães, e seis criados. Protegido por atalhos, o contuso prelado chegou a Carrazeda de Anciães, povoação importante n'aquelle tempo, fortificou-se no castello, fez lavrar instrumento publico, e enviou-o a D. Affonso IV.

O rei, poucos dias depois, mandou a Villa-Flôr uma alçada com dous algozes bem escoltados, e fez enforcar os sacrilegos que pôde colher na devassa. Esta vingança nem por isso alliviou os incommodos do arcebispo descadeirado na queda. Transferido a Braga, deitou-se para nunca mais se erguer. Quatro mezes depois adormeceu no Senhor.

E assim morreu, por effeito de tão miserrimo lance, aquelle valente do Salado, que deu o exemplo da bravura e legou a espada ao seu quarto successor D. Lourenço, o raio de Aljubarrota. Fôra elle o defensor da cidade do Porto, quando o enfurecido amante de Ignez levava na sua vanguarda o incendio e a devastação. Fôra elle ainda quem acaudilhára a hoste de portuguezes, quando uma invasão de hespanhoes, em desapoderada fuga, deixou o sangue de trezentas vidas nas lanças dos alabardeiros do arcebispo.

Santo Deus! um heroe d'esta polpa chega a Villa-Flôr, amotina-se a arraia-miuda, foge de escorregão por uma corda, cahe de cangalhas, amolga o osso sacro, e morre! Mas em fim, maior seria a desgraça de Portugal se elle, antes de lesar as vertebras lombares e regiões visinhas, nos não tivesse deixado os embryões da casa de Bragança na pessoa de seu filho prior!

UM INQUISIDOR PORTUGUEZ E O PRINCIPE DE GALES

O filho de Jayme I de Inglaterra veio a Madrid, em 1610, para vêr de perto a princeza Anna, filha de Philippe III, uma das mais formosas mulheres d'aquella época. D. Fernão Martins Mascarenhas, inquisidor geral de Portugal, e residente em Lisboa, assim que soube da chegada do heretico neto de Maria Stuart, escreveu-lhe com a santa presumpção de o reduzir á fé catholica. O principe, todo embebecido nas magias da filha de Philippe III, guardou a carta para mais tarde resolver esse negocio que se lhe figurou de importancia subalterna. A opinião de alguns historiadores, porém, é que a Inglaterra voltaria ao redil da igreja romana, não tanto pela influencia theologica da carta, como pelos filtros amorosos da princeza Anna. O principe de Gales pediu-a para esposa; e, quando em Londres se preparavam os festejos do noivado, morreu o noivo em 1612.

A carta do inquisidor bispo do Algarve é inedita. A este prelado devemos a impagavel fineza de expurgar das livrarias de nossos avós todos os

livros gafados de heresias. Se não fosse elle, é muito de recear que em Portugal se lêssem então os livros que no seculo XVII propulsaram as sciencias na França e Allemanha: o que seria uma calamidade. Eis a carta do santo varão:

«A vinda de V. A. a esta côrte foi de tanta alegria para todos os que nascemos em Hespanha, que ainda aquelles que estamos mais distantes da sua presença, temos obrigação de fazer demonstração publica, assim em dar graças a Deus por esta mercê, como em significar a V. A. o animo, e a vontade com que festejamos a honra que todos alcançamos por esta causa.

«O que todos agora desejamos, e pedimos a Deus com contínuas orações, para melhor servirmos a V. A. n'aquillo que mais lhe importa, é que queira V. A. ouvir e entender a razão do que por cá acha, e é professarmos a fé, e a religião que professa, e ensina a igreja catholica romana, verdadeiramente apostolica; porque o animo com que desejamos paz perpetua entre as corôas de Hespanha e Inglaterra, nos obriga a procurar a conformidade na religião entre os principes d'ellas, pois, como diz Santo Agostinho, não póde haver verdadeira concordia aonde os entendimentos estão desunidos na terra.

«Muitas razões se podiam allegar para V. A. se dispôr a fazer este serviço a Deus, e mercê a toda a Hespanha, porque os livros estão cheios d'estas materias, mas tres são só as que lembro a V. A. para satisfazer a obrigação que tenho n'este reino de Portugal.

«A primeira é considerar V. A. que isto que nós professamos em Hespanha, ácerca da obediencia á sé apostolica-romana, professaram, sem nenhuma interrupção, os serenissimos reis de Inglaterra por mil annos, desde o tempo de S. Gregorio Magno pontifice, e Mauricio imperador, até o de Henrique VIII de Inglaterra, que por seus respeitos fez mudança na religião; porque como nunca se havia preferir o parecer dos que querem innovar cousas ao juizo d'aquelles que n'ellas perseveraram por tantos annos, bem se vê, a prudencia natural está pedindo que se repare muito n'esta variedade que se introduziu em Inglaterra nos derradeiros annos. E é muito para vêr a fórma em que escreveu Eduardo, rei de Inglaterra, ao papa Alexandre III, porque ambos estão condemnando o que agora se segue no mesmo reino com palavras tão claras que não soffrem interpretação alguma.

«A segunda razão é porque todos os reis de Inglaterra que antes de Henrique VIII tiveram o

sceptro d'aquelle illustre reino depois de Alberto, fundaram a sua jurisdicção na obediencia á igreja romana, em que presidem os verdadeiros successores de S. Pedro, principe dos apostolos, e vigario universal de Christo na terra, até Ina e Ataulfo fazerem o proprio reino tributario da sé apostolica, e este tributo durou por novecentos annos. E ainda que alguns reis de Inglaterra houve que em cousas e casos particulares guardaram menos respeito do que deviam aos pontifices romanos, nunca lhes negaram o serem cabeças da igreja catholica, e sempre depois vieram a fazer penitencia de seus erros, como consta dos proprios annaes e chronicas de Inglaterra que Polidoro Virgilio II seguiu, e tratou em sua historia.

«A terceira razão é porque o mesmo Henrique VIII que fez esta mudança, quando morreu declarou que errára, e por esta causa expirou com summa pena, e inquietação, como consta da relação que fizeram homens de muita virtude, letras, e authoridade que assistiram á sua morte, e os aponta Sandero, com outros muitos historiadores inglezes que trataram de suas cousas; e se não remediou seus erros foi por occulto juizo de Deus que permittiu lhe faltasse n'aquella hora quem o encaminhasse, e lhe lembrasse o que o

proprio escreveu tão doutamente contra Luthero, e dirigiu ao papa Leão x.

«Por onde tornando V. A. a receber aquillo que os reis seus antecessores tiveram e professaram por largos annos, sendo tão virtuosos, prudentes e valorosos, como o mundo todo reconhece, não fará mais que restituir á fé a casa d'onde contra razão e justiça anda desterrada; e com esta restituição além da gloria immortal, que alcançará em todos os seculos vindouros, obrigará a Deus Nosso Senhor abrir as mãos da sua liberalidade para lhe acrescentar muitos reinos com novas prosperidades temporaes.»

A TRILOGIA DA «ACTUALIDADE»

Quando o snr. Moutinho de Sousa, ha pouco tempo, negociava, em Lisboa, actores que preenchessem e aperfeiçoassem a companhia dramatica do theatro Baquet, o snr. Silva, roto saboyardo do escangalhado realejo litterario da *Actualidade*, escreveu, com o desplante da sua

ignorancia impenitente, que a escripturação dos tres indicados actores formava uma agradavel TRILOGIA.

Tres actores, tres pessoas—uma *trilogia!*

O leitor (se não é elle) sabe que os gregos denominavam *trilogia* o conjuncto de tres peças theatraes, quando o poeta pleiteava o premio da tragedia. Uma compoz Eschylo, a mais commevedora que nos legou a antiga scena. Shakspeare fez uma *trilogia* com as tres tragedias que completam Henrique VI. O *Walstein* de Schiller é tambem uma *trilogia*. Querem os francezes por igual ter a sua na concatenação do *Barbeiro de Sevilha*, *Casamento de Figaro* e *Mãi delinquente* de Beaumarchais. Tambem nós, em os nossos humildes fastos litterarios, temos uma *Trilogia romantica*, em que se annunciavam collaboradores Antonio Pereira da Cunha, D. João de Azevedo, e João Machado Pinheiro (visconde de Pindella).

Por analogia, tres composições em um livro, tres tratados, tres discursos, poderemos denominal-os *trilogia;* mas chamar *tratado* (*logos*) ao snr. Pola, e *composição* á snr.ª Virginia, e *discurso* á snr.ª Emilia das Neves, hellenisando-as pessimamente, seria uma fineza grega, se não fosse uma asneira portugueza.

Este snr. Silva (aviso aos naturalistas) dizem-

me que tem as orelhas de tamanho regular. Elle e os 2 Joaquins são tres partes de uma só cousa — *trilogia*. Aqui vão bem; cálham: são tres peças que arredondam um tolo superlativo. Ainda, no dominio grego, podéramos chamar aos tres — *triga*. (Veja um *Lexicon* o snr. Pinto). E, quando apparecer um quarto, por não sahirmos de Athenas e das analogias remotas, os quatro serão *quadriga*. Ora ahi tem gregarias em barda. Divirta-se.

P. S. Eu dissera-lhe *adeusinho*, quando fui *banido;* mas elle, mentindo e espremendo novamente o figado, espirrou um golfo de bilis negra. Faz-se mister não levantar mão das ventosas. Ou elle estuda, ou eu o esfolo.

FIM DO 5.º NUMERO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 6 — JUNHO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4
BRAGA

1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA

DA

SERENISSIMA CASA DE BRAGANÇA

I

PEDRO DE ALPOEM

(Veja a pag. 93 do n.º 3 das *Noites*)

CARTA DO DOUTOR PEDRO DE ALPOEM CONTADOR PARA O DUQUE DE BRAGANÇA

«*Muito illustre snr. duque de Bragança.*

«Obriga-me a escrever a v. exc.ª cá d'est'outro mundo de verdades e desenganos, sobre este negocio de tanta monta, e materia tão importante á honra, vida e estado vosso, e de todos estes reinos de Portugal, a memoria de um avô que tivestes muito conhecido no mundo [1], a quem em tempo tão necessitado de homens, qual elle foi na vida, por nossos e vossos peccados, succedestes no

[1] D. Constantino de Bragança.

casco da illustrissima casa, sómente, que não na lealdade portugueza, no coração real, no zelo da conservação do reino que houvereis de herdar afamado no mundo todo. Os oleiros, sapateiros, alfaiates, e os mesteres do paço vos furtaram a benção, e o lugar, mostrando-se tão inteiros, generosos e leaes n'este derradeiro termo, que Portugal fez, e com que acabou por alguns annos, como se os privilegios honrosos, ou os titulos illustres, e os morgados e reguengos foram seus d'elles, e não vossos. E como se de rei natural (que podiam ter e dar-vos) não fôra sempre o melhor quinhão o vosso, e dos mais senhores fidalgos a quem favorecia, conversava, e sabia o nome, e com quem distribuia a maior parte dos bens da sua corôa, ficando elle sómente com o estado, e titulo real, com as obrigações, e trabalhos de nos defender a todos, e governar. Porque quem vir com curiosidade as rendas da corôa, e bens patrimoniaes dos reis nas alfandegas, nos contos, e nas sizas da cidade de Lisboa, do Porto, e das mais, achará esta verdade clara, a saber: que todo o bom, e grosso estava repartido, e derramado em juros, tenças, morgados, reguengos, jurisdicções de vassallas, e vassallos, tudo desmembrado da corôa real nos senhores, e fidalgos do reino, de maneira que mais parecia o rei seu pai, ou almoxarife d'elles, que

rei, nem senhor. Oh! mal afortunados tempos! Hora infeliz, e desaventurada, e lastima para sentir! Quem de todo não perdeu o juizo com as razões castelhanas de portuguezes elches! É possivel que chegaram estes mesmos senhores de bom sangue, de bom entendimento, de sua livre vontade, e motu proprio, a escolher e a negociar por todos os meios humanos e diabolicos extinguir-se com o sceptro portuguez sua patria, nação, sua honra, fama, estados e suas mesmas casas, vencidos de respeitos, odios e interesses! Mal me parece que lhes lembrou aquella notavel resposta que o conde d'Ourem D. Nuno Alvares Pereira deu a seus irmãos em outro caso semelhante a este. O qual, tendo guerras com Castella o mestre de Aviz que depois foi rei D. João o primeiro de gloriosa memoria, e andando os irmãos d'este valoroso portuguez lançados da parte do rei de Castella, sendo commettido d'elles por parte do rei castelhano com grandes promessas, e partidos que se lançasse tambem com elles, respondeu: «Nunca Deus queira que por dividas, nem haveres eu seja traidor, nem ingrato á terra que me creou, e aonde eu nasci.» Os senhores fidalgos d'este nosso tempo por interesses, e promessas falsas, assignadas em branco, não sómente venderam sua patria, mas pregoavam, e persuadiam esta seita cas-

telhana com tanta vehemencia, elles, suas mulheres, filhos e criados; e com tanto desejo de nos verem a todos convertidos a ella, que Martim Luthero, e os outros heresiarcas que o seguiram não zelaram mais seus erros, e falsa doutrina para a verem perpetuada na igreja de Deus.

«Ora, excellente senhor, quero-vos capitular brevemente os erros gravissimos que n'este negocio commettestes, com os mais senhores fidalgos d'esta conjuração, para que vendo-vos a vós, e a elles n'este espelho claro não percaes alguma boa occasião, se a Deus der em algum tempo, de cobrardes o nome portuguez que perdestes, tanto para cobiçar, e perderes o que ganhastes, vós, e os mais por todas as nações, até com o mesmo rei, e nação a quem n'isso servistes; pois chegaram a chamar á rua onde moravam os governadores quando fugiram de Setubal *la calle de los traidores*. E não cuido que n'isto vos faço pequeno serviço, e ao bem commum.

«Primeiramente o senhor cardeal dos quatro coroados, jurado rei em Lisboa, lembrandolhe a obrigação que tinha, e perigo entre mãos de conservar este pedaço de terra que seus antepassados tomaram aos mouros, e defenderam aos castelhanos, ha perto de 500 annos, á custa de muito sangue derramado d'elles, e de seus vassal-

los em continuas guerras com uns, e com outros, em tomando o sceptro, e vendo os tempos que corriam, logo se acautelou para assegurar o reino em sua liberdade, e rei natural, com perseguir ao snr. D. Antonio seu sobrinho, e a se temer de Bragança, mandando-os afastar de si o mais que pôde, e mettendo nos braços os embaixadores de Castella, de quem se devia temer.

«Dous erros infames commetteu esta leal cidade [1] em nossos tempos que eternamente nunca lhe sahirão do rosto, se houver chronistas desapaixonados: o primeiro foi consentir, e permittir a desaventurada jornada de el-rei D. Sebastião, que no seu porto se embarcou francamente sem haver um vereador, ou mester que acudisse a isto com uma honrada e portugueza doudice. O segundo erro foi aceitar esta cidade ao cardeal por seu rei, e dar-lhe posse do reino sem mais côrtes, nem consulta das outras cidades e povos tão nobres, e mais naturaes do reino do que é a mór parte da gente de Lisboa, recebendo esta cidade por herdeiro legitimo e forçado, sendo clerigo, e impotente, podendo (já que o queria) elegel-o em nome de todo o reino por seu rei arbitrario, eleito com protestação de por sua morte (que tão perto es-

[1] Lisboa.

tava á vista) ser outra vez a eleição dos povos. Foi este tão mau conselho, e tamanho erro que bem parece faltar aqui um João das Regras que lembrasse e requeresse.

«Era este principe, como v. exc.ª sabe, irmão ultimo, e inferior em tudo a cinco que teve, e muito aborrecido d'elles todos e de seus proprios paes, de que não faltam ainda testemunhas vivas; por ser homem de baixos espiritos e condições, tençoeiro, vingativo, para pouco, tão inimigo da nação portugueza, e de seu proprio sangue que por mostrar esta natureza sua, perseguiu aos seus sobrinhos, affeiçoando-se aos castelhanos. Foi este principe guardado com vida tantos annos, depois da morte de seus irmãos, sobrinhos e herdeiros do reino, que foram vinte e tantos, para nos herdar, e governar com tantas desventuras, e mofinas que até o caso da ilha da Madeira tão affrontoso o vimos no seu governo e tempo. E para ser deshonra de todos seus avós que com tanto animo, e esforço offereceram sempre a vida e estados por nos não deixarem captivos de castelhanos, lançando ainda muitos d'elles em seus testamentos e cartas grandes maldições, e particularmente el-rei D. Manoel seu pai, a todos seus successores, se em algum tempo pretendessem alliança d'este reino á corôa de Castella, como se

póde vêr nos cartorios da torre do tombo da cidade de Lisboa, e de Evora.

«Algum pouco tempo depois, este velho cobarde e cruel, depois de ser rei, dizem que esteve inclinado a declarar a snr.ª D. Catharina, mulher de v. exc.ª por herdeira e direita successora do reino, — parece que receoso d'estas maldições ou remordido na consciencia de algum bom espirito com que Deus nos falta. Depois de encarniçado com as lagrimas que via nos portuguezes por sua má e nativa inclinação, ajudado com as prégações de D. Jorge de Athaide, o algoz da côrte, e de outros discipulos occultos do duque de Ossuna, que pela unitiva desviava, ajudando-se do padre D. Leão, do sobrinho dissoluto e da sobrinha, por evitar guerras, se mudou este rei portuguez d'este santo proposito assestando-se de maneira na devoção de Philippe, e odio dos mais pretensores do reino que nem requerimentos dos mesteres, nem lagrimas dos povos, nem desenganos de procuradores das cidades o demoveram nunca d'este obstinado intento; antes vendo que o povo punha os olhos cheio de esperança no snr. D. Antonio por sua rara humanidade, e por falta de não verem outrem, todo o seu negocio n'este tempo foi proceder contra elle com sentenças crueis, cartas, e editos infames, sendo sobrinho seu, e filho

do mais honrado irmão, e amigo que elle teve na vida, e a quem tomava por terceiro quando queria que o rei D. Manoel seu pai o visse, ou ouvisse. E para que v. exc.ª veja quão descoberto castelhano era com os da conjuração que depois se descobriu e fez, um dia, estando em pratica com alguns portuguezes elches, que trazia á ilharga, chegou a dizer que lhe pesava de uma boa somma de mil cruzados de um alvitre que applicava a obras pias, pelos não mandar gastar nos paços de Evora para que quando entrasse o castelhano (a quem n'este caso chamou sobrinho) tivesse logo na entrada bons aposentos onde se recrear.

«D'el-rei D. João o segundo se conta que dizia muitas vezes á mesa entre pratica «quem me podera fazer entre Portugal e Castella um muro de bronze que chegasse até o céo, que nem os passarinhos de lá voassem para cá, porque nenhum bem nos vem de lá, e males muitos.» Parece-vos, excellente senhor, que se este santo rei lá onde está descançando, e ainda inteiro está seu corpo, ouvira estas palavras de um seu sobrinho, e herdeiro, que ficára contente, e as approvára por acertadas?

«Estes foram seus desenhos e intentos, nos quaes continuou sempre, entretendo pouco e pouco com promessas falsas, que lhe daria prin-

cipe portuguez, e em paz até sua mortal doença, na qual fez um testamento tão catholico, tão portuguez, tão pio, tão cheio de esmolas para mosteiros, e viuvas pobres e com boa declaração do successor do reino que em quanto o mundo durar será escandalo para quem d'elle souber: porque tão escasso e cruel, tão descuidado nas cousas do reino se mostrou, deixando por sua alma como um pobre escudeiro para que tudo ficasse *in solidum* a Philippe, que chegaram até cantar pelas ruas de Lisboa e Santarem publicamente aquellas orações por sua alma que elle bem merecia, mas porém nunca ouvidas da bocca dos christãos e innocentes meninos, os quaes diziam assim:

Viva el-rei D. Henrique
nos infernos muitos annos,
pois deixou em testamento
Portugal aos castelhanos.

« Ainda que por obra isto não foi verdade, de tal maneira deixou elle estas cousas ordenadas, e sua tenção declarada aos que deixava commettido o negocio, que tinha razão o povo de lhe cantar estes louvores.

« Mas deixemos já de fallar nos escandalos que este Anti-Christo deu ao reino: porque esperamos ainda em Deus, e na sua justiça divina, que se fo-

rem vivos alguns portuguezes dos que agora andam escondidos, e perseguidos, e presos, quando Portugal resuscitar, que a sua ossada que Philippe trasladou para Belem, acompanhada das que estão em Elvas, no espinheiro de Evora, e em outras partes, sejam publicamente queimadas.

«Os cinco traidores do governo, com titulo de defensores nossos, e governadores do reino, herdando por morte d'este principe o odio que elle tinha ao snr. D. Antonio, e á nação portugueza, de maneira começaram logo, em tomando o governo, a guardar todos os respeitos a Philippe, e a seus mexedores ou embaixadores, e nenhum aos pretensores do reino, assim naturaes, como estrangeiros, que logo se viu, que dominava n'elles o humor castelhano. Por onde com infame nome que então cobraram para seus descendentes, terão sempre a culpa do nosso affrontoso captiveiro, e de todos os males que á sombra de boa guerra se fizeram, e ainda fazem n'este triste reino.

« Nem foi pequeno descuido, e pusillanimidade dos procuradores das côrtes, temendo isto d'antes, darem-lhes pacifica obediencia, reconhecendo n'elles a magestade real, porque além de n'isso abrirem mão da occasião e posse que o tempo lhes offerecia de ser do povo a eleição do rei, ou

de quem os governasse até isto se determinar, mostraram grande cobardia, vendo já n'elles o que d'antes temiam, e (tendo as costas quentes em Santarem) não os mandarem todos após o cardeal a juizo a darem conta de suas damnadas tenções: porque, á fé, se Santarem desembainhava como o tempo pedia, a carniça começára em Almeirim por estes traidores, e outros que á sua sombra estavam claramente já vistos por falsos e castelhanos, e o reino despertára, e tornára sobre si para que nunca viessemos a poder de castelhanos, nem ousariam entrar elles cá, se viram estes começos sangrentos, porque são tambem ás vezes sadios, e necessarios...

«D. Manoel de Portugal, e um Phebus Moniz requereram nas côrtes que tirassem os governadores suspeitos no governo, ou lhes acrescentassem outros cinco; mas nada aproveitou para animarem os espiritos cobardes. Confiaram de suas palavras; e que, postos em tão alta dignidade com titulo de nossos defensores, fariam como leaes o que eram obrigados á patria e á justiça; mas foi claro e grosseiro engano: por onde os traidores cobraram tanto animo de o não verem em ninguem para lhes ir á mão, e de se verem reconhecidos por suprema e real dignidade, que sem mais temerem, nem fazerem caso de côrtes, con-

tinuaram desembaraçadamente com a venda e entrega do reino como lhes ficára encommendado do rei cardeal.

«Mas para sua traição e maldade ser mais abonada e espantosa, n'este mesmo tempo começaram a metter o insolente povo em pensamentos de guerra, e defensão da patria para o desmaginarem dos temores, e desconfianças que n'elles viam. Maldade foi esta nunca vista, nem lida em historia antiga, nem moderna, porque, se nos metteram a todos nos contractos, e partidos em que andavam com Castella, fôramos rendidos, ou entregues com menos deshonras, e perdas. Porque não estava Philippe desarrazoado nos partidos, e condições que nos commettia, ainda que nunca as cumprira, como fez a elles; mas estes senhores, para melhor fazerem seu proveito com este rei estrangeiro a quem pretendiam ganhar a vontade, quizeram elles sómente com os seus parentes e amigos ser os que negociassem esta contractação para que o povo (que d'estas meadas não tinha mais suspeitas e receios) na resistencia, e defensão que fizessem lhes acrescentasse a elles merecimentos e serviços para com sua magestade. E, assim, que palliadamente se communicavam todos n'esta conjuração com cartas, e correios muito tempo antes da morte do rei cardeal. E de-

pois d'ella (que é caso de grande espanto) correndo entre elles esta linguagem de chamarem aos da conjuração *sisudos*, tendo por nescios e doudos a todos os que, não sendo da sua liga, queriam antes morrer valorosamente em defensão da patria que vêl-a entregue por traições e manhas, sem ordem nem justiça, a seus inimigos com perpetua infamia do nome portuguez, chamando aos taes por escarneo *os leaes;* de maneira que n'este tempo em que o reino ardia em motins e confusões, em temores e esperanças, suspenso e confuso do successo d'este negocio, começaram suas senhorias a ratificar mais seus ardis, e traições com mandarem cartas e provisões por todo o reino ao estado ecclesiastico em que pediam e recommendavam aos prégadores e curas das igrejas que claramente dissessem ao povo nos pulpitos, e suas estações que se animassem á defensão do reino, apparelhassem armas e fortificações nos muros, porque elles tinham já mandado prover os arraiaes, e ordenado fronteiros-móres, para o que passaram provisões a fidalgos para isso como foi a D. Diogo de Menezes na comarca do Alemtejo, D. Luiz de Portugal na comarca de Thomar, etc. E assim, com estas falsas mostras de leaes, alvoroçaram o povo a falsas esperanças de liberdade e defensão para de todo ficar perdido e aba-

tido no futuro. Possivel é que algum dos cinco governadores tivesse santo e leal intento n'este desenho; porque se affirma que alguns lhe resistiram, e que o arcebispo de Lisboa não quiz que dentro da cidade se publicasse, nem prégasse este apercebimento; mas elles todos juntos não fizeram mais n'este negocio da liberdade portugueza que o acima dito, sem metterem mais cabedal ou fazerem mais despezas para este effeito que de papel e tinta. É certo que cuidaram que assim como Philippe com estas armas conquistára a elles, e aos mais fidalgos do reino, assim tambem com papel e tinta nos defenderiamos dos tudescos e italianos que elle trazia enganados, havia dous annos, para o metter em Portugal.

«Tinha entendido este cobiçoso rei por espias allemãs que cá mandou reconhecer os fortes do reino em vida do cardeal-rei [1], que sómente para bater os castellos da raia, se n'elles houvesse de entrar, havia mister gastar toda a sua fazenda em polvora, porque se não tivesse por si todas estas achegas, a saber: armas, polvora, chumbo, tirando-nos tudo isto a nós n'este tempo, só Elvas

[1] Em um dos seguintes numeros daremos traslado da conta que os espias deram a Philippe II do seu exame em Portugal.

com seu termo (aonde ha perto de quatorze mil homens de pé, e de cavallo) bastava para nos Olivaes, antes de chegarem os castelhanos a bater nos muros, lhes consumir todas as suas forças com a arcabuzaria portugueza. Os traidores dos governadores os seguraram d'este perigo.

. . . .

«Chegaram estes traidores a tanta cegueira e desavergonhamento, que, tendo jurado todos não tomar voz por algum sem se dar primeiro sentença pelos letrados deputados na causa, avocaram a si, e intentaram de que vindo a Setubal ser juizes em caso tão grave, tão duvidoso, e dar sentença por Philippe, para este fim se partiram de Almeirim para Setubal, porto de mar, convocando a ella os mais fidalgos da conjuração assim leigos, como ecclesiasticos, a saber: o meirinho-mór, D. Antonio de Cascaes, D. Fernando de Linhares, D. Jorge de Athaide, o bispo Pinheiro, e outros muitos que seriam perto de quarenta fidalgos conhecidos [1]. Mandaram logo fechar todas as portas da villa de pedra e cal da grossura do muro, deixando sómente duas abertas com guarnições de soldados postas n'ellas para que não en-

[1] Provavelmente os avós dos quarenta fidalgos da restauração.

trassem dentro senão os da conjuração. N'este tempo o conde portuguez do Vimioso (herdando o espirito do conde D. Nuno Alvares Pereira, seu bisavô) que em Almeirim tinha já visto suas traições, os veio seguindo muito á pressa para vêr se podia impedir tanto mal quanto se temia. O que entendido por elles, antes do conde chegar, mandaram dar rebate ao traidor Diogo da Fonseca, seu guarda-mór na mesma villa, que por nenhum modo o deixasse entrar dentro. E assim o esperou ás portas com murrões accesos para lhe defender a entrada; mas, antes d'elle chegar, vendo estes traidores que o povo da villa sabia isto, e se começava a amotinar por parte do conde portuguez, em que escorava grande parte de suas esperanças, tornaram a mandar recado que deixassem entrar, em tempo que elle já vinha pelos arrabaldes. Depois, entrado na villa, e vendo que este conde portuguez com alguns procuradores das côrtes, que á sua sombra se foram tambem lá, para lhes resistir a seus maliciosos intentos de quererem ser juizes, e dar sentença, e que não podia isto ser pelas razões, e embargos que lhes punham, usaram de outra invenção e ardil não menos desaforado que o primeiro, querendo avocar a causa e litigio da successão do reino a votos dos que então se achavam presentes; e por-

que os procuradores das côrtes que ahi se achavam, á sombra do conde, eram leaes e muitos, determinaram de reduzir n'este conselho e eleição os votos dos tres estados — a saber: ecclesiasticos, fidalgos, e procuradores dos povos a numero de tres votos sómente, dizendo que não era tempo para mais vagar (por ser já Elvas entregue a Philippe) senão de votarem todos Portugal, ou Castella, por favas brancas e negras, os tres estados cada um por si; e, para onde prevalecessem os dous estados nos votos, assim se fizesse. E porque tinham por si os votos dos fidalgos, ao conselho acrescentaram alguns homens novos a saber: Bernardim Ribeiro, e outros por se segurarem mais n'este voto. Tinham tambem pela segunda liga o segundo voto que era o do estado ecclesiastico presente que era o arcebispo de Lisboa e capellão-mór, D. Jorge de Athaide, o bispo Pinheiro; o terceiro voto a que tinham reduzido todos os procuradores dos povos não lhe fazia mau jogo, ainda que votasse, por Portugal. Esta panella assim mexida por D. Christovão de Moura, e proposta no conselho pleno, não pareceu bem aos leaes. E logo o conde portuguez acudiu, e resistiu a ella com os procuradores de sua tenção, protestando que a tal eleição não seria valiosa, e que em caso tão grave, e tão importante a todo o

reino, já que o não queriam deixar nos pareceres dos letrados, senão dos votos, que mandassem primeiro chamar os mais procuradores, e senhores do reino para que o que alli se accordasse e resolvesse fosse com consentimento e contentamento das partes. Mas como estes traidores do governo, e fidalgos da conjuração estavam de muito tempo penhorados por Castella, e não sómente na villa, mas tambem nas mesmas casas do duque de Aveiro em que se mostravam com muitos mosquetes, polvora e pellouros para fazerem a sua mais a seu salvo, esperando d'hora em hora pelas galés de Philippe que tinham mandado vir para este intento, a nenhuma cousa se demoveram pelas protestações, e requerimentos que lhes foram feitos sobre este caso, estando tão enfadados da tardança que as galés faziam em chegar, que se ouviu um dia esta palavra ao turco D. João Mascarenhas indo pela varanda que mandou tapar por se temer de algum pellouro bem merecido: «Ah! Philippe, que assim és vagaroso!» E como Deus não queria que o innocente e leal povo ficasse embaraçado na consciencia com a sentença e abominavel eleição do rei, cursaram tantos nortes e tão rijos todo o tempo que elles esperavam pela armada, que, depois de muitas consultas e confusões de accordos, que houve um

um dia o de apunhalarem quasi todos os do conselho o conde portuguez.

«Deixada a traça da sentença seguiram a da eleição, determinando fazer este auto solemne dia de S. Pedro e S. Paulo, que era d'alli a dous dias, para que então se declarasse; e, sahindo os dous votos dos dous estados por Castella, como tinham por sem duvida, acolheram-se todos a uma galé e caravella da armada que tinham mandado vir de Lisboa a qual tinham já apparelhada na bahia de Setubal. N'este mesmo dia mandou o conde portuguez recado ao benigno rei D. Antonio que já era entrado e recebido em Lisboa, que acudisse logo antes de se concluir a traição; o qual sabido logo pelos mesmos da guarda dos paços, e pela gente leal que havia na villa, começaram de se amotinar com gritos e ameaços publicos no Sapal, defronte dos traidores, e tal que elles houveram por seu accordo vêr se podiam pôr-se em salvo, e assim determinaram n'aquella noite seguinte se embarcarem, deixando tudo em aberto para pôrem sello a suas traições. Não pôde isto ser tão secreto que tambem se não entendesse dos soldados que logo os começaram a vigiar; e recearam de maneira que, em anoitecendo, com muito risco de suas vidas, e tanto que um se deitou por uma corda, outro se vestiu em um chiote,

e se acolheu sobre um asno, os mais buscaram mil invenções baixas, como elles eram dos espiritos, para se irem embarcar. Estes foram Francisco de Sá, alcaide-mór do Porto, D. João Mascarenhas, capitão que foi do segundo cerco de Diu, Diogo Lopes de Sousa, governador da casa do civel. Os da villa vendo já com os olhos a traição, e engano em que os traziam, bramiam como leões, desejando dar-lhes o pago de seu bom governo e lealdade. A este motim acudiu o conde portuguez com animo de christão, e leal como sempre o teve, o qual por muitos justos respeitos impediu não se fazer carniça, entretendo com razões o impeto dos soldados por largo espaço da noite até se pôrem em salvo, e se embarcarem; porque, se elle não fôra, todos os da conjuração houveram de pagar aquella noite o que deviam á patria, porque parece que de proposito os trazia alli seu peccado juntos ao talho.

«Não faltou quem dissesse que o conde errava n'isto; mas a sua razão convenceu a todos n'aquelle tempo, dizendo que mais fazia a nosso caso fugirem elles que não matal-os em terra, o que soaria mal a quem desapaixonadamente visse este negocio. Basta que os salvou, e deu passaporte por terra a D. Christovão de Moura para se pôr em salvo.

«Bem visto fica n'este breve summario quaes foram os traidores em seu officio e dignidades. Não fallo em D. João Tello porque, quando se foi juntar com elles em Setubal, em uma galé que tomou em Lisboa, entrando pela barra, sabendo os quatro do governo que elle era o quinto, o mandaram servir de bombardas arrazoadamente da torre d'Outão, por não ser da sua tenção a liga. Depois que o viram entrado pelas boccas dos tiros, e isto visto e sabido pela villa, soffreram-no por dissimularem até que seu peccado os levou de mar em fóra, onde andaram em calmaria dous dias á vista da villa, desmaiados, olhando se iam os da terra prendel-os. Este só governador se foi quietamente para sua casa por ser portuguez, onde morreu, dizem que de paixão de vêr as injustiças dos traidores.

«No principio d'esta conjuração já espigada, se foi v. exc.ª a Almeirim, quando o rei-cardeal descobrira sua tenção por Castella. E logo depois a snr.ª D. Catharina com grande estado, e capella de musicos, acompanhada com alguns poucos de ceifões enfronhados em libré de soldados de guarda de vossa pessoa. Já então as cousas eram taes, que para responderdes a quem ereis, e ás obrigações do estado bragançào, não sómente não vos houvereis de temer, e ir medroso, mas ser

tão temido, e entrar na côrte com um brio portuguez, e com um coração tão grande, que assombrasse o cardeal, e matasse por dentro a todos os traidores que lá andavam; e entretivesseis vossos vassallos todos apparelhados a som de guerra, e postos a piques para toda a desordem, e traição que visseis, ou no rei-cardeal, ou nos pretensores de que vos receaveis. Porque, fallando desapaixonadamente, vós só com vossos parentes, criados, e vassallos tinheis bastantes forças para receber todo o poder, que Philippe tinha apparelhado contra nós, e para obrigardes ao duque d'Alva a uma retirada muito affrontosa. Mas faltou-vos o coração do conde D. Nuno Alvares Pereira, vosso quarto avô. Não sómente nada d'isto fizestes, senão, quando o snr. D. Antonio, — apesar de aborrecido, desnaturado e perseguido não sómente do cardeal-rei seu tio, mas tambem dos traidores do governo, depois de sua morte d'elle — com animo real que herdára do infante D. Luiz, seu pai, se determinava defender-nos da ambição dos estrangeiros, e traição dos naturaes, arriscar sua vida, e estado na defensão do reino, antes que soffrer desordens na justiça da successão, e que todos os partidos honrosos vos fazia á conta de lhe seres companheiro n'este santo proposito, nunca jámais o póde acabar comvosco

por mais que visseis os inimigos entrados pelo reino, e tomarem-vos os vossos aposentos de Villa Viçosa, e armazem d'armas; antes para a vossa culpa ser causa mais de proposito, depois de desenganado de vossas esperanças reaes mais parvoas, dadas pelos traidores do governo, os deixastes em Setubal, e vos fostes a Portel ter consulta com os condes de vossos parentes do que fazieis, estando já as cousas sem remedio: bem se vos podéra dizer n'este tempo: «Asno morto, cevada ao ...» Em vida do cardeal-rei devérieis de cuidar em vós, e em nós. O estupido do conde lavrador, e o arabe do arcebispo de Evora, e o raposa do commendador-mór com os mais que se acharam presentes n'este vosso conselho, como havia muito tempo que estavam feridos da peste castelhana, e peitados a seu sabor com Philippe, accordaram em relação que vos lançasseis de fóra do jogo, e visseis os touros de palanque. Pela primeira lei de Solon atheniense, perdida tendes a casa, e estado só por esta culpa. Mandava esta lei, que quem nas dissensões e nos motins da cidade se não lançasse de algum dos bandos e parcialidades, esperando ser de viva voz quem vença, pelo mesmo caso lhe fossem confiscados todos os seus bens. Nada d'isto tivestes; antes, conforme ao conselho, que vos deram, e tomaram

para si estes senhores vossos parentes, vos deixastes ficar n'essa vossa villa desviada, que era o que Philippe desejava e vos pedia. Com esta invenção tomou o turco Asia, Africa, e muita parte da Europa, pondo-se os reis christãos á mira quando este tyranno fazia guerra a algum d'elles. Assim tomou Hungria, Bohemia, o imperio da Grecia, Rhodes, etc.

«N'este tempo que v. exc.ª se apartou do bem commum, olhando sómente para si, o mesmo povo padecia a ultima desaventura de ferro e fogo, sem ter armas, nem resistencia por todo o termo de Elvas, Olivença, Estremoz e todos os outros lugares do Alemtejo. Não quero particularisar mais as culpas de v. exc.ª por não afrontar mais os ossos de quem come a terra.

«Os fidalgos, morgados, e commendadores que em todas as idades foram os nervos da republica, e por esta causa tão privilegiados, e venerados do povo, d'elles (ainda que poucos) se foram para o snr. D. Antonio depois de levantado em rei, para segurar o jogo de ambas as partes, fazendo d'alli o seu negocio com elle, e com Philippe, cosendo a dous cabos (como já fez Veneza muitas vezes em liga da christandade, escrevendo, e dando avisos ao turco contra a liga, e a liga contra o turco). Assim o faziam estes senhores,

pendendo ainda mais n'isto para Castella; e tanto, que era grande vergonha, e espanto vêr as cartas que se tomavam cada hora, as espias dos fidalgos portuguezes que andavam á ilharga d'este vencido rei, e entravam em seus conselhos de guerra; outros eram capitães d'armada, que tambem foi vendida tantas vezes, que se cada dia se tirava um capitão-mór, e se punha outro para não o arrematarem, o que não aproveitou nada; tanto assim que o derradeiro capitão (Gaspar de Brito d'Elvas) que era leal, o qual pela não querer vender, o venderam a elle os capitães, ainda que escapou da morte.

« Os outros fidalgos em geral, tirando os criados, inda não todos, d'este senhor rei eleito, parecendo-lhes ainda mau conselho de se arriscarem a alguma desgraça da guerra, e terem comprimento com sua patria sequer nas mostras de fóra, como todos estavam mettidos na conjuração castelhana, e assegurada sua fazenda, e mercadoria, tomaram o conselho que v. exc.ª tomou para si, escondendo-se pelos mattos em recintos, em bandos, como zorzaes [1], esperando ouvir novas do mundo, como se conta de um esforçado em uma galé, que escondendo-se na escotilha, ou coberta

[1] Tordos ou estorninhos.

ao tempo da briga, depois de acabada, perguntou de lá: «Levam-nos, ou levamol-os?»

«Outros, depois de tomado Cascaes, batendo-se já a torre de S. Gião, ouvindo-se os tiros em Lisboa, se esconderam dentro na cidade com tanto segredo e resguardo para não serem chamados; e obrigados a acudir a tão extrema necessidade, como padecia o reino, chegaram a mandar fechar as portas de pedra e cal das casas onde se escondiam, mettidos com armas, e cavallos dentro em casa, dando-lhes os seus de comer por janellas de noite, parecendo-lhes que quando os reis, e republicas instituiram os grandes, os fidalgos, e morgados, que foi para comerem, e vestirem melhor, para jogarem mais grosso, e para terem muitos criados para lograrem as delicias do mundo; e que, quando viesse o tempo da guerra e do trabalho, não tivesse n'elles a republica braço e columna para se defender e onde se encostar.

«As escusas que elles davam n'este caso são para aceitar. Diziam estes senhores que não podiam em boa consciencia seguir ao snr. D. Antonio, porque era um alevantado, e filho não legitimo. Não attentando, que andando em prova a sua legitimidade, o alevantou em rei a leal villa de Santarem em nome de todo o reino, tendo já Philippe tomado com a mão armada Elvas, Oli-

vença, Campo Maior, e Estremoz, não como alevantado pelo povo, mas como tyranno, a quem elles seguiam sem nenhum escrupulo. Tambem diziam, que o poder de Castella era tão grande, que tocava em doudice querer-lhe resistir. A isto respondem os contemplativos que não nascia d'aqui a tosse. E porque fallemos portuguez claro: saberá v. exc.ª por que não queriam pelejar, nem defender o reino, e andaram com estes contractos e traições? Foi fina cobardia, e puro medo, que os mais d'elles trouxeram mettido nos tutanos, da destruição, e captiveiro d'Africa, medo que damnificou o mui esforçado e invencivel rei D. Sebastião de saudosa memoria; elles o desampararam, e entregaram aos alarves com suas judiarias, chamando-lhe doudo, e temerario, pondo-lhe todas as culpas que quizeram, por encobrirem as suas, que a verdade é esta; elle os conhecia muito bem, e tinha na conta que elles mereciam; mas não lhe lembrou, em tempo que lhe ia mais a vida e honra. Era este um rei a quem se não póde negar muito esforço, e muita liberalidade, muito boa conversação, ainda que os padres da companhia o crearam fóra d'isto, e mancebo de muito raro entendimento; e, se os fidalgos que com elle foram, o acompanharam ajudado com o animo e esforço que n'elle viram, pele-

jára dobrado, ou a victoria fôra nossa, ou a desventura não fôra tanta. Mas como estes senhores não sabiam mais que rasgar sêdas, lograr perfumes da India, aguas estilladas, passear as damas, inquietar donas virtuosas e honestas, andar com a barba no ar, soberbos mais do que Lucifer, cuidando que n'isso estava o ponto e ser da fidalguia, indo armados d'esta côr e tenção mais para bodas que para brigas: em vendo o campo do Maluco, arraiaes calmosos, e armas pesadas e desacostumadas, logo esmoreceram, cahindo-lhes o coração aos pés. Pelo que, ao primeiro *S. Thiago* que se deu, elles foram os primeiros que mostraram as costas aos mouros, voltando á redea solta com tanta desordem e cobardia, que o esquadrão dos aventureiros, ou desaventurados, de pé, á custa da vida lhes deu lugar, e elles deram principio a todo o mal e destruição, que logo se seguiu. Esta é a verdade pura e clara; o contrario é quererem cobrir o céo com uma joeira, tapar a bocca aos soldados, e pôr a culpa ao rei. Digam isto aonde se não sabe como elles se cruzaram diante dos mouros, mettendo-se debaixo das carretas; sem algum esforço, e valentia de leaes portuguezes, deixaram seu rei em Africa, sem saberem dar novas d'elle, rendendo-se por captivos de negros desarmados. No captiveiro

houveram-se tão vãos, tão deshonestos, tão insensiveis de sua honra, e fidalguia que muitos d'elles aceitaram resgate dos embaixadores de Philippe com vergonhosos partidos sobre a successão do reino, que já começavam a vender.

«Este mesmo ser e fidalguia tiveram na derrota de Alcantara, a saber: escondendo-se, fugindo em tempo que seus avós se podiam desejar vivos para lancearem castelhanos, e os lançar fóra do reino. Por onde digo a v. exc.ª que podemos affirmar com muita verdade que se acabou já a fidalguia de Portugal; e, se Deus der n'elle rei natural, poderá com justiça, e com boa consciencia fazer o que fazia Lycurgo, e faz o grão-turco hoje em dia, que é tirar-lhe os contos de renda, os morgados, e privilegios, arrazourando-os com os mecanicos, e começar-se outra enxertia de fidalgos, fundada em merecimentos pessoaes, sem opinião de gerações, nem appellidos, porque os *Castros*, os *Menezes*, *Mellos*, *Mascarenhas*, *Tavoras*, *Barretos*, etc. [1], já não dão fructo senão de baixezas, cobardias, deshonestidades, e pouca christandade; e se alguns ficaram bons, o nome e appellido se lhes houvera de tirar. Não fallo nos portuguezes *Coutinhos* e *Britos*, a quem pelos

[1] Todos os fidalgos d'estes appellidos arrebanharam as melhores commendas em tempo de D. João IV.

honrar dou lugar entre os negros, em quem se achou tanta lealdade e esforço, que até a torre da polvora em que estava a nossa defensa se não fiou senão d'elles, e acompanharam o snr. D. Antonio até de todo se perderem em Vianna. O povo, cuja voz se chama *vox Dei*, ainda que nunca foi ouvido, conservou a fé portugueza nas côrtes, e fóra d'ellas com pacto, esforço, e desejo, pedindo, e buscando guerra: até as mulheres (que parece cousa de espanto)! porque a ellas só vinha o mór mal d'ella.

. . . .

« Os inconvenientes que se seguiram dos nossos governadores e fidalguia portugueza ser isto que v. exc.ª vê, e de el-rei de Castella ser tão comedido, e sujeito á razão, são os seguintes. Primeiramente: se seguiu entrar o turco lutherano duque d'Alba em Lisboa com tanta crueldade e deshonra nossa, que, chegando a Alcantara, com menos de dezeseis mil homens, todos irmãos, visinhos e companheiros, nos rompeu, e deshonrou a todos para sempre, não por forças suas, mas por traições dos corruptos, por promessas, dando o saco tres leguas de termo, com duas que tomaram mais os soldados, estando por causa da peste a mais gente e fazenda derramada pelas quintas fóra de Lisboa. Entrando as suas

galés pelo rio, e soldadesca pelas ruas com tanta crueldade, disparando no triste e rendido povo toda a mosquetaria, e artilheria do mar: indo n'este tempo muitos contentes, triumphando entre elles de sua patria, e nação nas galés — a saber: Diogo Lopes de Sequeira, D. Antonio de Cascaes, Luiz Cesar, e outros muitos arrenegados, de volta com os leaes, a quem o traidor castelhano tinha passado provisões de marquezados, condados, e contos de renda por este serviço, tão custoso não sómente ás pessoas, mas tambem á honra d'estes senhores que lhe entregaram o reino. Mas, assim como estas provisões foram assignadas em branco, tambem foram despachadas em branco; porque lhes sahiu em despacho na mesa da consciencia (qual Deus sabe) que não era Philippe obrigado a cumprir estes assignados; mas a v. exc.ª como principal parte n'este negocio, como verdadeiro, e legitimo herdeiro d'estes reinos, segundo dizem e assignaram alguns juristas doutos, despachou este seu rei muito bem com lhe fazer uma mesura muito bem feita em Elvas, quando lhe foi beijar a mão, e renunciar todo o direito que tinha no reino, e com o acompanhar até á porta da sala, e com lhe lançar depois o habito *del tuson* em Thomar, que é de mui grossa renda, e estados, mas pago em *panem nostrum quotidianum*, e

em uns poucos de maravidis para vinho, e façame mercê que não mande cada dia recadar esta ração do paço com muita humildade como cavalleiro *del tuson*, como lhe mandou dizer um dia em Abrantes o mantieiro, ou vedor por um descuido que n'isto teve. Outra mercê fez a v. exc.ª de condestavel do annel d'este reino que santa gloria haja; outra lhe fez muito maior em o ter na reputação que v. exc.ª merecia pelo seu fraco juizo.

« Os mais senhores, e fidalgos, de presumir é que tambem Philippe usou com elles d'esta magnifica liberalidade castelhana. Porque a D. Antonio de Cascaes fez o mesmo que a Tristão Vaz em satisfação de lhe entregar a mór força do reino, e renunciar quatro mil reis de juro que el-rei D. Anntoio lhe tinha dado por provisão.

« Fim das razões: já v. exc.ª, e os mais da conjuração começam a vêr o erro, e desconcerto seu, e dizem entre si pela bocca pequenina: « Soffranol-o, pois o quizemos. » Quando isto virem, lembrem-se quanto differentes na verdade e liberalidade eram os despachos e mercês dos reis portuguezes, naturaes de Portugal; pois com terem tão poucos contos de ouro, as viuvas dos seus criados, os orphãos, os fidalgos pobres, em gemendo, eram ouvidos, e despachados como filhos; se agora, estando o rei á porta, os despachos de tão

grandes serviços pessoaes, são os que vêmos, quaes serão depois que virar as costas? Que farão os tristes que vieram da India, ou de Africa com serviços de paes, dos irmãos mortos, e com vida gastada? irão caminho de Madrid, e Toledo rogar por terceiros castelhanos que não sabem o que isto custa. Este é o primeiro inconveniente que succedeu n'este caso.

« O segundo erro foi ficarmos captivos e escravos da mais soberba, odiosa, e aborrecida nação que ha no mundo todo; não sómente aos portuguezes a quem foram em tudo inimigos; e, não sem muita causa, tem esta má nação tal fama, porque se tem isto claramente visto no caso de Lisboa, e das mais terras por onde o arraial passou; a saber: fizeram todos os roubos, estupros, e adulterios, homicidios, e tyrannias, desaforamentos, commettidos por castelhanos de nação, sendo n'esta parte mais comedidos, e humanos os tudescos, e allemães. Sómente os castelhanos fizeram tantas affrontas, crueldades, sacrilegios a homens nobres, a mulheres honestas, a religiosos desarmados, até nas igrejas, e mosteiros de freiras, como se viu na igreja de Bellas, no mosteiro de Monchique, e Vairão [1]. Muito melhor nos fôra

[1] Em nenhum livro, ou ainda tradição oral se nos deparou esta novidade.

morrer mil mortes, que vêr, nem chegar a taes tempos. Basta que cumpriram seus desejos nossos inimigos capitaes, e chegaram a nos dizer nas barbas com muito gosto, e soberba quando nos viam tristes: «Teneis de tragar este bocado.» E de tal maneira nos tem o pé no pescoço que nem para chorar nossas desaventuras nos dão licença; e, se não fôra estarem ainda as cousas no ar, sem assento, já os desterrados com titulo de despacho houveram de ser tantos os occupados nas guarnições de Flandes, Napoles, e Italia, que se não vira já mais portuguez de capa preta andar pelas ruas como se costuma em Galliza.

«O terceiro inconveniente não menos para sentir que os outros, o qual vai ainda em crescimento, é que as donas illustres, e as fidalgas portuguezas tidas sempre em tanta veneração, e respeito dos estrangeiros, acreditadas por todo o mundo por muito castas e honestas, até nos vestidos, vencidas da cobiça dos *reales*, ou da desenvoltura dos castelhanos, esquecidas de sua fama e honra, e do sentimento que devem ter da desenvoltura de sua nação, maridos, e parentes, tão desenvoltamente os namoram, e se lhes entregam, que disparam em mulheres de mancebia, que em outros tempos se estranhava muito, e que n'estas senhoras se vê agora publicamente. Já não po-

dem vêr portuguezes, nem os proprios maridos. São tantos os adulterios, e deshonestidades suas, que os mesmos castelhanos e italianos andam espantados d'ellas, que chegaram a dizer que se não podiam defender d'ellas, e que elles eram os acommettidos. As visitações do arcebispo de Lisboa mofinas são taes que já chegou um cura a nomear algumas fidalgas por publicamente amancebadas com castelhanos. Na noite de S. João d'este desaventurado anno de 81, se acharam algumas senhoras mão por mão com os castelhanos a vêr as fogueiras. Tambem vão já tomando posse das carroças de Roma, e das carretas de Sevilha como cortezãs de Castella. Os casamentos com soldados picaros foram infinitos nas estações das igrejas de Lisboa. Deus nos livre dos males, que estes nos vão ameaçando, para que antes d'estes lançarem raizes, tenhamos rei natural e portuguez, e que nos ponha com Castella no andar em que estão os chinas com os tartaros, dos quaes affirmam que fizeram um muro por arraia de trezentas leguas quasi, ou como estamos com os mouros nos lugares d'Africa fronteiros, e para isto se effectuar suavemente, inspire Deus no peito de v. exc.ª, e dos mais senhores fidalgos d'este reino animo, esforço e lealdade para que se ao diante houver alguma occasião de se restau-

*

rar a liberdade portugueza, ainda que seja com o soccorro de turcos e mouros, o aceitem, e lancem mão d'elle; pois que, se o não fizerem assim, estou já vendo que perderam todos seus estados, a patria, e muitos a vida. E sentirei muito como portuguez leal saber lá na outra vida, para a qual estou já de caminho, que defendem os meus naturaes com mór esforço seu captiveiro (mandando-lhe Deus remedio), do que mostraram em defender sua liberdade.

«Muitas cousas das que n'esta carta vão, vi com meus olhos, antes de condemnado a tratos, pelos quaes o lutherano de Paulo Coelho, meu natural, e oppositor em Coimbra mandou pagar dinheiro aos que m'os davam, e depois me sentenciaram que fosse degolado por final sentença, que meus inimigos deram contra mim por amor de meu rei e patria; parte d'estas cousas vi cá em revelação, e outros muitos males que aos principaes d'este reino estão ameaçando, cujos nomes não digo, porque cedo sahirá um rol geral dos portuguezes herejes, e arrenegados, juntamente com os dos leaes na fé catholica de sua patria e nação: para que, quando Portugal resuscitar, e Deus der n'elle rei natural, se saiba na santa inquisição futura da lealdade portugueza a seita erronea que os maus seguiram, e se faça

justiça d'elles, e de suas fazendas conforme as santas leis d'estes reinos, ao qual Deus tem promettido de conservar eternamente. Dada no Seio de Abrahão a 20 de junho de 1581.

PEDRO D'ALPOEM.»

OS SALÕES

CAPITULO III

VOX POPULI

A definição mais exacta da democracia é chamar-lhe o reinado da justiça.

. . .

Il n'y a que deux choses qui puissent sauver la société: *la justice, et la lumière.*

BASTIAT.

O papel do veterano e operario dizia assim:

«O que é a democracia?

«É o governo do povo pelo povo — é a omni-

potencia soberana de toda a nação — é o predominio do poder popular em qualquer governo.

«Quanto mais um estado social se aproxima do ideal da justiça, tanto mais se confundem os interesses particulares com os interesses publicos.

«A democracia é, entre todas as fórmas de governo, a que melhor corresponde ás exigencias da verdadeira justiça social.

«Mas não nos illudamos. Estudemos-lhe os perigos, e evitemos-lhe os inconvenientes. Para que um paiz verdadeiramente democratico possa crescer, engrandecer-se e prosperar, carece de certas e determinadas condições. A democracia nunca surgiu, nem se manifestou na infancia das sociedades.

«Pelo contrario — a democracia exige uma civilisação largamente desenvolvida, a completa ausencia das classes privilegiadas, a exclusão absoluta da nobreza hereditaria, uma certa homogeneidade nas populações, uma grande diffusão de luz — pela instrucção —, o desejo real da paz interna, e externa, e a intelligencia, e o trabalho, como unicas fontes da riqueza, da prosperidade, e da consideração publica. São os perigos, e a morte inevitavel da democracia os privilegios das castas, o espirito de conquista, a ignorancia, a

ociosidade, e a falta de educação em todos os ramos, e nas diversas aptidões de todos os homens, que compõe uma nação.

«Os erros, e os vicios que sepultaram as republicas da antiguidade servem-nos de luzeiro, e são o pharol, para nos indicarem as condições em que a humanidade deve viver, nos rasgados horisontes do futuro.

«Não se illudam com a Roma pagã. Nunca conhêceu a democracia — nem nas preconisadas fórmas tribunicias da republica, nem nas grandezas, e no fastigio do imperio.

«As republicas podem ser, e algumas d'ellas teem sido, excessivamente aristocraticas.

«A democracia não póde nunca estabelecer-se em Roma, por diversas e ponderosissimas causas.

«De passagem mencionaremos algumas d'ellas.

«Durante cinco seculos, foi o governo de Roma a guerra declarada ou latente, entre dous corpos sociaes inimigos. Era o antagonismo das classes, era o espirito de conquista, era a falta de homogeneidade nas populações, era a variedade de crenças, era a hedionda e asquerosa ociosidade das massas, era a escravidão, repugnante e execranda, decretada na lei, era a ignorancia do

povo, que o trazia submerso nas trevas espessas da peor das servidões, e que lhe abria abysmos na consciencia. Ora, a desigualdade de cultura intellectual é a agonia lenta da democracia, e a arma mais poderosa da ignobil tyrannia do poder.

«Alumiemos o tugurio do proletario, levemos a luz da instrucção até ao antro mais recondito da desgraça.

«Que as ondas de luz se diffundam, emittidas pelas ultimas classes sociaes. Todos os despotismos fugirão espavoridos, porque são elles, na sua pueril tyrannia e oppressão teimosa, os escravos das ridiculas e insustentaveis tradições de épocas que passaram.

«Interroguemos o seculo.

«Perguntemos aos democratas: quem sois?

«Somos milhares de familias, menos algumas — a classe media, e a nobreza — que queremos um regimen de igualdade, em que honradamente possamos viver do fructo do nosso suor, sem olhar com inveja nem despeito para o patrimonio de ninguem. Vós, as classes privilegiadas, vós, que vos dizeis distinctos pela casta, pela raça, pelos nomes que sabeis de vossos avós, tendes arvores genealogicas, e apresentaes-nos pergaminhos carcomidos pelos seculos.

« Nascemos nós hontem por acaso?

« Vimos de tão longe como vós. Dizeis-vos catholicos por excellencia — pois estudai, no genesis biblico da vossa crença, a origem de todos nós. Os nossos brazões não datam de nenhum salteador afamado, que responderia hoje, se existisse, em audiencia criminal, e soffreria, pelos seus feitos e façanhas, a pena de prisão cellular ou de degredo para os climas africanos. Os nossos titulos de nobreza não os devemos a complacencias cortezãs, nem á officiosidade torpe e obscena de alguns avoengos, derreados junto dos thronos, a levar da ante-camara para a alcova as Messalinas, Pompadours e Dubarrys, que não sabiam, nem sabem resistir á lascivia e impudicicia dos reis. Não foi nos prostibulos, nem nas encruzilhadas, que calçaram os nossos avós as suas esporas de ouro. Cingiram elles, com mais lustre e gloria, a espada de cavalleiros. Vem de mais longe os nossos brazões, e estão gravados, por fórma indelevel, na superficie do globo.

« Quereis vêl-os? Examinai-os. Os titulos nobiliarchicos, que possuimos, datam do primeiro homem, que cavou o solo, que accendeu o fogo, que descobriu e bateu o ferro, que sulcou a terra com a relha do arado, que desenterrou e fun-

diu metaes, e que devassou, no primeiro fragil lenho, as vastas solidões do oceano.

«Fomos nós que metamorphoseamos este globo, triste, arido e deserto, n'um paraiso esplendido e animado. Creamol-o segunda vez, para cumprir a palavra de Deus, que nol-o deu para este fim: *ut operaretur eum.*

«Se os céos celebram a gloria do Eterno, se, como clamava o psalmista, o firmamento annuncia e proclama as obras do Senhor, a terra — que é a nossa obra — narra a nossa propria gloria.

«Fomos nós que lhe fendemos a crusta, que a semeamos, cultivamos, aformoseamos, cobrimos de monumentos, que, como perolas desenfiadas, rolaram pela vastidão das campinas, e que lhe demos, como cinto da sua propria formosura, essa rêde infinda de estradas e canaes, que se cruzam, e estendem por toda a amplidão da esphera terrestre. Fomos nós que descemos ao centro das suas entranhas, para lhe extorquir os seus inapreciaveis, e inexhauriveis thesouros. Não ha flôr, que desabroche nos campos, não ha espiga, que se erga robusta, em toda a vastidão da cultivada leziria, não ha fio de linho, nem de algodão, nem de sêda, não ha lamina de ferro, de ouro, ou de platina, não ha pedaço de pedra,

prancha de madeira, capitel de columna ou mastro de navio, que não conserve o cunho das nossas mãos, e o perfume do nosso amor. Sim, o perfume do nosso amor — porque o trabalho é a oração — e o perfume do nosso amor é o incenso e a myrrha, que acompanham as nossas offerendas ao Eterno.

«Subi da galeria subterranea das minas até á cupula das sumptuosas basilicas, e das cathedraes mais augustas e imponentes, sahi das elegantes capitaes da civilisação moderna e devassai as praias selvagens mais longinquas, encontrareis, em toda a parte, os passos dos filhos do povo: *a democracia*.

«Somos o lavrador, que prende os bois ao arado, e que sulca a terra laboriosamente — o nosso insaciavel e inesgotavel thesouro. Somos o segador, que ceifa o trigo, nas ardentes, e afflictivas calmas do estio; o robusto ceifeiro, que corta, nos prados, esmaltados de papoulas e boninas, o alimento constante dos rebanhos; o vinhateiro, que poda, empa, e cava a vinha; o navegante, que se afadiga em transportar os artefactos da creação humana; e o commerciante, que leva e faz circular em todas as zonas habitadas — como o sangue nas arterias — os succos da terra, e os productos das mais variadas industrias.

«Nós somos o operario curvado sobre o tear, o mineiro, que vive soterrado, e arranca das entranhas da terra o carvão, que alimenta a machina, multiplicando os productos; o ferreiro, que forja e bate o ferro; o carpinteiro, que aperfeiçoa e adelgaça a viga; o pedreiro, que abre os caboucos, e levanta os muros do edificio; a fiandeira, que estende na roca a estriga de linho; o tecelão, que faz o panno, transformado em enxoval da familia; o soldado, que vela nos limites sagrados do solo da patria; e o marinheiro, que atravessa os mares, levando bem alto o pavilhão, que é o emblema d'um povo, e o estandarte sacrosanto do seu paiz.

«Nós somos tudo. O nosso nome é *legião.*

«Somos nós, que nutrimos, vestimos, e abrigamos a humanidade, e que lhe damos a paz, a abundancia, o repouso moral, e a tranquillidade pública. As artes, que alindam, e encantam a vida, as letras, que robustecem, desenvolvem, e fortificam a alma, as sciencias, que a illuminam, e esclarecem, somos nós, que as cultivamos, que as honramos, e desenvolvemos. Quando fallamos, quando reivindicamos os nossos direitos é sempre pela voz dos nossos apostolos.

«Temos tido guerreiros para vencerem, poetas para cantarem as nossas fadigas, e as alegrias

modestas do nosso lar, e artistas para commemorarem os nossos heroismos no trabalho, e esculpirem, no bronze, as imagens dos grandes inventores.

«Temos tido operarios, para crearem machinas maravilhosas, e astronomos para nos narrarem as maravilhas dos céos, devassando os esplendores e magnificencias do universo. As lentes, preparadas por nós, teem-nos feito conhecer, pelo telescopio, os globos luminosos que giram no espaço, e teem descido comnosco, pelo microscopio, aos mundos infinitamente pequenos.

«Os raros talentos d'essas ociosas, e rachiticas aristocracias, d'essas estereis, e inuteis classes privilegiadas, quando lhes estala a ultima corda da lyra, nas tristes estrophes das suas sinistras e tenebrosas lendas de familia, vem sentar-se na lareira do povo, e buscar ahi as harmonias mais sonoras, mais suaves, e mais duradouras — as unicas que hão de achar echo nos seculos do futuro — as lutas incessantes, pelo progresso, em que lida a geração actual. A sua derradeira canção é para o povo: o canto do cysne é o hymno da democracia.

«Nós somos a arvore gigante e immensa da humanidade, com as raizes perdidas nos limbos do

passado, com o tronco vigoroso, que resiste aos embates dos tempos, com os festões de flôres que desabrocham, e emmurchecem passando, e com os fructos sazonados do presente, na esperança das odoriferas flôres, que, com o seu calix radiante de vida, hão de perfumar o espaço no futuro.

«Eis-aqui a democracia.

«E quem são os seus adversarios junto d'esta frondosa e copada arvore da humanidade?

«São os cogumelos parasitas e venenosos, que vegetam á sombra d'este cédro magestoso e secular.

«Os privilegios e as castas são o absurdo, são a torpeza dos costumes, são o desconhecimento completo do seculo que atrevessamos, são as tristes reliquias das épocas feudaes, são os distinctos das ridiculas nobiliarchias byzantinas, são a ignorancia e o odio ao trabalho, são, finalmente, a protecção dada em premio, por feitos e acções, que, as mais das vezes, tem sido um poderoso obstaculo ao progresso, e á civilisação da humanidade.

«As recompensas, as glorificações, e as apotheoses, quando justas, quando bem merecidas, quando conquistadas pela aptidão, pela sciencia, pela arte, pela industria, pela propria virtude ou

pelas grandes dedicações, são vitalicias, e passam á posteridade com o nome que se engrandeceu, e vem a historia esculpil-o nos marmores dos seus fastos.

« A democracia, como hereditario, só reconhece um direito, um dever, e uma nobilitação para o homem: é o trabalho.

« É absolutamente necessario que se contem todos os partidarios sinceros e leaes da justiça, e que pela palavra, pelo livro, e pelo exemplo, arrastem os indecisos, e abandonem o restante — os poderosos do dia — aquelles, que não aprendem, nem esquecem nada.

« Attendam a que chegou a hora, em que a menor hesitação, a menor duvida, o menor passo irreflectido, ou a mais timida concessão, podem fazer recuar, para muito longe, o reinado da justiça — o governo do povo pelo povo.

« E povo somos nós todos, que vivemos debaixo do mesmo céo, sujeitos ás mesmas leis, e que exercemos, na sociedade, funcções e misteres diversos, mas igualmente uteis e necessarios.

« Hoje, ha uma só nobilitação: é o trabalho.

« Trabalhemos todos para a revolução nos espiritos — porque concorremos para o advento da

verdadeira liberdade, para o governo da justiça social, e para a emancipação da humanidade.

«E assim realisaremos a democracia.»

.˙.

Terminava aqui o papel, escripto pelo ancião, condecorado em Souto-Redondo.

O MANUSCRIPTO DO DESEMBARGADOR

IV

CARTHAGO

> Cæturum, censeo Carthaginem esse delendam.
>
> MARCUS PORTIUS CATO.
>
> L'histoire n'est pas seulement un drame, elle est une justice.
>
> LAMARTINE.
>
> A philanthropia ingleza é puramente *mercantil*, assim como o são todas as suas virtudes, que deixam de o ser logo que se não conformam com os seus interesses.
>
> FREIRE DE CARVALHO.

Na deslumbrante e magnificente descripção da aurora biblica do nosso globo, diz o Genesis,

que o Espirito de Deus era levado sobre as aguas: *Et Spiritus Dei ferebatur super aquas.*

Parece que a magestade divina escolhera este elemento, na sua esplendida grandeza, para encetar a obra da creação.

Seja assim n'este modesto trabalho.

Busquemos os primeiros salões do nosso seculo nas solidões immensas do oceano. E a Carthago moderna, a nobre e fiel alliada de Portugal, á luz sinistra do execrando bombardeamento de Copenhague, em 1807, ao clarão avermelhado dos primeiros foguetes do coronel Congréve, ensaiados no acto da mais atroz e inaudita pirataria, mostrar-nos-ha o Belléro-phon, o Windsor Castle, e o Belfast, tres salões em que a fé punica da Grã-Bretanha se expandiu, no seio das ondas, á sombra das suas flammulas, que são a divisa dos bastardos da raça latina.

Ha duas infancias na vida: a juvenil, e a senil. Perdoem ao homem, que já vê a sombra projectada na beira do fosso da sua ultima jazida, estes echos longinquos, que vem ferir-lhe o tympano nas vesperas da sua dissolução physica.

Convém que nos entendamos:

A Carthago na designação latina, a Karkhédôn no vocabulo grego, a Kereth-hadeshot ou em

pronunciação dialectica Karth-hadtha, segundo os termos punicos e phenicios, finalmente a cidade nova pela traducção e tradição da capital carthagineza significa, para mim, na actualidade, a futura ruina da rainha dos mares, da soberba, orgulhosa e egoista Albion. E nada mais.

Deixemos passar as correntes historicas.

A analyse verdadeira, justa e consciente d'uma sã e severa critica atira ás faces dos romanos com esse ignominioso epitheto de *fé punica*, que só a elles cabe na antiguidade das ambições latinas, e no ardiloso espirito dos Machiaveis da Italia, transmittido até ao ultimo papa. E a mais ninguem.

Desde Romulo até Antonelli são vastas as concepções de perfidia, erguidas, a principio, no capitolio, para ficarem mais tarde, como tradição e doutrina, nos salões do vaticano.

Havia um dia em Roma, em que, ao commemorar o supplicio e resurreição de Christo, subia ás sumptuosas varandas da basilica de S. Pedro o escolhido entre os bispos, arremessava o facho do incendio, o emblema do inferno á praça publica, anathematisava os herejes, e invocava sobre elles a colera do Eterno.

Era a fé punica, na singela e curta interpretação de Scipião o Africano.

A igreja catholica, na ingenuidade d'estas crenças ferozes, segue as tradições latinas, e a innocencia virginal de Scyla, de Mario, de Nero, de Constantino, de Alexandre VI, de S. Domingos, e de todos os Simões de Monforte, e de todos os Torquemadas da religião do operario nazareno.

Olhemos para Carthago.

Vejamos o que era a fé punica.

A cidade phenicia assombrava Roma. Dobrava-se, porém, aquella diante do orgulho da cidade de Romulo. Curvava-se submissa a raça semitica na presença do povo indo-europeu. Carthago sujeitára-se á dura condição de não defender os seus direitos, nem a sua propria independencia sem authorisação de Roma. Aproveitou-se Massinissa, principe da Numidia, d'este abjecto e humilissimo pacto, para avassallar o emporio das riquezas d'Africa; — e quando a commissão, enviada pelo senado, voltava ao Lacio, depois de ter fomentado e atiçado a discordia, Catão — no seu odio implacavel, e cego pela torpe e abjecta cubiça, que o movia, terminava constantemente os seus discursos com a celebre phrase, que revelava toda a negrura d'aquella alma: « E de mais é preciso destruir Carthago » — *Delenda quoque Carthago.*

E quando Carthago, confiando na lealdade ro-

mana, entregava e depunha todas as suas armas e machinas de guerra, ficando indefesa, e inerme — agradecia-lh'o com a mais hypocrita e pungente das ironias, o consul Marcio Censorino, dizendo aos carthaginezes: «Louvo-vos pela vossa «prompta obediencia em cumprir as ordens do «senado. Sabei agora a sua ultima vontade: «manda-vos sahir de Carthago porque resolveu «destruil-a.»

E mais tarde — ardia dezesete dias a cidade nova dos phenicios, por ordem expressa do senado, e, na voragem e horror do incendio, saqueava a soldadesca infrene as immensas riquezas, que sete seculos alli tinham accumulado.

A fé punica é uma calumnia historica, inventada pelos romanos, cujo odio e ciume, sem repouso nem tregoa, sobreviveram á carnificina mais cruel e hedionda de que rezam as chronicas e lendas da antiguidade.

Aceitemos, pois, Carthago como a imagem do aniquilamento, e da destruição.

Seja a fé punica, na inversão da phrase, o estigma e ferrete da lealdade latina.

A Grã-Bretanha será a Carthago do futuro, como é, na sua machiavelica e perfida politica, a Roma do passado, do presente e do porvir.

Alliança e alliados, na bocca de qualquer go-

verno inglez, diz um escriptor liberal, quando não são palavras enganadoras, são, pelo menos, palavras sem sentido.

Sem sahirmos do seculo XIX, desde o porto da capital da Dinamarca até ás muralhas de Metz e trincheiras de Sédan, são longas e monstruosas as provas da fé britannica, e da lealdade ingleza. Hudson Lowe, o carcereiro do Prometheo moderno — imagem do abutre roendo-lhe as entranhas nos rochedos de Santa Helena, será a ignominia e affronta eternas dos algozes da Irlanda.

Estamos nas amuradas de Bellérophon.

Entremos no convez.

Antes do desenlace final d'esta tragedia antiga, que parece modelada por Sophocles ou Euripides — escrevia Napoleão ao principe regente de Inglaterra a seguinte carta:

« Alteza Real.

« Alvo das facções, que dividem o meu paiz, e
« da inimizade das grandes potencias da Europa,
« acabei a minha vida publica, e, á semelhança de
« Temistocles, venho sentar-me no lar do povo bri-
« tannico. Abrigo-me á sombra das suas leis, e pa-
« ra isso invoco vossa alteza real, como o mais po-

« deroso, o mais constante, e o mais generoso
« dos meus inimigos.

« *Napoleão.* »

Responder com um asylo magnanimo, e grandioso a esta invocação escripta, teria sido para a Inglaterra a mais nobre das vinganças, e a pagina mais magestosa da sua historia.

Irrisoria illusão! A orgulhosa Albion não vive de gloria: vive de dinheiro. Quem deixou mutilar a Polonia, quem escravisou a India, quem fomentou a guerra civil nos Estados-Unidos, quem viu impassivel as desgraças da França, e quem subjuga, pisa, e tortura a Irlanda, escolheu adrede os leopardos, para insignia e emblema heraldico dos seus armazens da *city*. A Inglaterra é a feira da Ladra da Europa. Seja assim para honra da raça latina, onde não ha filhos espurios dos chatins do Oriente.

Napoleão vestiu aquella farda dos caçadores da velha guarda, como se estivera em Marengo, Austerlitz ou Iena. Entrou com o general Becker, e com os legionarios dedicados da sua heroica Iliada, n'um escaler — ultimo refugio das suas glorias — e subiu para o brigue francez, que ia leval-o á esquadra ingleza. Becker quiz acompanhal-o

n'esta via dolorosa. «Não, não, general, bradou-lhe o vencedor de Arcoli, cuidemos da França. Se entrardes commigo no Bellérophon dirão que me entregastes aos inglezes. Não quero que a França soffra a responsabilidade, a suspeita, e nem sequer a apparencia d'uma traição tamanha.

A bordo do Bellérophon estava o commandante Maitland, os seus officiaes, e toda a equipagem esperando o vencido de Waterloo. Dias depois entrava na bahia de Plymouth o Bellérophon ás ordens do almirante Keith, que o recebeu com o respeito obrigado com que o visitára a bordo d'um pontão inglez o almirante Hotham.

A Inglaterra aceitou a affronta e o escarneo das potencias alliadas. Disseram-lhe estas no artigo 2.º da sua famosa declaração: « A prisão de Napoleão Bonaparte é confiada especialmente ao governo britannico.»

Foi a Inglaterra o carcere, foi o traidor, e foi o algoz.

Aceitou tres papeis infames.

Entregou á Europa o banido, que lhe vinha pedir refugio e hospitalidade, investiu-se na missão execranda de carcereiro, e gizou, com a sua fertil imaginação, o carcere da aguia da Corsega, o antro onde ia sepultar o genio das batalhas.

Cuspam na memoria, em parte talvez calumniosa, de Judas de Kerioth, no drama sanguento de Jerusalem, e respeitem e curvem-se reverentes diante dos suffetas da Carthago britannica.

Arrancaram-lhe a espada epica das cem batalhas, quando elle, abandonado e indefeso, meditava encostado á prôa do seu carcere fluctuante — e foi preciso, que o genro do imperador da Austria, o antigo tenente de Toulon, os encarasse face a face, para que os almirantes da velha Albion estremecessem de vergonha, e corassem de pejo, satisfazendo-se, no seu vil orgulho, com as adagas de Bertrand, Savary, Lallemand, Gourgand, e de todos os outros legionarios d'esta phalange homerica.

Napoleão não sabia chorar. Passou impassivel por sobre quatrocentos mil homens, que juncavam os gelos da Russia. Viu immovel os desastres de Leipsick. Escutou silencioso, em Fontainebleau, o ruido surdo da catastrophe quando o imperio desabava. Afastou-se de Waterloo sereno, implacavel e severo como o destino — e nem uma lagrima deslisava por aquellas faces, assentes n'um busto grego, e que pareciam rasgadas pelo scopo de Phidias, como ornamento do mais vasto craneo, que a Providencia ousou modelar.

Mas rebentou em pranto desfeito, e corriam-

lhe as lagrimas como em torrente caudal, ao lêr os pormenores aviltantes da segunda occupação de Paris.

Não era o imperador, não era o general, não era o tenente d'artilheria, não era o corso: era o ultimo dos francezes, se assim querem — que chorava de vergonha e de raiva ao vêr a nobre e formosa terra das Gallias pisada vilmente pelos cossacos do Don, e pelos ignobeis escravos do Czar de todas as Russias.

Virtude, tu não és mais do que um nome! — Estas palavras, attribuidas a Bruto, e que são apenas a citação d'um verso da *Medéa* de Euripides, vieram reboar em Sédan, e feriram, ainda n'esta geração, as traições, as insidias, e os ardis do segundo imperio, que cahiu a pedaços esphacelado e pôdre sob as garras da aguia da Prussia.

O almirante Keith recebeu o ultimo protesto de Napoleão. Era o seu testamento de vingança arremessado á posteridade.

Terminava assim:

« Appello para a historia: dirá ella que um inimigo, que durante vinte annos combateu o povo inglez, veio, em liberdade, no seio do seu infortunio, buscar um abrigo á sombra das suas leis — que demonstração mais brilhante podia elle dar da sua estima, e da sua confiança? Mas como res-

pondeu a tanta magnanimidade a Inglaterra? Simulou estender-lhe mão hospitaleira, e quando o segurou nas garras, quando elle se lhe entregou na grandeza da sua boa fé — trahiu-o, e immolou-o. »

O nome do heroe firmava este protesto. Foi com a mão habituada a empunhar a espada da victoria, que o vencedor dos reis, escolhidos por direito divino, escreveu: Napoleão.

Pouco depois, um vaso de guerra, o Northumberland arrostava as vagas do oceano, levando a seu bordo o homem, que fôra o terror do commercio da Inglaterra, e o missionario inconsciente da liberdade europêa.

E no meio d'uns rochedos de granito, na solidão dos mares, na insulação completa de todas as aspirações d'aquella vasta e grandiosa intelligencia, amarravam ao poste da mais tremenda perfidia o homem, que o mundo inteiro acclamára imperador, e a quem a Inglaterra, mesquinha e ridiculamente, nos seus odios e pavores vilissimos, regateava o *ave! imperator!* que duas gerações lhe votaram, mandando-o appellidar seccamente: o general Bonaparte.

Detesto o heroe, mas choro ao lado do martyr. Curvo-me perante os altos designios da Providencia, que levantou sobre os broqueis da

victoria o Attila moderno, o açoute de Deus — e vélo a fronte cheio de horror e de indignação, quando considero este homem feito á imagem do Creador, caminhando sobre cadaveres, na sua sêde insaciavel de conquistas; e por um rasto de sangue humano subia ao throno das monarchias do occidente, depois de perdidas as illusões com que sonhára o imperio da Asia.

Morreu em Santa Helena, no seio dos mares, para além das lutas democraticas da Europa, o mais ambicioso dos conquistadores, e o maior genio d'este seculo.

Alexandre lia Homero. Napoleão meditava os commentarios de Cesar. E Alexandre, Annibal, Scipião, Cesar, Attila, Frederico II, e Carlos XII, são pallidos meteoros, que fulgiram, e passaram diante d'este esplendido luzeiro, d'esta magestade immensa, que, como o astro do dia, tingindo de purpura o firmamento, vai immergir-se lentamente nas vastas solidões do oceano.

Hudson Lowe foi a synthese dos odios selvagens, e das cubiças inexcediveis da nação ingleza.

Por mais que a Inglaterra simule os enthusiasmos d'um povo livre, por mais que apparente respeitos, e affirme sentimentos generosos, e magnanimos — em quanto Santa Helena fôr uma ilha e Hudson Lowe uma verdade historica, temos nós

todos, nós — raça latina — o direito, e o dever de lhe atirar ás faces, no soberano desprezo da nossa lealdade, com um nome só: — o nome do Bellérophon.

Este vocabulo é o epitaphio sinistro, lugubre, e affrontoso da generosidade britannica.

VISCONDE D'OUGUELLA.

MANOELINHO DE EVORA

É errada a presumpção historica de que o *Manoelinho* — pseudonymo grutesco de uma assembléa de revolucionarios — figurasse tão sómente nos decretos expedidos durante o levantamento do povo eborense, acaudilhado por Sezinando Rodrigues e João Barradas, em 1638.

Consigne-se de passagem que eu ainda não vi algum d'esses decretos, nem D. Francisco Manoel de Mello, o mais detençoso historiador dos tumultos de Evora, nos transmittiu traslado de algum.

Representações a Filippe IV, e satyras aos portuguezes infamados de hespanholismo, em fim a gazeta manuscripta, como ella podia clandestinamente correr n'aquelle tempo, começou a circular, em 1635, logo depois que a duqueza de Mantua chegou a Lisboa.

Entre os manuscriptos relativos á ultima decada do nosso captiveiro, possuo dous. É um assignado por *Manoelinho menino*, em Evora, aos 29 de agosto de 1637, poucos mezes antes do motim: *Uma carta que os meninos de Evora mandaram ao bispo do Porto.*

Este bispo era D. Gaspar do Rego, nomeado n'aquella prelazia n'esse mesmo anno, anteriormente bispo de Targa, muito affecto a Filippe IV de Castella, e um dos tenacissimos alvitristas dos impostos sobre a sua patria. O seu biographo padre Agostinho Rebello da Costa (*Descripção da cidade do Porto*, pag. 83) exalta-lhe as virtudes prelaticias, a termos de o sentar no refeitorio comendo com a sua familia, virtude que todos nós possuimos pouco mais ou menos.

Mas nem essa lhe concediam os detrahidores que se chamavam os *Meninos de Evora;* e eu não sei o que lhe fariam em 1640, se elle não tivesse morrido em 13 de julho de 1639, fóra da sua diocese em Lisboa, onde o tinham chamado Miguel

de Vasconcellos e os outros que se temiam do rugir soturno do vulcão popular.

Vai vêr o leitor pela primeira vez, se me não engano, qual era a prosa do *Manoelinho*. No proximo numero d'estas *Noites*, lhe darei amostra das musas acamaradadas com os heroicos revolucionarios de Evora.

Eis a *carta:*

«A' noticia d'esta cidade chegou, reverendissimo bispo tyranno, ser v. s.ª a origem de que este reino tão catholico padeça oppressões tão insoffriveis, como elle testefica no miseravel estado em que se vê, tomando-vos para executar a mais infame empresa que em nossos tempos vimos, nem de nossos antepassados sabemos; — que até considerada envergonha. Porque, quando a desventura chegasse a tanto, que, como por prophecia, houvesse alguem de tyrannisar a patria, fosse o fidalgo pobre, rico de filhos e falto de rendas; e ainda n'este, depois de satisfeito, cessaria a ambição. Mas um prelado, a quem havia de faltar o tempo para dar graças a Deus de o chegar a ser, e que aos pobres havia de dizer: *tribuo vobis pro omnibus quæ retribuis mihi* — grão maldade! e com razão podem dizer por vós o que Platão por Dionisio: *Vidimus monstrum in natura honimis.*

«Que naus vistes entrar n'estes portos? Que frotas vistes vir lá das Indias? Que riquezas n'este pobre reino? E que farturas n'este nosso Alemtejo que, como filho tão mimoso de seus paes, sentiu como de padrasto o pão de vosso alvitre? Mas a verdade, Aquelle que é a mesma verdade, diz no *Deuteronomio*, cap. 4: *Colligite ex vobis viros sapientes, et nobiles*. A sciencia em vós é em tudo um retrato natural da de Nero, que aprendeu todas tendo por mestre ao grande Seneca, e foi um dos mais torpes tyrannos do mundo, até chegar a matar sua propria mãi, como vós agora quereis fazer á amada patria; porque em fim, sciencia sem virtude, não vem a ser uma nem outra cousa; mas elle já nenhuma professava, e vós professaes ambas, e não exercitaes alguma. A nobreza conservam os que carecem d'ella, e o dar-lhe nascimento, na benigna clemencia, é para que, convocando os animos, esqueçam a baixeza dos seus progenitores. E vós, pelo contrario, querereis dar vida ás de Antonio Fernandes, vosso pai, e de Anna Antonia, sua mulher... Os extremos todos são maus. Temos rei catholico, não o façaes tyranno; é principe benevolo, não o façaes cruel. Deixai Portugal ser pobre já que vos deixou ser bispo. Não vêdes que por Targa ser de herejes, vos fizeram do Porto? e que por o Porto não querer, vos

faziam de Coimbra? As cidades são como os parentes; corre-lhes a dôr pelas veias como o sangue a ellas. Ao menos estai advertido no salto em claro que haveis de fazer por este arcebispado, tomando o pé atraz como Sebastião de Mattos [1], mas não seja d'estas partes. Não sei se vos poderão valer os fóros das casas de Luiz de Miranda. O cavalleiro, se lhe chamam tardo, madruga; se desbocado, cala-se; se demasiado, tempera-se; se adultero, abstem-se; se peccador, emenda-se; mas, se é traidor á patria, não ha emenda nem desculpa. Sabei que a propriedade d'este reino foi sempre não desobedecer nunca ao seu rei, nem deixar-se mandar de tyrannos, e que vale mais pobre, dando pouco, que desesperado.

«De muito atraz trazemos por criação a distribuição de tres cousas: a alma para Deus, o melhor para nós, e a fazenda para el-rei; e quem se viu n'isto, não duvída dar quartos, mas quintos para quintas; e por vosso conselho não havendo n'este reino quintaes (digo de arvores, que de canella já nem sabemos de que côr é) soffre-se mal. E se vós quereis excessos para a patria, e

[1] Este Sebastião de Mattos é o arcebispo de Braga que depois conspirou contra D. João IV, e morreu no carcere.

permittir-se contra ella o favor que houve Nuno Alvres para Pedralves traidor, a quem o céo subverteu, haverá meninos em Evora para Gaspar do Rego se abrazar.

«Por Ithaca, nobre ilha de asperos penedos, passou Ulysses immensos trabalhos. Disfarçado el-rei Codro para libertar a patria, se offerece á morte; pela patria renunciou o imperio; e Mucio Scævola renunciou a esperança da vida por a tirar á propria que como vós a perseguia [1]. E os naturaes que a isto não se oppõe vem a acabar n'ella, como Annibal em Carthago e Catilina em Roma. Attendei ao que diz o apostolo: *Anna militiæ nostræ non sunt carnalia, sed spiritualia.* Sois christão, sois sacerdote, sois prelado, sois natural do reino: dizei d'elle o que n'elle vêdes, informai das necessidades; e, se não sabeis d'ellas, ahi amam a caridade, vereis de quantas sois secretario, quantos fidalgos padecem, quantos senhores acabam, quantas donzellas perecem. Falta o ouro, a prata; o contracto, por que vós não faltaes, que nem Deus o quer dar superfluo, nem o necessario se promette darse. Perguntando-se a Alexandre para que queria

1 Não nos parece clara a redacção, ou ha elisão de palavra no meu traslado.

ser senhor de todo mundo, respondeu: Todas as guerras que se levantam são por uma de tres causas: ou por haver muitos deuses, ou por haver muitos reis, ou por haver muitos tributos: quero ser senhor de todo o mundo e rei para que não haja n'elle mais que um Deus, nem se conheça mais que um rei, nem se pague mais que um tributo.

«Elle era pagão, e vós christão; elle rei, e vós bispo; elle creado na terra, e vós na igreja; nunca ouviu o nome de Christo, e vós jurastes defender o Evangelho. Parece que muito differe uma cousa das outras. Se o fazeis por fama, já é geral, pois nós vos sabemos o nome. O vosso nome é *flagellum patriæ*. Se o fazeis por interesse, já basta o que tendes; se mais quizerdes, já cá passamos signal; se nós podermos, com o mais constará a pontualidade... Tende lastima de um reino que, sendo antigamente um mar, se vai esgotando a Castella por um *Rêgo*. Nosso Senhor vos converta, e vos traga a nossas mãos, para augmento d'este reino, e vida e paz e quietação de seu rei. Evora 27 de agosto de 1637. Por mandado do povo todo junto

Manoelinho Menino. »

A MORTE DE D. JOÃO

(POR GUERRA JUNQUEIRO)

E' um livro de 330 paginas que eu li sem intermittencias.

A poesia é quasi sempre portugueza e dos mais altos quilates; mas a substancia do livro é estrangeira.

Aquellas podridões, desenhadas do vivo com primorosa execução, não fermentam n'este paiz mais atrazado e menos devasso que o restante da Europa.

E' verdade que ha creaturas um tanto putridas nos hospitaes, e lá se dissolvem: peor seria, se não tivessem aquelle paradeiro onde a misericordia humana lucta com a fatalidade da morte á beira do catre da agonia.

O D. João portuguez, por via de regra, aos quarenta annos, tem a espinha dorsal amollecida, cauterisa as frieiras e lima os callos. As Imperias, entre nós, não acabam por tanger cornetim em companhia de ursos; mas tem ursos e dromeda-

ríos, uns Tenorios farinaceos que lhes tornam a velhice divertida e, ás vezes, serodiamente honesta.

Não obstante, eu, em Lisboa, conheci um D. João, que, tirante a chalaça e o urso, era o D. João de Guerra Junqueiro.

Conheci-o gentil, capitão de lanceiros, com um appellido dos mais nobres do reino, bizarro, petulante, fatuo, bandarreando com os seus cavallos oriundos da Lybia alli pelo Chiado. Amavam-no as burguezas e as princezas. Amavam-no tão doudamente que se perderiam, se não estivessem perdidas quando elle as achava. Alli, em Lisboa, um D. João acha sempre uma D. Joanna tão boa como elle.

Era isto em 1849.

Onze annos depois, estando eu na *casa-da-saude*, vi entrar, no quarto de certo doente, um homem maltrapido, com o nariz rubido, a cara esvurmando brotoeja, os dentes ferruginosos, os beiços esfoliados como escama de sarda de barrica, os olhos broslados de malaguêta, e a pupilla oleosa. Era o capitão de lanceiros, que vinha alli visitar um homem que costumava dar-lhe um tostão para aguardente. E n'essa tarde levou o tostão e roubou-lhe um relogio de prata, um caldeirão que valia um quartinho!

—O meu relogio! —exclamava o pobre Sousa Netto —é o que me restava da minha mocidade!

Sousa Netto orçava pelos sessenta e seis; tinha gota, intervallos de demencia, havia sido tambem D. João, e usava constantemente habito de Christo no peito, mouras vermelhas nos pés, e um capacete de lontra na cabeça.

O outro, aquelle que encontrava Imperias no paço, esphacellou-se na testada de uma taverna; os guzanos da cova de certo taparam os seus narizes microscopicos quando o esquife o vasou nas entranhas da natureza, mãi carinhosa do cão pôdre, do homem pôdre e de tudo que é perfeito n'este mundo.

O homem espoliado do caldeirão ensandeceu a final, abrazado em concupiscencias que resfolegavam em colcheias, em decimas, em sonetos, que me recitava a mim e a Matheus de Magalhães com uns olhos tamanhos e tão accesos que parecia o diabo de Santa Thereza de Jesus.

Estes dous typos teem moldura no poema de Guerra Junqueiro.

.·.

As mais nervosas e engraçadas paginas de versos que eu tenho lido de lavra portugueza são a parte d'este poema intitulado *Romanticismo*, e a outra chamada *Os saltimbancos*. São trovoadas de talento. Paradoxos assombrosos que vos tiram do diaphragma epilepsias de riso.

Ás vezes, magôa uma especie de motejo que parece rebellar-se contra tudo que grande parte da sociedade respeita. Vem alli de camaradagem com a ironia implacavel do snr. Junqueiro o estylete sarcastico de lord Byron e de Alfred de Musset; mas o nosso poeta avantaja-se na crueza das invectivas contra o dogma, afistulando soberbos versos de um atheismo que de certo lhe não está no coração, nem na educação nem nos irreprehensiveis costumes. Tirante isto, ahi é tudo alegria; e até, quando a musa philosopheia por transcendentes contemplações, lá surde a palavra comica, o simile galhofeiro, esta cousa moderna que não tem nome, — uma bella extravagancia que nos regosija. E assim é como se querem os livros, porque lá diz Aristoteles no 2.º da *Ethica*, cap. 12, que *a melancolia corrompe a natureza e faz pasmar o coração.*

.˙.

Este modo de poetar será o *Ideal* moderno? E', com toda a certeza. Quando eu era rapaz, o poeta ideal era o ethereo, o metaphysico, o espiritualissimo. Por tanto, o ideal, segundo Taine, não tem que vêr com o ideal, segundo Lamartine. No livro do snr. Junqueiro, bem que os carnalissimos assumptos alli poetisados não pareçam ideaes, abona-os o indeclinavel legislador n'esta materia. A obra d'arte — diz Taine — põe o fito em manifestar algum caracter essencial ou relevante, mais perfeita e lucidamente do que os objectos reaes nol-o mostram. O artista, por tanto, concebeu a idéa d'esse caracter, e, a sabor da sua idéa, transformou o objecto real. Este objecto assim transformado, sahe conforme á idéa, ou, para melhor o dizer — é o ideal. Assim, pois, passam as cousas do real ao ideal, quando o artista, ao reproduzil-as, as altera a bel-prazer da sua idéa, etc. (*L'Ideal dans l'Art*).

Quer dizer, ao que parece, que o ideal é uma modificação do real a talante do artista; por maneira que o sobrepôr miserias imaginarias ás miserias positivas — exulcerar desgraças inevitaveis com a imprecação de desgraças ficticias — é o *Ideal*.

Em fim, são seitas, e o impugnal-as quando

ellas ainda verdejam é perigoso: o melhor é deixal-as apodrecer.

O que ha de ficar e sobreviver ás escólas (porque o snr. Guerra Junqueiro de certo não crê em Taine, e é *realista* na maxima latitude da palavra) são estas paginas da *Morte de D. João*, alumiadas pelos relampagos do genio. Este livro será lido por aquelles mesmos que o malsinarem de propagador de peçonha em calices de ouro. E' a obra prodigiosa de uns annos muito em flôr. Quando a mão do tempo, a desgraça dos annos, e algumas noites de meditação dolorosa, levarem á consciencia do admiravel poeta a imagem da Justiça, enquadrada na moldura fatal em que ha seis mil annos a conhecemos na historia, então os poemas do snr. Guerra Junqueiro serão por igual bem versejados, mas muitissimo mais consolativos para os infelizes que elle deplora com generoso coração.

POETAS E PROSADORES BRAZILEIROS

Seis livros de variada leitura me vieram aligeirar as horas da aldeia, n'este inverno de junho; que no decantado Minho já não ha primavera nem estio, nem melros nem rouxinoes. D'esta familia de cantores tão gabados nas eglogas de Sá de Miranda e Diogo Bernardes abalou-se a especie, desde que o Minho, policiando-se do agro primitivo da sua natureza alpestre, estrondêa com o caboucar das vias-ferreas e o estridor das diligencias. De rouxinoes restam-nos apenas aquillo que os francezes chamam *Roussignol à gland*, e *Roussignol d'Arcadie.* Estou a vêr se me desmente o meu presado amigo D. Antonio da Costa no seu promettido livro das delicias do Minho.

Eu por mim, se quero convencer-me que estou na sazão do calor e das flôres, mando abrazar o fogão, accendo a machina do café, espalho uma abada de rosas no estrado, cubro-me com um cobertor, imagino que estou no junho de Fernão d'Alvares do Oriente, e, com o nariz

de fóra, e espirrando, exclamo, em nome do poeta:

.... Pomona e Flora
Seus dons vem pelos campos espalhando,
Cantando espalha Fauno a voz sonóra.

Fazem dôce harmonia os arvoredos
Que o vento bole, e as aguas derivadas
Das asperas entranhas dos penedos.

As aves umas d'outras namoradas
Enchem de saudosa queixa o monte
N'um desconcerto alegre concertadas.

Boninas varias vai regando a fonte
Que convida, correndo manso e manso,
O rouxinol, que suas maguas conte.

A qualquer parte, pois, que os olhos lanço
Materia me offerece de alegria
Tudo quanto co'a vista alegre alcanço.

Etc., etc.

E, ao mesmo tempo, vou aconchegando os pés do varandim do fogão, e fazendo-me um estio interior de café de Moka.

N'esta situação, deixa-se a natureza aos naturalistas; e a gente, que vem ao campo em cata de brisas olorosas, não sahe de casa, e lê sempre, a fim de desviar a tentação ao suicidio inglez, que é a congestão fulminante do *tædium vitæ*.

Tenho, pois, seis livros de escriptores brazileiros, a quem devo a fineza de m'os enviarem a esta região de getas.

Os IDYLLIOS do snr. doutor Caetano Felgueiras. As TETÊYAS, em prosa do mesmo poeta. Os APONTAMENTOS DE VIAGEM do snr. J. C. da Gama e Abreu (1.º tomo). O PANTHEON MARANHENSE (1.º tomo). SCIENCIAS E LETRAS. APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DOS JESUITAS NO BRAZIL (1.º tomo). As tres ultimas obras são do mesmo author, o snr. dr. Antonio Henriques Leal.

Ha annos que o snr. Felgueiras me enviou a sua EPISTOLA *a Machado de Assis*. Era a revelação de um espirito antigo no affecto ás maviosas cousas do campo. Versos que recendem o tomilho e a madre-silva. Desenhos correctos da corporatura gigante das arvores americanas. Rumorejos dos meandros que serpejam na tige das boninas. O estridor das cascatas que ruem estrepitosas. A suavidade dos jardins. O verde das arvores, e os pomos a lourejal-as. E, depois,

o espirito da alegria no sorriso da paz a colher as bençãos que Deus cruza por sobre as almas modestas que se alam até Elle, desde o estrado de seus pés, desde as magnificencias da terra até aos estrellados silencios do céo. Esta formosa poesia vem entre os IDYLLIOS, que se lhes irmanam na alteza do pensamento e no primor da phrase.

Não me agradam por igual as suas prosas (TETÈYAS). Sobram ahi arabescos de linguagem: muito rendilhado, muita filagrana, que enreda a idéa, e accusa o escopo muito moroso de Cellini. Sei que o snr. J. de Alencar tem dado o exemplo d'este esmerilhar da phrase, que, a meia volta, se desaira no amaneirado. Isto não é pobreza da lingua: é um luxo vicioso da abundancia. Augmentemos, porém, quanto ser possa o concurso dos que nos percebam, e imaginemos sempre que até os mais cultos nos agradecem a simplicidade de Luiz de Sousa, o nitido puritanismo dos Castilhos, e a correcção chã, sem plebeismo, de Teixeira de Vasconcellos.

Os APONTAMENTOS DE VIAGEM do snr. Gama e Abreu é um livro muito bem escripto, com resaltos de humorismo discreto, graça anecdotica a interpôr-se nos usuaes fastios das descripções de viagens; apreciações de Portugal na maior parte

benevolas, e, por excepção, reparaveis; a França e as suas recentes desventuras atiladamente compendiadas em poucas paginas, que se revalidam com bem cabidas noticias historicas. É um livro de cunho moderno, com o superior quilate da despretenção, sem desvanecimento, por onde se nos antolha optima lição, bom discernimento, critica despreoccupada, lhaneza de apreciação, e excellentes predicamentos de espirito. Os subsequentes volumes hão de corresponder ao titulo que amplia as viagens desde o *Amazonas ao Sena*, *Nilo*, *Bosphoro* e *Danubio*.

O PANTHEON MARANHENSE, do snr. dr. Henriques Leal, como do titulo se transluz, é um selecto feixe de biographias de homens, que se illustraram no Maranhão, por prendas da intelligencia. Este livro é tanto mais de estimar entre portuguezes quanto nós andamos arredados da convivencia de escriptores brazileiros. O snr. Leal, que reside em Lisboa, ha annos, é o escriptor a quem os seus conterraneos mais devem no pregão incessante das eminencias intellectuaes do Brazil. É vêr o esplendido, e, ainda mal, que incompleto, vestibulo que elle erigiu como entrada para as obras completas de Gonçalves Dias, o portentoso poeta, o prosador inviolavel na pureza da dicção.

Larga resenha da litteratura brazileira nos dá o snr. Leal no seu livro intitulado LOCUBRAÇÕES. Ahi se queixa judiciosamente das graves iniquidades com que alguns syndicos, sem legitima alçada na critica, desdenham dos escriptores brazileiros, não lhes sabendo sequer o nome de baptismo. Que quer o illustre escriptor? A necedade impa de petulancia. A barateza dos prelos, a profusão dos periodicos e a mingua de escriptores escorreitos abriram praça a todo o adventicio, tanto monta que elle proceda das covas de Salamanca como do café da Aurea. Gonçalves Dias, apoucado pela ignara bitola de um zoilo vêsgo, tem dous monumentos: um de marmore na sua patria, outro nos livros que são d'ella, que são nossos, que os temos na memoria do coração desde a mocidade. Mas a nossa mocidade era tão amoravel com os seus contemporaneos, quanto respeitosa com os antepassados. Nós não ousariamos descrêr dos mestres, e desacatar-lhes as cãs aureoladas sem que o longo estudo, sem que a consciencia nos désse a intima certeza de que não eramos tão nescios e tão ignorantes quanto hoje se faz mister para abrir barraca de mordacidades, mascaradas em critica.

Derivemos d'este mau trilho para as placidas e serenas regiões do livro chamado APONTAMEN-

TOS PARA A HISTORIA DOS JESUITAS NO BRAZIL. N'este complexo de rapidas biographias, narrativas, e, esclarecida analyse das chronicas da companhia de Jesus, e onde a fórma, a execução e o castiço da linguagem se aprimoram mais, de envolta com a riqueza das noticias historicas. É trabalho de mão experimentada, de consulta detençosa, e juizo muito attento. Quando o tomo 2.º me vier satisfazer o desejo de o lêr, formarei mais dilatado e completo conceito d'esta importante publicação do abalizado escriptor.

ÁCERCA DE JOAQUIM 2.º

(RESPOSTA A UMA CARTA)

A carta, a que respondo, veio do Porto. E o periodo respondido reza assim:

..... Asseveram-me que o teu Plutarco, annunciado na ACTUALIDADE, *é o Joaquim de Vasconcellos, que tem batido á porta dos teus antigos inimigos, pedindo factos e calumnias para urdir a tua biographia. Se isto é tão verdade como é verdadeira a pessoa que m'o afiançou, prepara-te para desprezar a affronta, e veste arnez de aço que rebata o ferro do couce. Alguem lhe perguntou que motivo teve para te provocar; respondeu que apenas te conhecia de vista; eu, porém, se a memoria me não falha, já te ouvi dizer que este Joaquim de Vasconcellos foi teu hospede em S. Miguel de Seide, etc.*

RESPOSTA

Tens boa memoria. Joaquim de Vasconcellos foi meu hospede em S. Miguel de Seide; mas procedeu honradamente, e logo te direi a razão que tenho para te affirmar que se houve briosamente na hospedagem que lhe dei.

Foi assim o grão caso. Um dia, no anno de 1870, me escreveu de Guimarães o maestro Francisco de Sá Noronha, prevenindo-me que viria a S. Miguel de Seide apresentar-me um seu amigo de grande talento, notavel theorista musical, edu-

cado em Allemanha, e litterato de muitas esperanças. Alvoroçou-me a noticia, tanto pela visita do celebre violinista, como pela apresentação de um moço prendado das bellas cousas do coração e do espirito, que todas brotam de seu onde o amor das amenidades litterarias e das deleitações da harmonia lhes aquece os germens.

Em uma alegre manhã de julho chegaram os snrs. Noronha, e Vasconcellos a esta casinha, á volta da qual os sylphos da poesia borboleteam, desde que o visconde de Castilho e Thomaz Ribeiro por aqui estiveram.

Recebi o snr. Joaquim de Vasconcellos com quanta cordealidade e lhaneza cabia nas minhas posses de aldeão. Dei-lhe o lugar de honra na minha mesa. Ouvi-lhe attenciosamente por espaço de dez horas as suas idéas republicanas, sem lh'as impugnar, e as suas theorias sobre musica sem lh'as perceber, e os seus dislates em litteratura sem lh'os contrariar.

Ao cahir da tarde, o snr. Vasconcellos, que não podia demorar-se, fez-me o obsequio de aceitar o meu cavallo, que teve a honra de o levar á estrada do Porto. Ao despedir-se de mim, o meu affavel hospede abraçou-me com effusão de vehementissimo jubilo por me haver conhecido e devido alegres horas tão rapidamente passadas.

Devolveu-se um anno, sem que eu tornasse a vêr o snr. Vasconcellos; não obstante, a imagem d'este cavalheiro, uma vez por outra, acudia ás minhas reminiscencias d'aquelle dia tão litterario, tão cheio de palavras, de systemas, em fim, de mutuas promessas, que me faziam esperar d'aquelle moço alguma cousa menos cruel que um inimigo.

Eis que o snr. Vasconcellos dá á luz um livro de critica á versão do *Fausto*, pelo snr. visconde de Castilho; e, ainda antes de o lêr, já eu sabia que o meu hospede tão graciosamente recebido, me insultava como escriptor e como homem, enxovalhando-me com vilipendiosas aleivosias, como se não bastasse ao seu injusto rancor malsinar-me de ignorante.

Aqui tens, meu caro amigo, repetido o assignalado successo do advento do snr. Vasconcellos a esta quinta de Seide.

Como elle está escrevendo os escandalos da minha vida, que naturalmente veio espionar quando cá entrou, bom seria que elle dissesse que eu tenho grandes infamias na minha historia lendaria, e uma das mais graúdas foi recebel-o em minha casa.

Falta-me explicar-te onde está o procedimento honroso do snr. Vasconcellos na hospedagem

que lhe dei. Está no seguinte: quando elle sahiu da minha mesa, contaram-se as colheres de prata, e não faltava nenhuma! Honra lhe seja!

Teu do coração,

Etc.

P. S. Se o snr. Joaquim de Vasconcellos, depois da publicação d'esta carta, entender que me deve pagar o aluguer da cavalgadura, o almoço e o jantar, authoriso a thesoureira das Velhas do Camarão a receber a importancia, e passar recibo.

ESTUPIDO E INFAME

(Á *ACTUALIDADE*)

Alguns rapazes sem habilidade, nem estudo que lhes supprisse a incapacidade do engenho, appareceram ahi a pinchar na vaza das letras como sapos de lameiro em tarde trovejada de julho. O mais sapo nas *verdes podridões*, consoante o phrasear colorido do snr. Guerra Junqueiro, é este marau da *Actualidade.*

Veio de Lisboa assoldadado para a imprensa do Porto, em serviço de um ignobil aventureiro. Pôz o seu pulso á disposição do estomago, e aviltou a probidade de homem no começo da vida publica, prestando-se a dar vaias, — *piadas* no calão fadista do birbante que o estipendía — a pessoas que pareciam respeital-o com o seu desprezo silencioso.

Fui eu, desde muito, insultado em livros e

folhetos por este gandaieiro da vadiagem lisboeta. Perguntei um dia quem era o enxovêdo, e que razões lhe teria eu dado para não perder lanço de me offender. Responderam-me que era um dos Báthylos do Joaquim Theophilo; e que um dia, o sordido Anachreonte, que poetára amores de Gomorrha na *Visão dos tempos*, desembuçára-se da mascarrada chlamyde, e déra á luz este safado *pinto* que sahiu grôlo do ovo.

Já sabem d'onde elle vem.

Disseram-me, outro sim, que um escriptor brioso, chamado Santos Nazareth, jogára com elle a bilharda nas pontas das botas em pleno café-Martinho; de modo que nenhuma pessoa medianamente briosa póde hoje roçar-lhe na cara a palma de uma luva. A parte, portanto, que porvindouramente me houvesse de caber em despiques de pundonor, essa — aviso á *Actualidade* — pertence á alçada do meu gallego.

Não sei se o publico portuense tem reparado que os seus bons escriptores ou morrem ou fogem. O visconde de Benalcanfor, Ricardo Guimarães, aquelle florido talento que disputou a Lopes de Mendonça as galanterias do folhetim; — Ramalho Ortigão, o prosador elegantissimo, o fidalgo da graça senhoril, a revelação mais assignalada que ainda tivemos do espirito francez; —

Alberto Pimentel, a quem se estão desentranhando em fino ouro os minerios mais copiosos da vernaculidade; Sousa Viterbo, dulcissimo poeta e prosador correcto, estes, que seriam para o Porto bastantes padrões de sua litteratura, passaram para Lisboa; — é Silva Pinto, a escoria da cainçada litterateira de Lisboa, baldeou-se no Porto.

É sorte funesta!

Entra o homem na fiscalisação de uma sentina jornalistica; e, apenas me vê a sombra na pagina de um livro, insulta-me. Lanço mão do ferro, carmeio-lhe parte da lã, almofaço-lhe a carepa, e deixo-o. O leitor das *Noites* bem viu. Mostrei ao insolente que não sabia portuguez nem francez; que não estava na plana dos criticos; que a sua ignorancia, com alguma modestia, poderia grangear a caridade publica; emfim, este sentimento da compaixão ia manietar-me, quando elle, sacudindo o aziar, volveu a espojar-se-me na testada da casa.

O desgraçado resvalou á ignominia. Como não teve que redarguir contra as tagantadas litterarias que lhe verberei á ignorancia, ameaça-me com devassar os actos da minha vida particular. São-lhe franqueados os umbraes da minha vida. Póde entrar o infame.

Ahi está o homem que denigre e deshonra

as pugnas litterarias. Estrangulado pela critica severa, resfolegará ainda pela vilta da calumnia.

Veja-se o n.º 94 da *Actualidade.*

Ao mesmo passo (leia *trote*) que me insulta, espolia-me o ratoneiro. Cotejemos, e veja-se que até lhe escasseia o brio para se desforçar com palavras de lavra sua. Em um folhetim meu, intitulado a *Coróa de ouro*, publicado em 1872, escrevêra eu as seguintes linhas: ... *Uns taes cujo nome infame ha de sobreviver ás producções gafadas, e cuja probidade é tão sómente a necessaria para não serem enforcados*, *como dizia Molière... Os magarefes da carne putrida que lhes sobeja nas alcovas...* E vai elle, o *escroc* litterario, com pouca alteração, como o leitor ahi viu, faz suas, assignalando-as em grypho para lhes imprimir energia, essas mesmas phrases.

Este bargante, se um dia vier a ganhar a vida esfaqueando a gente, rouba primeiro a navalha á victima. Lacénaire foi muito mais intelligente e honrado: era melhor escriptor, e comprava as facas com que escrevia as suas locaes no redenho do proximo. E Pasquino, quando injuriava, era com palavras proprias.

Supponhamos, porém, que o traste é originalmente insultador. Que motivos lhe dei para o

insulto? Dissera-lhe eu que elle estupidamente chamára *trilogia* a tres comicos. E defendeu-se elle d'essa arguição, que era o ponto da contenda?

Veja o leitor a defeza. Primeiramente attribue a erro do typographo a bestidade. Que villão! Se o artista, que lhe compôz o artigo, tivesse bastante dignidade ou independencia, devia desfazer-lhe o original na cara. Eu de mim creio que na officina da *Actualidade* não ha typographo tão soez como o gamenho que a redige.

Depois (veja o leitor a meio da columna) nega que houvesse escripto a noticia como eu a interpretára. E escreve que eu *alludira ao seguinte periodo de uma local* do seu n.º 28: *Estão em scena Robespierre, Marat e Danton*, a *trilogia collossal* (com tres *ll.* — Nem orthographia!)

E acrescenta:

O chapado ignorante que só serve para fabricar descomposturas, não percebeu o porquê *da trilogia applicada aos tres nomes que representam tres quadros distinctos da* tragedia *da Revolução.»*

Nega, pois, que chamasse *trilogia* aos tres artistas; e o leitor mais ou menos desmemoriado, ou indeciso a respeito da lealdade da minha critica, fica talvez imaginando que eu distendêra

iniquamente as orelhas elasticas da besta, calumniando-a.

Ah! não. Eu vou dar á respeitavel opinião publica o fiel traslado da asneira em litigio.

«Actualidade» *n.º 51 de 7 de abril de 1874.*

«Baquet. — *Corre que estão escripturados, ou que vão sel-o, n'aquelle theatro os actores Polla e Pinto de Campos, e actriz Maria das Dôres, de Lisboa.*

«*E' uma esplendida acquisição para aquelle theatro a da* TRILOGIA *que acima fica*. Agour*amos bellas noites ao publico e á empresa.*»

Que faz o leitor depois que leu isto? Vai extrahir da propria noticia uma palavra composta de duas syllabas. É um passatempo que tem seu tanto ou quê de philologico. Procuremos as duas palavras com pachorra, visto que a temos para as charadas novissimas. Eu ponho em versaletes as syllabas quando fôr tempo. Vamos lá: «E' uma esplendida acquisição (diz elle) para aquelle theatro a trilogia que acima FICA. AGOUramos *etc.*» O publico depois de compôr a torpissima palavra, entendeu mentalmente, e de si comsigo, que o

escriptor previu o que o leitor lhe faria na reputação.

Agora, canalha! levanta-te d'ahi, e senta-te n'uma tripeça! Antes que faças da penna faca de sicario, converte-a em sovella.

E tu, divino Apollo, que uma vez escorchaste Marcyas, permitte que eu te deponha nas aras este fétidissimo bode esfolado.

CARTA AO SNR. CONSELHEIRO VIALE

Ill.mo e exc.mo snr.

Não sei se v. exc.a é assignante d'estas NOITES DE INSOMNIA. A certeza affirmativa ser-me-hia por tanta maneira estimulo de desvanecimento

que eu não ouso preluzir-me a hypothese de que v. exc.ª contribue com dous tostões para a minha gloria. Quero antes, absorvendo as fumaças da vaidade, prefigurar-me que v. exc.ª nunca se apoucou até ás futilidades dos meus livros. Na modesta conjectura, pois, de que estes folhetos lhe são menos conhecidos que as lyricas ineditas de Amphião, filho de Jupiter e Antiope, afouto-me até á temeridade de enviar-lhe este n.º 6 das *Noites*, solicitando da sua cortezia a graça de m'o lêr desde paginas 88 até paginas 94.

O bode que eu ahi offereço a Apollo, á imitação do *cultrarius* dos sacrificios antigos, chama-se fulano de Silva Pinto, e diz que foi discipulo de v. exc.ª em historia antiga, depois de ter escripto que uma actriz e dous actores eram uma *trilogia*.

Tenho a honra, exc.mo snr., de trasladar, para escarmento de tão erudito professor, as textuaes palavras d'este seu discipulo, estampadas no n.º 94 da *Actualidade: ...Nós merecemos a honra de obter do professor Viale officiaes informações em aula de litteratura antiga.*

Realmente, snr. conselheiro, este sujeito foi discipulo de v. exc.ª em historia antiga? No caso affirmativo, deu-lhe v. exc.ª a tal citada honra de o informar officialmente?

E' de esperar que v. exc.ª me não responda; todavia ouso pedir-lhe que ao menos se digne indicar-me como devo interpretar o seu silencio; a não querer v. exc.ª antes, em carta confidencial ao seu discipulo, dizer-lhe em grego: κελευω πινειν, ao mesmo tempo que eu cá lh'o digo a elle em portuguez.

Ponho á disposição de v. exc.ª a minha ignorancia com as informações officiaes de que sou digno, e a relevante bravura com que entro ao circo qual outro *bestiarius* (θηριομάχης), a arcar com esta besta-fera que sahiu da escóla que v. exc.ª tão vantajosamente rege.

De v. exc.ª

Ill.mo e exc.mo snr. conselheiro Antonio José Viale

devoto humilimo e derreado admirador

Etc.

QUINTA-ESSENCIA DE MALANDRIM

(A *ACTUALIDADE*)

Trata-se de Silva Pinto.

Este pifio e latrinario jornaleiro da *Actualidade*, escreveu, no dia 11, que eu pedira que me apresentassem a Castellar, no theatro.

No dia 16 e 17, publicaram o *Commercio do Porto* e o *Primeiro de Janeiro* a seguinte correspondencia:

DECLARAÇÃO

Constando ao snr. Camillo Castello Branco que uma local inserta na *Actualidade*, de 11 do corrente, com a epigraphe — Elle — se refere á entrevista que o referido senhor teve com o snr. Emilio Castellar no theatro do Principe Real, d'esta cidade, na qual se inverte a verdade dos factos, apressamo-nos, como testemunhas presenciaes, a declarar com toda a imparcialidade como as cousas se passaram.

Achando-nos n'um dos intervallos do espectaculo em companhia do snr. Camillo Castello Branco, junto á varanda que separa a orchestra da plateia, appareceu alli o snr. D. Marcos Arguelles a convidar o snr. Camillo para uma entrevista com o notavel orador, o snr. Castellar. O snr. Camillo, depois de agradecer as attenções do snr. D. Marcos, pediu-lhe escusa, apresentando para isso algumas razões muito dignas e a circumstancia de não estar n'aquelle momento com um vestuario proprio para uma tal apresentação. O snr. D. Marcos continuou, porém, a insistir e, como o snr. Camillo persistisse na sua recusa, disse-lhe por ultimo que, se era preciso, ia chamar o consul hespanhol para o convidar, e que o snr. Castellar já estava no salão á sua espera para o comprimentar. Foi então que o snr. Camillo se resolveu a aceitar o convite do snr. D. Marcos.

Eis aqui a narração fiel de tudo quanto alli se passou, com relação a este facto e que está em completa contradicção com a local da *Actualidade,* se com effeito o que n'ella se affirma, se refere ao snr. Camillo Castello Branco.

Porto, 15 de junho de 1874.

João Pereira d'Albuquerque.
Antonio Nicolau d'Almeida Junior.

Ahi fica o perfil do mariola, e a torpe vida que se vive n'aquella gazeta.

No dia seguinte, a *Actualidade* injuriava a probidade d'essas duas assignaturas que me honraram com o seu testemunho.

Já ouvi dizer a certas pessoas incautas que este Silva era um bom rapazinho, forçado pela fome a rabiscar diffamações.

Não póde ter bondade quem, de animo frio, divulga aleivosias: o mais que póde ter é fome.

Desista o snr. Silva de trocar calumnias por meios-bifes, que eu lhe prometto obter-lhe entrada no asylo dos *Garotos desamparados*; e, desde já, escrevo ao snr. David, da rua de Santo Antonio, para que o vista de novo; e, pois que a sua hyndiocrasia é o couce, recommendarei que lhe deixe bem folgada a retranca.

FIM DO 6.º NUMERO